



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

*ABANDONO ESCOLAR APÓS O RITUAL DE
EFUNDULA – EXPERIÊNCIA E PERSPETIVAS DE
UM GRUPO DE MÃES ADOLESCENTES DO
CUANHAMA/ANGOLA.*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Prudência Arlinda Ndamonovanu

Porto, julho de 2017



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

*ABANDONO ESCOLAR APÓS O RITUAL DE
EFUNDULA – EXPERIÊNCIA E PERSPETIVAS DE
UM GRUPO DE MÃES ADOLESCENTES DO
CUANHAMA/ANGOLA.*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Prudência Arlinda Ndamonovanu

Trabalho efetuado sob a orientação de Prof. Doutora maria Raul Lobo Xavier

Porto, julho de 2017

Epígrafa

“A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof. Dra. Maria Raul Lobo Xavier, o meu muito obrigada por todos os momentos de aprendizagem, partilha, disponibilidade e orientação ao longo do meu mestrado!

Ao prezado Pe. Germano Penemote, a minha perpétua gratidão pela confiança, disponibilidade, atenção, dedicação, apoio incondicional, paciência, carinho e compreensão que me proporcionou durante o percurso da minha vida e por todos os momentos em que não mediu o esforço para atender os meus apelos durante os anos da minha formação. Da mesma forma agradeço imensamente ao estimado Prudêncio Arlindo do Rosário Hilenikehafo, que não mediu esforços e dedicação para que esse trabalho se tornasse possível.

A todos os meus familiares, especialmente ao avô Tomás Hamwati ya Nekongo, aos meus pais Atanásio Halipo e Inocência Ndemuponele, ao Manuel Amaral da Silva e Natália Ndeyamunye da Silva, assim como os tios Altino Tuleingepo, Celestino Salukeni e Augusta Ferreira, Haleinge Gabriel Felício e Paula Mbelawalwe, o meu muitíssimo obrigada pelo enorme acompanhamento, apoio, amor e toda a dedicação.

À minha querida irmã Jersia Silva, a minha melhor amiga Adélia Helena Tando, a Creusa André, ao Dr. Pitra dos Santos e a sua família, o meu muitíssimo obrigada pelo afeto, carinho, paciência, apoio e dedicação que me proporcionaram todos os dias da minha formação.

A todos os meus irmãos e primos, em especial ao Albertino Ndisivike, Ovídio Felício, Ernesto Helao, Gaudência Hipudilo, Rosélia Felício, Laurentina Peingomake, Danila Hikusisa, e Novicia Ndilimeke o meu muito obrigada pelo incansável amor, amizade e apoio.

Aos meus queridos amigos, em especial ao Marcos dos Prazeres Mateus Luís, Benício Herculano Kapitifeni, Charles de Brindes Ndeitunga, Tarcísio Ndilipohamba, Osvaldo Ernesto Songo Cangonjo e ao Stênio Reis, o meu muito obrigada pelo apoio, pelos momentos que partilhamos juntos, pela dedicação e estima que me proporcionaram nos momentos da minha formação.

Aos senhores padres Agustinho Hinua, Alexandre do Nascimento Hikimote Ndimunu, Eurico Bacelar Satumbu, Gaudêncio Félix Yakuleinge, Lázaro Kondjasili, Nazário Amado Kwatouta, Severino Hisekwa, Virgínio Lidinikeni, assim como as irmãs Ernestina Hinapahaitale e Ágata Ndamonekwafo, muito obrigada pelo apoio, confiança e consideração.

Aos senhores Aldovino Teodósio e Nicolau Mwesipewa, o meu muito obrigada por todo apoio demonstrado dentro dos respetivos ofícios.

À todas as minhas colegas da licenciatura e mestrado e todos vocês que fazem parte da minha caminhada e me ajudam a crescer, um obrigado de coração!

Em fim, ao Dr. António Didalelwa, de feliz memória, que em vida mostrou-se sempre disponível e de braços abertos sustentou a minha formação e com verdadeiro conselho de pai e angolano exemplar ansejava pelo bem-estar do País e da sua terra, À MINHA ETERNA GRATIDÃO!

Preâmbulo

Nasci no município do Cuanhama na província do Cunene (Angola). Em 1998, com 13 anos e estando no 4.º ano de escolaridade, prossegui para Luanda, capital de Angola, onde, vivendo com uma nova família, daria continuidade aos meus estudos no ano seguinte. Em 1999 recomecei o 4.º ano, com enormes dificuldades de enquadramento a nível social, escolar, cultural e linguística, factos estes que me conduziram a experienciar algumas situações de exclusão social e *bullying*, os quais anos mais tarde ultrapassei com sucesso.

Em 2007, já com o 12.º ano de escolaridade feito, ingressei na escola de formação de professores do futuro, da ONG *Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo* (ADPP) em Luanda. Após três anos de formação comecei a dar aulas às crianças em instituições públicas e privadas, na sua maioria em zonas suburbanas de Luanda, numa sociedade em que estão presentes diversos obstáculos que contribuem para o insucesso escolar das crianças tais como a violência doméstica, consumo excessivo de álcool, falhas de eletricidade, falta de saneamento básico, etc. Estes obstáculos exigiram de mim, como professora, um envolvimento “empírico” com as famílias e a comunidade com o firme objetivo de minimizar o insucesso escolar, estimular a aprendizagem nas crianças e reduzir o número de reprovações.

Enquanto a minha vida caminhava neste sentido, que mais tarde se refletiu na escolha de seguir psicologia, as minhas irmãs mais novas cresciam no município do Cuanhama, num meio onde as raparigas após a puberdade enfrentam a vivência do rito de iniciação à vida adulta, nomeadamente *Efundula*. Nos últimos 7 anos vi-me a viver de longe, de cada três em três anos, à situação do abandono escolar a instalar-se no seio da minha família, por cada menina que fazia *Efundula* (seja ela irmã ou prima). Outras fontes de alarme são os meios de comunicação social que têm vindo a relatar insistentemente casos de abandono escolar, aparentemente premeditado.

A minha vivência com uma segunda família e no internato da ADPP ajudou-me a desenvolver o espírito de comunidade e sentimento de entreajuda. Dai, percebi que estudar não era mais do que libertar-se de muitos preconceitos sejam eles de inferioridade, supremacia, socioculturais, ou inibidores do desenvolvimento intrapessoal. Deste modo, a minha ligação com o tema que abordo neste estudo não só resulta do fato de ser natural do município do Cuanhama, mas também como professora do ensino primário e uma vez que lidei com muitos casos de absentismo que nalguns casos não terminaram no abandono escolar devido a minha intervenção “empírica”, tornou-se, para mim, um imperativo categoricamente relevante a questão do saber-fazer, na lógica preventiva e remediativa, para o bem das novas gerações.

Resumo

Nos últimos anos diversos trabalhos têm vindo a abordar o jogo complexo que, na África subsariana, relaciona o abandono escolar no feminino e os ritos de passagem entre a infância e a vida adulta. A investigação científica explora estes elementos integrando muitas vezes no quadro de leitura o tema da gravidez/maternidade precoces. No entanto, a ligação entre estes aspetos não é completamente clara e mais informação é necessária para que se possa acompanhar estas situações.

Tanto quanto sabemos não existe nenhum trabalho realizado em Angola que explore as atitudes quanto à escolaridade e abandono escolar e quanto à vivência dos ritos de iniciação (*Efundula*) em jovens mulheres cuja gravidez/maternidade aconteceu quando tinham menos de 18 anos, que passaram pelo *Efundula* e que abandonaram a escola. O estudo que aqui se apresenta procura ser um primeiro passo no aprofundar de conhecimentos nesta área, dando voz às próprias envolvidas enquanto “informantes-chave”. Procura-se assim, explorar as suas experiências e perspetivas face ao *Efundula*, à vida escolar e ao abandono desta. Mais especificamente, explorar as suas cognições, emoções e comportamentos (atitudes).

O grupo de participantes é constituído por 10 mães, entre os 16 e os 18 anos, com filhos, que viveram o *Efundula* e que, entretanto, abandonaram a escola.

Quanto ao *Efundula*, parte das participantes referem que não foi decisão delas a participação, mas entendem o seu papel enquanto “tradição”. A sua experiência escolar é descrita positivamente, valorizando aspetos diversos. O abandono escolar é muitas vezes relacionado diretamente com a gravidez/maternidade, mas não com o *Efundula*. Este é relacionado diretamente com a gravidez e a maternidade. A maioria das participantes referem querer voltar à escola.

Estes dados apontam para a necessidade de se conhecer mais este fenómeno do abandono no feminino, para se poder intervir/prevenir diminuindo o seu peso individual e social.

Palavras-chave: abandono escolar, *Efundula*, gravidez; maternidade

Abstract

In recent years, several studies have been addressing the complex game, which in sub-Saharan Africa relates school drop-out in women and rites of passage between childhood and adulthood. Scientific research explores these elements by integrating the topic of early pregnancy / maternity often into the framework of reading. However, the link between these aspects is not completely clear and more information is needed to follow these situations. As far as we know there is no work done in Angola that explores attitudes about schooling and school dropout and about the experience of initiation rites (*Efundula*) in young women whose pregnancy / maternity happened when they were less than 18 years old, who passed through *Efundula* And who dropped out of school. The study presented here seeks to be a first step in deepening knowledge in this area, giving voice to those involved as "key informants". In this way, it is specifically sought to explore their attitudes (cognitions, emotions and behaviors) in relation to *Efundula*, to school life and to abandoning it. The group of participants consists of 10 mothers, aged between 16 and 18, with children, who lived in *Efundula* and did not attend school. As for *Efundula*, part of the participants stated that it was not their decision to participate, but understood their role as "tradition". His school experience is described positively, valuing different aspects. Dropout is often directly related to pregnancy / maternity, but not to *Efundula*. This is directly related to pregnancy and maternity. Most participants report that they want to go back to school. These data point to the need to know more about this phenomenon of abandonment in the female, in order to be able to intervene / prevent reducing their individual and social weight.

Keywords: school dropout, *Efundula*, pregnancy; maternity

ÍNDICE GERAL

Introdução	12
PRIMEIRA PARTE: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
CAPÍTULO 1. ABANDONO ESCOLAR E FATORES ASSOCIADOS	14
1.1. Abandono escolar em África subsariana	17
1.2. Angola – Educação, abandono escolar e gravidez	18
CAPÍTULO 2. VIVÊNCIAS CULTURAIS FEMININAS NA PUBERDADE NO CUNENE	21
2.1. Introdução	21
2.2. O <i>Efundula</i>	21
SEGUNDA PARTE: INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	22
CAPITULO 1. QUESTÕES E OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO	23
CAPITULO 2. METODOLOGIA	23
2.1. Participantes	23
2.2. Instrumento	24
2.3. Procedimentos	25
2.3.1. Procedimentos de recolha de dados	25
2.3.2. Procedimento de análise de dados	25
CAPITULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	25
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	40

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Imagens do contexto de vida das participantes	
Anexo 2.1. Guião de entrevistas Semiestruturado em Português	
Anexo 2.2. Guião de entrevista em <i>Oshikwanhama</i>	
Anexo 3. Declaração co consentimento informado da entrevistadora	
Anexo 4. Consentimentos informados das participantes	
Anexo 5. Sistema Geral de Categorias	
Anexo 6. Descrição do sistema geral das categorias	
Anexo 7. Sugestões	
Anexo 8. Entrevista em Português	

Índice de Abreviaturas

ONG – Organização Não Governamental

ADPP – Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo.

AE – Abandoo Escolar

DE – Desistência Escolar

QI – Questões de Investigação

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

GEEPC - Gabinete de Estudos Estatísticos e Planeamento do Cunene

INE - A- Instituto Nacional de Estatística - Angola

Significados de termos em *Oshikwanyama*

Efundula – casamento

Edelela – saias

Missangas – adornos e joias que as mulheres usam ao pescoço

Oshide – creme avermelhada como tinta com que se ungue o corpo das mulheres

Olupale – átrio onde o varão dono de uma casa tradicional exerce a sua autoridade

Omalodo – bebida extraída dos grãos de sorgo

Okakadona – jovem do sexo feminino

Okakamba – taberna geralmente para a venda de bebidas alcoólicas

Oshingobele – abrigo feito com paus e ramos de árvores verdes para pessoas e bens no *Efundula*

Omafia – três suportes de panelas usados para cozinhar alimentos no *Efundula* (e nas casas)

Onhynda – facho grosseiro de pau seco para iluminar em ambientes obscuros

Waninaenamo – expressão usada para dizer as meninas que, uma vez introduzidas no quarto de cerimónia de *Efundula*, já não podem escapar daí sem cumprir com o rito

Ondudu – curandeiro e/ou mestre de cerimónias tradicionais

Kefes – tabernas de comércio de bebidas

INTRODUÇÃO

O presente trabalho corresponde à dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa e tem como tema o abandono escolar após o rito de *Efundula* (rito de iniciação à vida adulta) - experiência e perspectivas de um grupo de mães adolescentes do município do Cuanhama, na província do Cunene no sul de Angola.

A educação é um elemento determinante para garantir a realização pessoal e a participação na vida ativa e, torna-se a base primordial para um progresso social por todos desejado numa sociedade em que se almeja o desenvolvimento (Vasconcelos, 2013). Esta educação se adquire e se desenvolve num elo de ligação, que envolve a escola e a família, assentes nas raízes culturais predominantes no seu contexto comunitário e também no poder político local (Mucopela, 2016).

A formação da identidade de um indivíduo enquanto ser social, resulta de diversas experiências e conhecimentos adquiridos nos seus contextos de vida, ao longo do crescimento. Nesta constituição do Homem em busca constante do seu desenvolvimento, a escola torna-se o meio fundamental para a orientação e desenvolvimento da sua identidade enquanto ser individual, enquanto membro de uma família e enquanto um cidadão social. Daí que o abandono escolar seja visto como um grande obstáculo para a evolução de qualquer sociedade (e.g., Vasconcelos, 2013; PETI, 2008). Trata-se de uma série de barreiras na execução de objetivos sociais, que lesam o desenvolvimento económico do país (Ferreira, 2006), constituindo o fracasso e insucesso da sociedade em que o indivíduo está inserido, uma vez que este, é privado da obtenção de mais aptidões para uma integração próspera nesse mesmo meio social (Oliveira, 2009).

Geralmente, este abandono, é entendido como o afastamento das atividades escolares sem que o aluno tenha completado o percurso estudantil obrigatório e/ou atingido a idade legal (Benavente et al., 1994). Estes critérios variam, pois, de país para país, sendo que em Angola muitas vezes a escola é iniciada tarde, prolongando-se, em princípio para a adolescência, inclusivamente, o ensino da escolaridade obrigatório foi há pouco tempo prolongado até a 9ª classe.

A abandono escolar (AE) é percebido como um fenómeno que não acontece por acaso, o que demonstra a possibilidade de intervenção e, inclusive, de prevenção (Benavente, 1994). Neste sentido, ao investigarmos esta temática tão pouco estudada no país, embora alguns estudantes angolanos tenham abordado temáticas como abandono escolar no ensino primário (Tchifulezi, 2016) gravidez precoce (Chipalanca, 2014); e, gravidez na adolescência e (in)sucesso escolar em Angola (Bastos & Flora, 2015). Todas estas pesquisas mais centradas nas províncias de Luanda e Benguela, tanto quanto sabemos, não existem estudos no Cunene. Assim procuramos estar caminhando em direção a possíveis mecanismos de intervenção.

A pertinência deste estudo, por um lado prende-se na exploração deste tema que anteriormente não foi analisado e na contribuição da investigação, de forma a preencher o vazio de informação existente a respeito desta temática referente a província do Cunene. Por outro lado, visa proporcionar

informação para estabelecer novas linhas de pensamento sobre a prática do rito de *Efundula* na adolescência, e as consequências do AE, abrindo caminho para novas formas de trabalhar este tema com as populações locais, para o futuro da província em particular e do país em geral. Neste sentido, a nossa investigação consiste na exploração das dimensões AE e vivências do rito de *Efundula*, que provavelmente formam um jogo de interligação, na vida de muitas jovens do referido contexto.

Alguns estudos realizados na África Subsariana têm apontado uma sequência de práticas ritualísticas, que orientam as meninas para um casamento prematuro (e.g., Carvalho & Silva, 2009; FNUAP & UNICEF, 2014), que conseqüentemente se relacionam com a gravidez precoce, o que sobrepõe alguns riscos para o AE (CECAP, 2014).

Assim, no nosso trabalho, procuramos dar voz às jovens que vivenciaram o rito de *Efundula* e abandonaram a escola. Deste modo, o objetivo geral do presente estudo é precisamente explorar as percepções e vivências de escolaridade e do rito de iniciação das jovens mães que abandonaram a escola, no sentido de perceber as suas percepções/representações quanto ao papel dessas vivências na decisão do abandono escolar. Esta exploração, baseou-se em várias dimensões associadas à vivência do *Efundula* (precisamente dos significados) e da escolaridade (nomeadamente do AE).

Em termos gerais, isto é, fora do contexto Angolano, tanto quanto é do nosso conhecimento, existem uma gama de investigações que abordam a temática do abandono escolar (e.g., Blanc & Janosz, 1999; Justino, 2010; Rosa, 2013), ritos de iniciação (e.g., Carvalho & Silva, 2009; Mucopela, 2016), e a gravidez/maternidade precoce (e.g., Lloyd & Mensch, 2008; Heslop & Parkes, 2013), várias vezes relacionando estes temas entre si, mas habitualmente dois a dois (e.g., ActionAid, 2013; CECAP, 2014). Assim, embora focando-nos no AE e *Efundula*, procuraremos indagar, tanto quanto possível como esta dimensão da gravidez/maternidade se integra.

O estudo conta com uma parte eminentemente teórica, estabelecendo um quadro de referência. Importa primeiro abordar o conceito do AE de uma forma geral, considerando as suas causas e consequências e destacando as relações com a gravidez na adolescência (gravidez precoce). Partindo do geral para o particular, procura-se explorar a situação do AE na África Subsaariana, e seguidamente, focamo-nos em Angola, refletindo sobre educação, AE e gravidez no país.

A segunda parte apresenta o conteúdo e a organização da parte empírica do nosso estudo. E, respetivamente apresentamos as questões de investigação e os objetivos e a apresentação e análise/discussão dos resultados.

Por último, o estudo termina evidenciando a situação do fenómeno do AE, no município do Cuanhama, olhando para o modo como as raparigas vivenciam e valorizam a escola e os rituais culturais. Também serão abordadas algumas limitações do mesmo e sugestões para o futuro.

PRIMEIRA PARTE: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. ABANDONO ESCOLAR E FATORES ASSOCIADOS

A escola constitui o núcleo central na formação do indivíduo. É na escola que as crianças e jovens aprendem uma variedade de conhecimentos e competências para adquirir a educação formal (e.g., Delors et al, 1999). Esta educação promove o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas, na medida das suas potencialidades (ONU, 1992). Prepara a criança e depois o adolescente para uma vida adulta ativa, numa sociedade livre, e, vincada para o respeito pelos pais, pela sua identidade, pela sua língua e valores culturais, bem como pelas culturas e valores diferentes do próprio (UNICEF, 1990).

Esta educação deve, segundo Durkheim (1999 cit in. Lucena, 2010), satisfazer, antes de tudo, a necessidades da sociedade, deste modo, torna-se imprescindível que, ao desejar melhorar a sociedade, o indivíduo melhore a si mesmo. Tal ideia remete para a necessidade de o indivíduo estar enquadrado num sistema educativo. Na perceção de Caetano (2005), esta permite capacitar o indivíduo para os desafios no presente e conseqüentemente as novas gerações para os desafios no futuro, sendo que, como já referido anteriormente, esta educação não é só um direito do cidadão, mas também um dever para com a sociedade (Canavarro, 2007).

Nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX não se colocava a questão do AE como algo problemático. Foi nos meados do século XX, que o abandono escolar começa a ser considerado um fenómeno com repercussões negativas, não só na vida do indivíduo por falta de competências pessoais e de qualificação para a vida profissional, mas também no desenvolvimento socioeconómico do país, ao responder a maior número de necessitados e desempregados (Santos, 2010).

Hoje, depois da primeira década do século XXI, estes efeitos são observáveis nos jovens que, por diversas razões deixam de frequentar a escola sem terem concluído a escolaridade obrigatória. O que faz com que, o fenómeno do AE seja identificado como um problema universal, (embora muito vincado nos países menos desenvolvidos) (Canavarro, 2007), e se torna uma prioridade a combater.

Assim, a preocupação com o AE não é apenas assunto dos países menos desenvolvidos ou da África em especial. É também uma preocupação dos países desenvolvidos, embora para eles, este aconteça ao nível do ensino secundário e não no ensino primário como é o caso de Angola, onde até outubro de 2016 a escolaridade obrigatória era até a 6.^a classe (ensino primário) passando atualmente para a 9.^a classe de escolaridade obrigatória (ensino secundário) (RME, 2017).

O termo escolaridade obrigatória é explicado por Canavarro (2004) como sendo “obrigação mútua do Estado para com os indivíduos” e, dos indivíduos e de suas famílias, (visto que estão em causa menores de idade) para com o Estado uma vez que “cabe ao Estado proporcionar as condições adequadas para uma escolarização bem-sucedida” (Canavarro 2004, p. 339).

O conceito de AE patenteia várias definições e há autores que evidenciam a distinção do termo “abandono escolar” e “desistência escolar (DE)”. Por exemplo na Comissão Intersectorial de Reinscrição

Educativa do Chile (2006) o abandono é visto como um processo de alheamento, demorado de um espaço de frequência quotidiana como é o caso da escola. Implicando o afastamento de certos rituais pessoais e familiares, que interferem negativamente no desenvolvimento da identidade, e, na projeção pessoal de uma criança (CIRE, 2006).

Ferrão (1995) por exemplo, admite a diferença entre AE e DE. Para ele, o AE dá-se no final do ano letivo e significa rompimento com o sistema educativo. Sendo que a DE acontece a qualquer altura do ano letivo, e está relacionado com as situações de transferência de escola.

Já na compreensão de Benavente (1994, p. 26), as duas designações estão associadas e considera que (...) *“abandono ou desistência significa que um aluno deixa a escola sem concluir o grau de ensino frequentado, por outras razões que não sejam a transferência da escola ou ... a morte”*. O momento em que o aluno abandonou a escola pode ser importante para perceber a situação, mas isso não modifica o fundamental (Benavente et al., 1994).

Entretanto, é imprescindível elucidar que, o que está aqui em causa não é tanto o momento em que as alunas abandonaram a escola, mas sim a não conclusão da escolaridade obrigatória, e o insucesso da sociedade em que estão inseridas estas alunas que optaram por abandonar, por desistir de concluir o percurso académico (a escolaridade obrigatória/obtenção de mais habilitações) que lhes possibilitaria integrar-se plenamente nesta sociedade em que vivem.

Assim, entendemos por AE, a interrupção da frequência do aluno no sistema de ensino, sem o ter concluído, por um período considerado suficiente para que uma ausência possa transformar-se num afastamento praticamente irreversível (Justino, 2010). Nesta mesma linha de pensamento, Santos (2010), acrescenta que o AE é um problema do domínio da conduta individual e não é uma decisão repentina, mas, é produto de um longo processo de tensões, desajustamentos, fracassos e desinteresse pela escola. Sendo que a saída antecipada da escola põe em causa o valor instrumental da escola, como participante no desenvolvimento pessoal e de preparação para a vida ativa que o aluno se nega a reconhecer (Santos, 2010). Estudos realizados dentro e fora do contexto europeu (e.g., Black et al., 2011; Caliendo & Kunn, 2011) revelam que, quando o percurso de formação de um jovem é interrompido, mesmo temporariamente, ocorre uma fuga do sistema de ensino. E quanto maior for o tempo decorrido antes do retorno do jovem à formação, dentro de qualquer percurso formativo, maior é a possibilidade deste ficar permanentemente, fora do mundo da formação.

Azevedo (1999), vai ainda mais longe ao afirmar que o AE é um complexo problema social, desde as suas causas até à formas como se concretiza, e, ainda nas consequências sociais e profissionais do indivíduo. O autor acrescenta que *“o carácter sistémico do fenómeno compreende quatro subsistemas: o indivíduo, a família, a escola e o meio envolvente”* (Azevedo, 1999, p.84). Significa que as causas que promovem este AE e a saída do sistema de ensino estão relacionadas com a qualidade e a intensidade da interação destes subsistemas.

Nos dias de hoje, é cada vez mais esperado que a escola funcione de modo a responder às diversas necessidades dos seus alunos, para que, deste modo possa contribuir para o sucesso académico e para a

sua realização pessoal. Neste sentido, o fenómeno do AE exige urgência no sentido de se encontrar os fatores que contribuem para a existência do mesmo, assim como, atuar de modo a minimizar os seus efeitos em diversos contextos incluindo o contexto escolar.

A literatura revela que a natureza multifatorial das causas do AE é resultante de um processo no qual se entrelaçam diversas circunstâncias individuais, fatores educacionais e condições socioeconômicas (e.g., NRC / OIM 2005). E evidencia que os fatores que estão na origem do AE costumam a constituir dois grupos explicativos, integrando variáveis de carácter intraescolar e extraescolar (Silva, 2014).

Sendo que, no ponto de vista intraescolar se encontram fatores relacionados com o baixo rendimento escolar (Janosz et al., 2000 cit in. Silva, 2014), a elevada mobilidade estudantil (Ream, 2005; Ream & Rumberger, 2008), a retenção (Roderick, 1995; Anderson & Whipple, 2002) e idade acima da média dos alunos que frequentam determinado ano (Roderick, 1994), assim como a combinação destas e outras variáveis (Cabrera & La Nasa, 2001; Croninger & Lee, 2000; Goldschmidt & Wang, 1999; Rumberger, 1995) tais como a falta de ética e deontologia profissional de alguns professores, assédio sexual e a falta de meios que asseguram os alunos no contexto escolar como a alimentação, e a segurança/proteção (Rosa, 2003).

Relativamente aos fatores de carácter extraescolar, mais concretamente no contexto familiar, destaca-se o divórcio, os acontecimentos de vida significativos, as dificuldades financeiras, o elevado número de filhos, gravidez precoce do próprio indivíduo, a falta de apoio e incentivo dos pais, o casamento prematuro, a violência doméstica, e o consumo excessivo de álcool (e.g., EPAV, 2015). Evidencia-se também outros fatores sociais, tais como é a situação económica do país, a falta de materiais escolares, e o incentivo de oportunidades de emprego (Silva, 2014). E ainda fatores de carácter intrapessoal relacionados com as dificuldades de assimilação dos conteúdos curriculares, o impulsionamento a uma entrada precoce no mundo do trabalho e o interesse em ganhar dinheiro (Oliveira, 2009).

No que diz respeito especificamente à gravidez que decorre na adolescência/gravidez precoce, nas últimas décadas tem sido observada como importante assunto de saúde pública e de desestabilização social, devido à amplitude desse fenómeno em todo o mundo (e.g., UNICEF, FNUAP & CECAP 2011; UNICEF, 2015). Uma gravidez, nessa fase, proporciona entrada precoce na vida adulta e amadurecimento para o qual a adolescente ainda não se encontra preparada biológica e psicologicamente para enfrentar (e.g., Bueno, Feijó, Hypolito, Padilha, Schwartz & Soares, 2011). Como já referimos anteriormente, tem se acreditado que a gravidez na adolescência pode ser responsável pelo AE e baixa escolaridade, o que levará à adolescente a falta de qualificação, reduzindo as suas possibilidades de trabalho e mobilidade social (e.g., Mucopela, 2016).

Afirma-se que a menina grávida durante a fase escolar, normalmente necessitava fazer uma escolha: interromper sua educação e avançar com a gravidez ou sofrer um aborto (que é normalmente ilegal no contexto angolano e potencialmente inseguro), a fim de permanecer na escola (Bueno, Feijó,

Hypolito, Padilha, Schwartz & Soares, 2011). Já os meninos que engravidavam as meninas não enfrentavam os mesmos riscos e opções (Bueno, Feijó, Hypolito, Padilha, Schwartz & Soares, 2011).

A literatura também refere que, a gravidez na adolescência como fator de evasão escolar tem relação diferenciada quanto ao gênero. Sendo que a jovem mãe explica seu afastamento da escola pela responsabilidade para com os serviços domésticos, cuidado e sustento do filho, enquanto que o jovem pai justifica seu desligamento da escola pela busca de rendimentos próprios que permitam intermédio do trabalho como sustento de vida (Bueno, Feijó, Hypolito, Padilha, Schwartz & Soares, 2011).

Os países da África subsaariana continuam a apresentar uma elevada prevalência de gravidez precoce, com taxas de cerca de 30% ou mais de adolescentes grávidas estando no sistema de ensino (Actionaid, 2013). Em muitas circunstâncias, para sobreviver o indivíduo terá de se sujeitar a várias situações, como trabalhos precários, onde lhe será exigido muito, em troca de um ordenado baixo que dificilmente satisfará as suas necessidades ou despesas básicas (Oliveira, 2009). Em termos de consequências no ponto de vista social, com o não desenvolvimento da sociedade, o AE gera o aumento da delinquência juvenil, desestruturação das famílias e comunidades, aumento da prostituição juvenil e consequentemente o elevado número de pessoas afetadas com o VH-SIDA, e o aumento da pobreza, que por sua vez, esta pobreza vai contribuindo para o AE (UNFPA, 2013).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a cada ano, um nível elevado de escolaridade resulta em um aumento médio de 10% nos rendimentos recebidos ao longo da vida (UNESCO, 2016). Apontando a pobreza como o principal fator responsável pelo abandono da escola. (UNFPA, 2015), afirma que as nações mais ricas, têm maior índice de escolaridade, portanto menor abandono. Sendo que as nações mais pobres registram evasão muito alta. Na Dinamarca e na Finlândia por exemplo, 100% dos estudantes completam o último ano escolar. Já nos países da África Subsaariana mais de um em cada três estudantes que iniciaram a educação primária em 2010 não concluíram o ensino primário (UNESCO, 2017). Nestes países, para alguns autores (e.g., Mucopela, 2016) as razões para a saída precoce da escola são criadas pela pobreza.

1.1 Abandono escolar em Africa Subsaariana

Entre os analistas sociais e os meios de comunicação social, o casamento e a gravidez são frequentemente mencionados como razões para o AE prematuro na região da África subsaariana. Na maioria dos países Africanos, nos seus sistemas escolares, as raparigas cujas gravidezes são detetadas são obrigadas a deixar a escola, pelo menos temporariamente (NRC / OIM, 2005), porque a gravidez é considerada como efeito negativo sobre o sistema educativo (Lloyd & Mensch, 2008). Embora em alguns países as regras tenham sido liberalizadas, ainda assim, a proporção de novas mães que regressam à escola tende a ser baixa (OIM, 2005).

Alguns estudos têm relacionada o AE de meninas jovens africanas à gravidez precoces/maternidade e à prática dos ritos de transição à vida adulta (Carvalho & Silva, 2009) ou ao

casamento infantil (antes de 18) (UNFPS, 2013). Este facto está a receber atenção internacional como um problema tanto para a saúde reprodutiva, como para os direitos humanos (UNFPS, 2015).

As reivindicações sobre a importância da gravidez como uma causa de AE, assumem que, se não fosse esta ocorrência, as mulheres jovens iriam continuar na escola (Lloyd & Mensch, 2008). Os autores argumentam que o casamento precoce compromete a frequência escolar nestes países. Na opinião de outros autores (e.g., Dahl, 2005; Jone, 1999; Mensch et al. 2001), o problema com as hipóteses sobre a ligação entre o AE, o casamento precoce e o início da gravidez é o facto de se ignorar a possibilidade das circunstâncias sociais e económicas que predispõem as mulheres jovens a se envolverem em sexo pré-matrimonial (e subsequentemente continuar com uma gravidez em vez de a interromper).

Para Lloyd e Mensch (2008), o AE prematuro das raparigas pode dever-se menos ao casamento precoce ou à gravidez do que a outros fatores como a pobreza, o valor da educação, a distância à escola, segurança ou qualidade da escola ou desempenho escolar. Trabalhos mais recentes apontam também para a necessidade de se ter em conta uma multiplicidade de fatores (e.g., UNFPA, 2015), nomeadamente a passagem pelos rituais da adolescência (e.g., Banda, Blystad, Fylkesnes, Jacobs, Kampata, Maestad, Makasa, Moland, Mudenda, Musonda, Munsaka, Sandoy, Svanemyr, Tungodden & Zulu, 2016).

Apesar de alguns limites na literatura sobre a especificidade da ligação entre as três dimensões (vivência dos ritos de iniciação, gravidez e AE precoce), as evidências da interação entre estas não param de surgir. Num estudo realizado em Moçambique sobre, ao analisar os ritos de iniciação dos rapazes e das raparigas na sociedade Macua, no distrito de Malema e sua influência para o AE, concluíram que os ritos de iniciação tanto masculinos como femininos, apesar de não constituírem a causa primordial do AE no referido distrito, estão relacionados com o casamento prematuro (Mucopela, 2016).

Um outro estudo feito no Gana, Moçambique e Quênia mostra que nos três países, a gravidez foi apontada como uma das principais razões para a elevada taxa de AE por parte das raparigas (Actionaid, 2013). No Quênia e no Gana, em particular, a gravidez estava também ligada ao casamento infantil (Heslop & Parkes, 2011).

Outras pesquisas longitudinais realizadas no norte da Nigéria, no norte da Tanzânia (REF, 2014) e na África do Sul (ALPHA, 2011), constataram que as adolescentes enfrentam múltiplos obstáculos que impedem dar continuidade à educação escolar, incluindo ritos de iniciação e casamento precoce, a gravidez, a pobreza e as condições precárias da escola (Actionaid, 2016).

1.2. Angola – Educação, abandono escolar e gravidez

Primeiramente importa salientar que o ensino em Angola está dividido em três níveis: Ensino primário (1.^a a 6.^a Classe), 1.^o Ciclo do Ensino Secundário (7.^a a 9.^a Classe) e o 2.^o Ciclo de Ensino Secundário (10.^a a 13.^a Classe). É a conclusão deste nível que permite o acesso dos angolanos ao ensino superior. Como já referimos, a educação obrigatória é até a 9.^a classe (RME, 2017).

A relação entre a educação e a gravidez na adolescência é uma situação difícil. A literatura a nível mundial, tem apontado evidências que confirma que a educação, por si só, é o maior fator de proteção contra a gravidez na adolescência (e.g., Fonseca 2004). O que significa que, o nível de escolaridade das adolescentes aparece como o mais importante e decisivo da sua conduta sexual (e na gravidez). Esta relação tem sido inversamente harmoniosa, ou seja, quanto maior for o nível de escolaridade, menor será a probabilidade de gravidezes na adolescência (UNFPS, 2013).

Em Angola 29% das mulheres de 15-19 anos já tiveram um filho nado-vivo e 6% estavam grávidas pela primeira vez em 2016. A percentagem de adolescentes que tiveram um filho nado-vivo aumenta rapidamente com a idade: de 7% de mulheres de 15 anos para 51% de mulheres de 19 anos. Cerca de uma em cada três mulheres de 15-19 anos esteve alguma vez grávida (RME, 2017).

Em termos de Educação Sexual, no meio urbano, segundo o estudo do INE-A (2016), 22,9% das mulheres dizem usar algum tipo de método contraceptivo, enquanto no meio rural são apenas 2,4%. Das inquiridas, 6% afirmaram recorrer ao preservativo masculino, enquanto 1,1% assumiram utilizar “algum método tradicional” de contraceção. Segundo o IIMS (2015 -2016), em termos de uso atual de métodos contraceptivos, numa amostra de 182 mulheres da província do Cunene com idades entre 15-19 anos, 24,9% são mulheres com filhos nado-vivo e dentre elas apenas 9% referem terem usado algum método contraceptivo em algum momento.

As adolescentes que residem na área rural começam a vida reprodutiva muito mais cedo do que as adolescentes do meio urbano (41% e 24%, respetivamente), as adolescentes que não concluíram o nível de escolaridade primário (49%) representam cerca do dobro das que concluíram o nível secundário ou superior (21%). A percentagem de adolescentes que tiveram um filho nado-vivo é maior junto daquelas com situação económica fragilizada do que as com a situação económica razoável (respetivamente, 39% contra 14%) (IIMS 2015 -2016).

No relatório da consulta global sobre a educação na agenda de desenvolvimento pós-2015 afirma-se que todas as raparigas, por mais pobres, isoladas ou até mesmo desprotegidas que sejam, devem frequentar a escola com regularidade, não devem interromper os estudos devido à gravidez precoce, ao casamento forçado, a lesões e mortalidade maternas, nem mesmo devem suportar o fardo desigual das tarefas domésticas e de tomar conta de crianças (UNESCO/UNICEF, 2013).

Isto significa que o AE de adolescentes associado à gravidez precoce deve ser visto como um facto que direta ou indiretamente toca a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado. O que revela uma certa fragilidade do estado angolano na responsabilidade para com os seus cidadãos. Tendo-se em conta, a consonância com o Artigo 81 da Constituição Angolana, os jovens gozam de proteção especial para efetivação dos seus direitos económicos, sociais, e culturais, em primeiro lugar no ensino, na formação profissional e na cultura (CF. Art. 81.a). No entanto, o país ainda não superou o fenómeno das crianças fora do sistema de ensino e muitas crianças, jovens e adultos continuam a não ter oportunidades de acesso à escola.

Além disso, alguns dos que estudam não chegam a concluir a formação nem alcançam os objetivos preconizados (conclusão da escolaridade obrigatória) (RSA, 2013). Apesar de terem já passados 16 anos desde o fim da guerra em Angola, o país ainda não progrediu suficientemente no sector da educação e ainda não atingiu plenamente nenhum dos seis objetivos estabelecidos pelo Fórum Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 2000). E não consegue melhorar a qualidade do ensino educativo talvez devido a pouco investimento na formação profissional dos jovens. Isto, porque ainda não tem uma ligação segura entre os sistemas de ensino e de aquisição de conhecimento e competências exigidas pelo mercado de trabalho (RSA, 2013).

Para compreender a realidade educativa de Angola, importa descrever a interação dialética da educação escolar oficial e a educação tradicional de muitas comunidades rurais. A educação tradicional em Angola tem as suas origens na Educação Tradicional Africana (ETA). Uma das características da ETA é a discriminação de género, que promove a preparação dos jovens para papéis diferenciados segundo o sexo, destinando a mulher para as funções domésticas e o homem para atividades profissionais. Sendo criticável esta perspetiva à luz da igualdade de direitos, é preciso não ignorar o potencial educativo da ETA no que se refere ao resgate e manutenção dos valores que conferem a identidade dos angolanos enquanto povo bantu (Carvalho & Silva, 2009).

Em Angola, no meio rural, onde vive cerca de metade da população, a educação tradicional coincide com a educação legal, mas a primeira é realizada de forma espontânea, familiar, por meio de imitação e existe uma diferenciação por género (Calucip & Silipuleni, 2016). Está concretamente ligada às situações da vida e aos papéis sexuais e sociais futuros, com a finalidade de preservar a igualdade cultural e habilitar a jovem adolescente para a vida (Monteiro, 1994). Essa mesma educação, prevê uma preparação em vista de uma futura maternidade bem-sucedida no meio comunitário, abrangendo os ritos de passagem à vida adulta a que as jovens têm de se submeter, uma vez confirmada pelos adultos membros da sua família (Monteiro, 1994).

Angola divide-se em 18 Províncias. O Cunene (onde se realizou a recolha de dados do nosso estudo) é uma das províncias angolanas mais assoladas pela pobreza (Calucip & Silipuleni, 2016). Em termos de condições escolares, muitas escolas do ensino primário nesta província carecem de professores qualificados, materiais e outros meios didáticos, além de longo percurso diariamente feito entre casa e escola pelos alunos em muitas aldeias. Nalgumas escolas só se ensina até a 4ª Classe. Sucessivamente, os alunos vão para as escolas das missões Católicas, ou noutros lugares, às vezes muito distantes. Esse facto, dificulta o percurso dos alunos visto que é feito a pé, por falta de meios de transporte.

Tenha-se também em conta que, nalgumas localidades, as escolas funcionam de baixo de árvores, sem estrutura física de proteção face à chuva e ao vento (Anexo 1).

CAPÍTULO 2. VIVÊNCIAS CULTURAIS FEMININAS NA PUBERDADE NO CUNENE

2.1. Introdução

Como é sabido o termo Cultura constitui uma diversidade de sentidos. No nosso estudo, o termo cultura estará relacionado com o sentido étnico. Como um conjunto de elementos que abrange conhecimentos, arte, crenças, moral, leis e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (Tyler, 1871 Cit in. Martínez, 2014); como um conjunto de interpretações e valores partilhados e aceites por uma determinada comunidade (Napoli, 1985); como um conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, afetivos e intelectuais que caracterizam uma sociedade, abrangendo artes, letras, modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores e crenças (UNESCO, 2009). Neste sentido iremos brevemente caracterizar o Cunene enquanto província e a sua cultura étnica enquanto povos.

A Província do Cunene situa-se na região Sul de Angola e a sua capital é Ondjiva. Cunene divide-se em 6 municípios: Cahama, Curoca, Cuvelai, Cuanhama Namacunde e Ombadja. Conta com um número de 965.288 habitantes residentes a nível dos seis municípios da província segundo o Censo Geral da população (Kitoko, 2014).

Os habitantes do Cunene são, na sua maioria são Nyaneka e Ovawambo, sendo deste ultimo onde pertence o grupo étnico dos Ovakwanyama, o povo a que pertencem as participantes do nosso estudo. Os Ovakwanyama, são povos falantes da língua Oshikwanyama e praticantes do rito que nos interessa analisar. Este ocupa uma área significativa da Província do Cunene e da região de Owambo, no Norte da Namíbia. Eles pertencem ao grande grupo étnico de ovawambo, composto de 14 subgrupos, cabendo-lhe aproximadamente 37% da totalidade deste grupo (Yakuleinge, 2013).

2.2. O *Efundula*

Primeiramente desejámos distinguir dois termos: o Rito e o Ritual. O rito é um conjunto de atos e condutas individuais ou coletivas, com base corporal, verbal, gestual, e postural, (Thisen, 2014), marcados por fidelidade às regras, pela improvisação e pela intolerância quanto às modificações arbitrárias, com a finalidade de colocar os participantes em contacto com o sagrado e religioso, levando-os a passar de uma fase/situação para outra considerada melhor (Borges, 2013). Em que, se mantêm fiel a certas regras que constituem corretamente o que há nele de ritual (Yakuleinge, 2013).

Neste sentido, os ritos são compostos por uma série de rituais, podendo ser religioso ou tradicional (Peirano, 2003) e são considerados benéficos para transmitir valores, conhecimentos, resolver conflitos sociais e garantir o funcionamento das leis culturais (Costa & Guilouski, 2012). O ritual por sua vez é entendido como um conjunto de determinados princípios e orientações que devem ser observados na realização de um rito. Trata-se de um esquema cerimonioso que se repete quase imutavelmente (Peirano, 2003).

Assim, tal como qualquer povo na sua configuração sociocultural, os Ovakwanyama também possuem um conjunto de rituais que caracterizam a sua própria identidade cultural. No âmbito do nosso

projeto, a nossa investigação centrar-se-á no rito de iniciação a vida adulta das raparigas, denominado *Efundula*.

Efundula, no *oshikwanyama*, uma das línguas nacionais faladas na Província do Cunene, e não só, este termo significa fundamentalmente casamento. Na conceção dos *Ovakwanyama*, distingue-se *Efundula leengoma* (casamento de batuques) de *Efundula lo momambo* (casamento dos livros, ou seja, casamento jurídico/civil ou canónico).

Geralmente *Efundula lo momambo* é o casamento religioso caracterizado pela contração do pacto matrimonial entre o noivo e a noiva, ou melhor entre o homem e a mulher (Monteiro, 1994).

No sentido tradicional, *Efundula leengoma* é uma cerimónia na qual se realiza o rito coletivo de iniciação, que simboliza a passagem da adolescência para a vida adulta que condiciona um estado de casamento, ocasionando a denominação de noiva: *Omufuko*, por vezes sem noivo (Monteiro, 1994). É uma festa sob a realização a sons de batuques (*Eengoma*), danças, vestes típicas da ocasião (*Edelela*, *Endjeva*), gestos concernentes, e habitualmente, decorre durante cinco/sete dias. Ocorre em idades entre 11 a 17 anos e não impede a possibilidade de um possível casamento religioso (Monteiro, 1994).

Após o *Efundula* a participante passa a ser considerada adulta, podendo ter filhos e apresentar capacidades de assumir responsabilidades relevantes e tarefas domésticas (Calucip & Silipuleni, 2016).

Os *ovakwanyama*, tradicionalistas, cumprem a rigor a festa de iniciação à vida adulta, preparada com antecedência de seis meses e realizada normalmente nos meses de novembro e dezembro de cada ano (Monteiro, 1994). O propósito de *Efundula leengoma* é de preparar as raparigas adolescentes para a vida marital (Monteiro, 1994).

A adolescente *Omufuko*, se tiver compromisso matrimonial, após os cinco dias de cerimónia, sai da festa diretamente para a casa dos pais do noivo. Permanece junto à família deste durante dois dias, regressando depois para a casa dos pais a fim de, em quatro dias, puder receber todas as instruções necessárias acerca de como cuidar do marido e seus parentes ou ainda de como educar eventualmente a sua futura descendência (Calucip & Silipuleni, 2016).

SEGUNDA PARTE: INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPITULO 1. QUESTÕES E OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

A nossa investigação baseou-se na metodologia qualitativa, especialmente adequada quando há índole semi-indutiva (Carmo & Ferreira, 1998), por ser esta abordagem naturalista e interpretativa que possibilita da melhor forma, evidenciar a diversidade das perspetivas dos atores e conhecedores do fenómeno em foco e oferecer primazia à sua experiência subjetiva como fonte de conhecimento (Almeida & Freire, 2008; Bogdan & Biklen, 1994).

Ao ter em conta o testemunho de cada participante, este tipo de pesquisa não só procura analisar as suas vivências e situações, mas também os contextos em que estas surgiram (Marack, 2003), uma vez que concebe a natureza socialmente construída da realidade e dos significados que lhes são atribuídos (Denzin & Lincoln, 2005).

Foi também por adotar um caráter semi-indutivo e ideográfico que esta investigação se propôs a alcançar um discernimento mais individualizado e fiel do objeto em questão (Almeida & Freire, 2008) conservando plenamente a flexibilidade ao surgimento das dimensões que, na perspectiva pessoal das participantes, se afiguraram como tendo se identificado com a sua experiência da escolaridade e do *Efundula*.

O nosso objetivo central foi explorar as percepções e vivências de escolaridade e do rito de iniciação das jovens mães que abandonaram a escola, no sentido de perceber as suas percepções/representações quanto ao papel dessas vivências na decisão do abandono escolar. E, em particular pretendeu-se responder a 3 questões de investigação gerais:

QI1 - Como é que as jovens mães percebem a escola e descrevem a sua experiência, incluindo possíveis diferenças entre antes e depois do rito?

QI2 - Como foi vivido o abandono escolar e que fatores contribuíram para essa decisão?

QI3 - Como descrevem a sua vivência do *Efundula*, nomeadamente no que diz respeito à decisão de participar (decisão pessoal e/ou de outros), significados atribuídos e influência na vida presente e futura?

A partir destas questões gerais de investigação, pretendeu-se: (1) Conhecer o modo como as referidas jovens percebem a importância e o contributo da escola para a sua integração familiar e social antes e depois dos ritos; (2) Explorar percepções/representações das jovens quanto ao papel da escola, dos pais e outros agentes significativos quanto à decisão sobre o abandono escolar; (3) Conhecer percepções/representações das jovens quanto à tomada de decisão sobre a vivência ou não do rito de iniciação; (4) Explorar as crenças, valores, e significados associados à prática de *Efundula* vida pessoal, no presente e perspectivas para o futuro; (5) Compreender o modo como descrevem a passagem pelo rito e as suas percepções/representações quanto ao papel do rito de iniciação na sua vida em geral; e, (6) Conhecer percepções/representações das jovens quanto ao papel do rito de iniciação na tomada de decisão sobre o abandono escolar.

CAPITULO 2. METODOLOGIA

2.1. Participantes

Participaram no nosso estudo 10 jovens mães que passaram pelo rito de *Efundula* e que tinham abandonado a Escola. O grupo de participantes foi selecionado obedecendo aos seguintes critérios de inclusão: jovens que experienciaram o rito de *Efundula* nos últimos cinco anos (até 2016) e que, entretanto, abandonaram a escola.

Até o momento da entrevista as participantes tinham idade igual ou inferior a 18 anos e tinham sido mães. Quanto ao estado civil, uma participante vive maritalmente na condição de segunda mulher, e, todas as outras são mães solteiras. No que respeita situação profissional, apenas uma das participantes possui o seu próprio negócio estável; duas das participantes são vendedoras ambulantes e, as outras não se encontram empregadas. No que se refere ao nível de escolaridade apenas seis participantes

concluíram a 6ª classe, anteriormente escolaridade obrigatória. Este e os outros restantes dados sociodemográficos estarão presentes na tabela 1.

Tabela. 1

Caracterização das participantes

Código	Idades	Nº filhos	Idade filhos	Estado civil	Ano que fez <i>Efundula</i>	Idade que fez <i>Efundula</i>	Escolaridade e quando fez <i>Efundula</i>	Ultimo ano na escola	Escolaridade
S	18	2	3 anos; 1, 6mes	2ª mulher	2012	15 anos	4ª classe.	2014	3ª classe
T	16	1 falecida	3 meses	solteira	2014	14 anos	5ª classe	2015	6ª classe
N1	17	1	2 anos	solteira	2011	13 anos	4ª classe	2013	5ª classe
I	17	1	1,7meses	Solteira	2013	14 anos	4ª classe	2014	5ª classe
M	17	1	3 meses	Solteira	2015	16 anos	8ª classe	2015	7 classe
N2	18	1	2 anos	Solteira	2012	14 anos	5ª classe	2013	5 classe
D	18	2	2 anos; 1 mês	solteira	2012	14 anos	5ª classe	2013	6 classe
F	18	1; G	2 nos; 3 meses	solteira	2013	15 anos	8ª classe	2013	7 classe
L	18	1	2,4 ano	Solteira	2013	15 anos	5ª classe	2015	6ª classe
C	18	2	3 e 1 ano	Solteira	2012	14 anos	6ª classe	2013	7ª classe

2.2. Instrumento

A entrevista semiestruturada, surge como uma estratégia adequada para a recolha de dados do nosso estudo, uma vez que permite atingir uma maior profundidade de análise dos processos de pensamento, sentimentos e de ação dos partícipes, possibilitando aceder à descrição da visão dos participantes sobre a sua realidade (Bogdan & Biklen, 1994; Lewis & Marrais, 2003). O guião e entrevista (semiestruturado) foi organizado tendo em conta as questões de investigação e os objetivos (Anexo 2.1). Previamente, foi necessário traduzir o guião de entrevista na língua *oshikwanhama*, facilitando o papel do entrevistador devido às dificuldades de algumas participantes na compreensão da língua Portuguesa (Anexo 2.2).

2.3. Procedimentos

2.3.1. Procedimentos de recolha de dados

Inicialmente, a investigadora contou com o apoio de pessoas do seu conhecimento, que por sua vez solicitaram às autoridades locais pedindo permissão para a realização da recolha de dados.

Após solicitação de apoio às autoridades locais, estas fizeram um primeiro contacto com as participantes para a adesão ao estudo.

Posteriormente, a investigadora realizou um primeiro encontro com as participantes no sentido de apresentar oralmente o objetivo do trabalho e incentivar a participação das mesmas. Este momento também serviu para efetuar o pedido de autorização para a gravação das entrevistas, assim como para a assinatura do Formulário de Consentimento Informado previamente elaborado (Anexo 4). Num segundo encontro com as participantes realizou-se as entrevistas. Em todas as situações, para além da investigadora também esteve presente um segundo entrevistador auxiliar (que domina a língua Portuguesa e Oshikwanyama), que serviu de intermediário em situações de maiores dificuldades na comunicação.

2.3.2. Procedimento de análise de dados

Todo o processo de codificação e análise dos dados foi norteado pelos princípios elementares da Grounded Theory, estratégia metodológica particularmente válida para campos de pesquisa pouco explorados, e, frequentemente utilizada por investigadores no domínio das ciências sociais e humanas para a teorização indutiva acerca de fenómenos sem possibilidade de generalização (Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 1990).

De acordo com os nossos objetivos, esta metodologia se assumiu como a mais apropriada para uma análise idiosincrática, proficiente e mais holística do objeto de investigação (Corbin & Strauss, 1990), e, para a descoberta de fatores que, apesar de não quantificáveis, conhecidos ou extensamente indagados, são relevantes para o entendimento desta problemática a partir do que é a perceção destas participantes (Serapioni, 2000).

Todo o procedimento foi com base na leitura inicial das entrevistas, seguindo-se a sua análise detalhada, com a organização de categorias que se subdividem em categorias de primeira, segunda e terceiras (ou mais) gerações. A organização das categorias foi constantemente discutida com outros membros da equipa, sendo reformulada, sempre que necessário, ao longo do processo.

3. Apresentação e Discussão dos resultados

A apresentação e discussão dos resultados será direcionada pelas questões gerais de investigação inicialmente estruturadas, dando destaque às categorias que mais se evidenciaram para dar resposta às respetivas questões de investigação (**a Bold**) e justificando através do recurso a excertos discursivos das participantes (no corpo de texto e devido à limitação de espaço, apenas em algumas situações; os restantes exemplos encontram-se no anexo 6). Integramos ainda os dados da revisão da literatura no

âmbito do fenómeno em estudo com os resultados obtidos. A análise dos dados deu origem a um sistema geral de categorias (Anexo 5).

Q.I.1 - Como é que as jovens mães percecionam a escola e descrevem a sua experiência, incluindo possíveis diferenças entre antes e depois do rito?

Relativamente a perceção das jovens mães sobre a escola, é de salientar aspetos de carácter emocional de tonalidade positiva relacionados com o **significado pessoal**. Sendo que, por exemplo, uma das participantes considera a escola como uma **fonte do saber** [e.g., “*Estar na escola é estar na fonte do saber. É na escola junto dos nossos professores onde aprendemos as coisas básicas sobre a organização, valores éticos, uma disciplina regrada e muita coisa boas...*” (F)], revelando o papel da escola na formação do indivíduo. Alguns autores (e.g., Delors et al., 1999), afirmam que é na escola onde as crianças e jovens aprendem uma variedade de conhecimentos e competências para adquirir a educação formal.

Uma outra participante releva a questão da **imagem**, relacionada com a aceitação social e importância da avaliação dos outros. [e.g., (...) “*Todos me viam como uma pessoa inteligente e que se interessa por uma formação e pelo futuro. Os mais velhos tratavam-nos com muito orgulho e tinham muito respeito por nós (...)*” (M).

Relativamente a **importância da escola para a vida** das participantes, com exceção de uma, todas outras valorizam o **aprender a ler e escrever** como benefícios úteis [e.g., “*(...) A escola teve importância porque, foi lá que aprendi a escrever, e a ler. Quando aprendi a ler os meus pais ficaram muito orgulhosos de mim, eu podia ler tudo, e em qualquer sítio (...)*” (N1)]. E, de igual modo cinco entrevistadas consideram a importância de **aprender a falar Português**, como um componente indispensável [e.g., “*Conheci os nomes das coisas em português*” (C)], sendo que, duas participantes reconhecem também os **conhecimentos de Geografia e História** [e.g., “*Foi na escola onde aprendi os países, províncias e capitais. Também aprendemos muita coisa de história de Angola* (I)]. Isto vai de encontro com a abordagem que diz que a escola prepara a criança para uma vida ativa, numa sociedade livre, e, vinculada para o respeito pelos pais, pela sua própria identidade, pela sua língua e valores culturais, bem como pelas culturas e valores diferentes do próprio (UNICEF, 1990).

No que toca ao interesse pelo estudo, todas as participantes são de opinião que **aprender é interessante**, relevando aspetos relacionados com o **conseguir um trabalho**, [e.g., “*Sim. Eu acho que se terminasse a 12º classe não estaria aqui. Estaria a trabalhar em algum sítio.*” (T)]. As outras participantes valorizam o facto de a escola possibilitar **aprender sempre coisas novas** [e.g., “*Porque se aprende sempre coisas novas e diferentes que não aprendemos em casa.*” (T)], no sentido de **ficar inteligente** [e.g., “*Ficamos muito inteligentes e sabemos fazer as coisas. Se eu não tivesse estudado, acho que seria burra*” (N)]. Alguns autores (e.g., Lerner, & Leventhal, 2013; Van Houtte, 2013; Shapka & Law, 2013), afirmam que a interação como os pares na adolescência em contexto escolar e aspetos

como o apoio e o número de amigos vai permiti um aumento da autoestima através da partilha de valores, crenças e atividades o que vai se refletido num melhor desempenho académico.

Uma participante considera que **na aldeia não se precisa de muito estudo**, devido as suas reais condições de vidas [e.g., “*Nós aqui nas aldeias não precisamos de muito estudo*”. “*(...) não saímos daqui para trabalhar em outros sítios com os conhecimentos da escola. Ficamos por cá mesmo a cuidar dos filhos, dos animais e das nossas lavras*” (F)]. Na conceção de Silva (2014), isto esta relaciono com fatores sociais que contribuem no AE tais como é a situação económica do país, a falta de materiais escolares, e o incentivo de oportunidades de emprego. No entanto, todas as outras participantes, afirmam a **utilização dos conhecimentos adquiridos na escola no dia-a-dia nas** tais como: aplicar a **matemática nos trabalhos** de casa, falar o **português no comércio**, e viver de acordo com as noções de **solidariedade** aprendidas na escola.

Ainda nas **experiências das próprias**, apesar de patentear alguns **aspectos menos valorizados**, nomeadamente as **punições e atrasos** devido a fatores como a **distancia** casa-escola, a colaboração ativa nos **trabalhos de casa** e também algumas circunstâncias climáticas (seca e inundações) e fatores relacionados com o baixo **rendimento escolar**, em termos gerais, todas as participantes fazem uma **avaliação positiva** evidenciando alguns **aspectos valorizados positivamente** tais como: **Ensinar os outros, relações positivas entre pares, relações com os professores** assim como **brincar com os outros**.

No que respeita ao desempenho académico das participantes, pelo menos quatro fazem uma **autoavaliação bastante positiva**, enquanto outras quatro se consideraram ter estado num nível médio. As outras duas fizeram uma **avaliação baste negativa**, apontando situações de **dificuldades nas aprendizagens** dos conteúdos selecionados. Por ultimo verificamos que em termos de **escola**, todas as participantes mantiveram a **perceção inalterada** [e.g., “*(...) sempre continuei do mesmo jeito (...)*”].

Q.I.2 - Como foi vivido o abandono escolar e que fatores contribuíram para essa decisão?

Relativamente à forma como as participantes viveram o **próprio abandono**, este parece acontecer sem que a escola esteja envolvida na decisão. Assim, é de referir situações como **abandonar sem informar** a escola e a **escola informada** sobre o abando. Sendo que seis das participantes referem que não informação a escola do sobre o abandono. Sobre esta situação, verifica-se aspetos relacionados com constrangimentos emocionais das próprias como a **vergonha** [e.g., “*Porque tive vergonha de ir falar com os professores*” (S)]. É sabido que o principal indicador que se revela da relação da jovem grávida com a escola é a de autoexclusão durante o período da gravidez, principalmente quando se começa a notar a barriga, por medo de estigmatização por parte das colegas, professores e funcionários (Madeira, 2013).

No que respeita à **reação das próprias** face ao abandono, é de salientar que pelos menos oito participantes descrevem ter reagido negativamente [e.g., “*Fiquei com uma dor no coração por algum*”

tempo” (M)]. Cinco participantes fazem uma avaliação negativa, porém consideram como uma necessidade [(e.g., “*Não gostei nada de ter que ficar em casa este ano, mas tinha que ser porque a minha filha estava prestes a nascer*” (K)].

Ao perceber a **reação da família ao abandono**, verifica-se que em termos práticos, as famílias não reagiram ao abandono. Mas, sete das participantes referem que as famílias manifestaram desejos das filhas continuarem com a escolaridade [(e.g., “*Disseram para esperar ainda a criança crescer e desmamar*” (D)]. Relativamente a **relação da escola face ao abandono**, cinco participantes afirmam que **sim** a escola reagiu ao abandono [(e.g., “*A professora disse que é melhor repousar e continuar quando a criança crescer.*”)] contudo, não é uma reação que integra a família. Como é sabido, tal como o pai da criança, a família e os amigos, a escola também desempenha um papel importante no desenrolar do processo de aceitação da gravidez na adolescência e na tomada de decisão face ao AE (Madeira, 2013).

Quanto às **razões do abandono**, sete participantes apontam a **gravidez** como um forte fator que contribuiu na decisão de abandonar a escolaridade [(e.g., “*Eu abandonei a escola porque fiquei grávida. E já não conseguia mais ir à escola*” (T)]. E mencionam múltiplos **desafios** tais como: **doenças, escola distante, insultos na escola, preguiça, sentir gome na escola e a vergonha**. Segundo a literatura que a menina grávida, durante a fase escolar normalmente necessitava fazer uma escolha: interromper sua educação e avançar com a gravidez ou interrompe-la, a fim de permanecer na escola (Bueno, Feijó, Hypolito, Padilha, Schwartz & Soares, 2011). No entanto, associam também situações como a **pobreza, dificuldades nas aprendizagens**, necessidade de **ficar com os filhos em casa**, a **fome** em contextos escolares e a **distancia** casa-escola [e.g., “*É mesmo por causa da distancia que percorremos de casa para a escola.*” (K)].

Grandes distâncias de casa à escola, nestes contextos, significam que os alunos saem muito cedo das suas casas, por vezes sem terem tomado o pequeno-almoço. Chegam à escola com fome e, como não têm almoço na escola, passam o dia esfomeados, o que não contribui para um bom rendimento escolar. Lloyd e Mensch (2008), descrevem igualmente esta situação defendendo que o AE prematuro das raparigas pode dever-se menos ao casamento precoce ou à gravidez do que a outros fatores como a pobreza, o valor da educação, a distância à escola, segurança ou qualidade da escola ou desempenho escolar. E isto recorda-nos a ideia de Santos (2010), de que o AE não é uma decisão repentina, mas é produto de um longo processo de tensões, desajustamentos e fracassos. Sendo que a saída antecipada da escola põe em causa o valor instrumental da escola como participante no desenvolvimento pessoal e de preparação para a vida ativa que o aluno se nega a reconhecer.

Sobre este último ponto, para várias das nossas participantes não é isto que acontece. Quando indagamos sobre o significado que atribuíam a escola antes e depois do abandono, verificamos que todas as participantes possuem uma **percepção inalterada**. Isto é, continuam a reconhecer esta importância da escola, mas existem um conjunto de fatores que fazem com que a decisão do abandono seja tomada como sendo necessária.

Q.I.3 – Como descrevem a sua vivência do *Efundula*, nomeadamente no que diz respeito à decisão de participar (decisão pessoal e/ou de outros), significados atribuídos e influência na vida presente e futura?

Em termos do modo como as participantes vivenciaram o rito de *Efundula*, verificamos que algumas foram **avisadas antes** [e.g., “*Fui avisada muito tempo antes*”. (M)], enquanto que as outras **não** foram avisadas antes [e.g., “*Até um dia antes de começar eu estava inocente sem saber de nada*” (F)]. Foram também apresentados **motivos das participantes não aceitarem fazer *Efundula*** [e.g., (...) “*Eu estava a estudar bem, a minha vida estava bem eu tinha bom comportamento...*” (L)].

cinco participantes referem que foram as famílias que tomaram a decisão, nomeadamente os pais. O discurso revela o peso da cultura nas **razões apresentadas pelos pais** sobre a tomada de decisão da participação [e.g., “*Disse que este ritual tem a ver com a nossa cultura e dos nossos antepassados*” (S)]. Foi descrito o **significado** de a **decisão ter sido tomada pelos pais** [e.g., “*Foi importante para mim o facto de ter sido o meu pai. Senti-me apoiada por isso*” (M)]. No caso de uma participante que a sua decisão foi tomada pelas tias [e.g., “*Senti que... parece não pertencemos mais a nossa mãe. A minha mãe disse-me que não queria que eu fizesse *Efundula*.*” (L)].

Quanto a **informação prévia** sobre o *Efundula*, quatro participantes afirmam que não possuíam informações antes de *Efundula* [e.g., “*Não*”; “*Nenhuma*” (L & T)]. Outras duas participantes referem que foram surpreendidas e **levadas à força** [(e.g., (...) “*À tardinha fui buscar a água, e pelo caminho fui cercada por três moços, agarraram-me e disseram “adeus mocidade”. Foi quando percebi que estavam a me levar para fazer *Efundula* e as minhas tias já tinham preparado tudo. Tive que lutar com três homens sozinha na mata. Homens mandados pela minha própria família, que lhes pagaram bebidas para me agarrar e me levar para fazer *Efundula*. Ainda por cima me bateram. Cheguei lá no meio das pessoas com os lábios inflamados e dor de cabeça*” (L)].

No que diz respeito ao modo **como** foi comunicada a decisão, percebemos por exemplo, o papel do pai [e.g., “*O meu pai chamou-me na Olupale dele e disse-me: “minha filha, já estas grande e este ano quero que faças *Efundula*.”* (C)]. Relativamente o **quando** a participante soube da decisão de participar no *Efundula*, em várias situações (três) foi algum tempo antes [e.g., “*Logo no início do ano.*” (D)].

Quando questionámos **o que é *Efundula***, verificamos diversas perceções, algumas relacionadas com o sentido mais espiritual e cultural, por exemplo, que constitui uma **benção dos antepassados** [e.g., “*Significa ter uma benção dos nossos antepassados*” (T); “*Sei que servia para me purificar*” (N2)]. Estas perceções das participantes sobre os significados/utilidade deste rito cultural, é explicado pela literatura como uma estrutura de significados, transmitidos tradicionalmente, vividos simbolicamente, afim de comunicar e desenvolver o conhecimento humano e as atitudes para com a vida, numa lógica informal da vida real e do sentido comum de uma sociedade (Geertz, 1989). Como vemos pelos resultados, este rito de *Efundula* - como tantos outros - é considerado benéfico para transmitir valores e

conhecimentos de grande utilidade para resolver conflitos e reproduzir relações sociais (Guilouski & Costa, 2012 e Yakuleinge, 2013).

Apesar da diversidade de respostas sobre o **significado** de *Efundula*, seis participantes referem *Efundula* como um casamento tradicional (tal como mencionado no nosso quadro teórico) de **autorização para namorar** [e.g., “*é um casamento da nossa tradição, que permite as moças namorarem à vontade mesmo sem terem marido*” (F)].

Também podemos verificar que o vácuo de **informação** sobre o procedimento do conjunto de rituais que a cerimónia exige influencia de igual modo as vivências das participantes [e.g., “*Sim, um pouco. O problema é que mesmo depois de fazer Efundula continuei a não perceber tudo que aconteceu lá*” (C)].

Em termos de **Circunstâncias culturais de Efundula**, verificamos que oito participantes consideram que **há diferenças entre quem fez e quem não fez**, e estas diferenças estão relacionadas com liberdade, neste caso para as quem faz *Efundula*, [e.g., “*A diferença é que quem já fez Efundula, é uma rapariga livre e desimpedida de fazer as suas escolhas*” (L)] concordando expressamente que o rito serve para a **legitimidade da atividade sexual** e conseqüentemente para a maternidade [e.g., “*Quando fazemos Efundula e depois encontramos algum homem que nos quer, podemos ir à vontade porque já somos casadas*” (K)].

No caso de quem não fez, impõe-se autoconservação, no sentido de honrar a si própria e dignificar a sua família [e.g., “*Quem ainda não fez, deve se comportar muito bem porque ainda não esta autorizada a namorar. E se engravidar, significa que houve uma falha na educação que os pais lhe deram. E isso dá vergonha muito grande para ela e para a família*” (T)].

Apenas duas participantes, consideram que **nada difere** para quem faz *Efundula* de quem não faz [e.g., “*Nada. É só porque as meninas que fazem Efundula, ficam mais à vontade*” (K)], devido a vivência contextuais análogas [e.g., “*Dizem que as meninas que se engravidam sem passar pelo Efundula são desonradas. Mas na verdade não lhes acontece nada de mal. Não vão presas, não são expulsas das suas famílias, não lhes dão castigo, não ficam doente, e a vida continua. É a mesma coisa de quem faz Efundula, andamos juntas, bebemos juntas, nos engravidamos com os mesmos desgraçados e continuamos todas pobres do mesmo jeito*” (I)].

Verificamos que, para as entrevistadas, a **decisão de participar** no rito de *Efundula* foi uma iniciativa da família, isto é, dos pais, tios e os avôs. Porém a **decisão da participação** das sete meninas que foram **avisadas antes**, foi tomada pela própria, assumindo a **obrigatoriedade** da situação [e.g., “*Mesmo que eu não esteja de acordo tinha que fazer porque vale a pena, é para manter a tradição*” (N1)].

A participação deste rito tem **significado** na percepção de algumas participantes [e.g., “*É um ato cultural da nossa província, que vem desde muito tempo, dos nossos antepassados, e não vai passar. Será sempre transmitida de geração a geração em todos anos. É a nossa identidade cultural de Ovakwanyama*” (K)]. Esta participante revela fidelidade às regras e intolerância quanto às modificações

arbitrárias tal como refere Borges (2013). Já para as outras é algo sem nenhum **significado** [e.g., “*Significado... não sei. Não tem nenhum significado*” (D)].

Em termos de significados atribuídos e influência na vida presente e futura verificamos que **Depois de Efundula** as participantes descrevem um conjunto de experiências, que condicionam **mudanças**, tanto **negativas** como **positivas**. Entre as mudanças consideradas positivas, destaca a questão de ter **sorte**, pelo facto de estarem em situações como a **maternidade positiva** [e.g., “*Significa que serei uma boa mãe*” (F)] e a situação marital [e.g., (...) “*consegui um bom marido...*” (C)], como também algumas mudanças consideradas **negativas** tais como a **aduldez** e o AE.

Ao indagarmos sobre a utilização do tempo depois do AE, verificamos que atualmente algumas dedicam-se nas atividades como comercio ambulantes ou outras ocupações [e.g., “*No tempo das aulas pasto os bois do professor e me pagam 2000kz por mês. Também gosto e ir vender galinhas no Ondjiva. E fico nas Okakambas a convier com os vizinhos*” (T)]. Este ponto é melhor explicado por Oliveira, (2009) que diz que em algumas circunstâncias, o indivíduo que abandonou a escola, para sobreviver, terá de se sujeitar a várias situações, como trabalhos precários, onde lhe será exigido muito, em troca de um ordenado baixo que dificilmente satisfará as suas necessidades ou despesas básicas.

Conclusão

Em suma, neste trabalho entendemos por AE, a interrupção da frequência do aluno no sistema de ensino, sem o ter concluído, por um período considerado suficiente para que uma ausência possa transformar-se num afastamento praticamente irreversível (Justino, 2010). Provavelmente é o que acontecerá com as nossas participantes embora algumas verbalizem a vontade de voltar a estudar. Há autores (e.g., Black et al., 2011; Caliendo & Kunn, 2011) que revelam, que quanto maior for o tempo decorrido antes do retorno do jovem à formação, dentro de qualquer percurso formativo, maior é a possibilidade deste ficar, permanentemente, fora do mundo da formação.

Seria necessário que escola garantisse um espaço para discutir, verbalizar diversos assuntos, destacando a importância do planeamento e da elaboração conjunta das atividades, da formação continuada dos professores e da avaliação das intervenções com os alunos (Cordeiro, 2009). De igual modo, proporcionasse conhecimentos, discussões e reflexões sobre a sexualidade junto dos pais, isto é antes e após do Rito. Mas não parece ser esse o papel da escola, não sendo abordado por nenhuma das participantes. Para além disso, num contexto em que - principalmente as meninas – vivenciam circunstâncias escolares difíceis (distância, falta de materiais) e deixam de ir à escola em grande número, então provavelmente a comunidade deverá pensar outras formas de prevenir e intervir nestes domínios. Assim, fez-nos sentido selecionar as sugestões do anexo 7.

Sobre a vivência dos rituais, podemos verificar que as percepções das participantes, que derivam das leis tradicionais impostas pela educação informal, possuem um peso maior na sua vida em relação

às leis governamentais (neste caso a da escolaridade obrigatória até a 9ª classe) impostas pela educação formal.

A relação que se deve estabelecer entre os ritos de iniciação e a educação deve ser de complementaridade, porque uma pessoa educada somente na base dos ritos de iniciação estará desprovida de conhecimentos técnico-científicos, da mesma forma que o jovem com acesso unicamente a educação formal, estará desprovido de valores culturais fundamentais (CEPE, 2014).

Os ritos de iniciação apresentam consequências tanto positivas, no sentido em que oferecem conteúdos úteis para a vida e, de certo modo, norteiam o comportamento do rapaz ou da rapariga. Assim como negativas, uma vez que proporcionam interpretações de si e do mundo que podem ter consequências menos positivas quando pensamos no desenvolvimento pessoal e social espectável em pleno século XXI. Destacamos aqui o facto de, no discurso das participantes se perceber a sua relação com a gravidez precoce e com o posterior AE.

Verificamos que o AE não está diretamente associado à experiência de *Efundula*. Essa relação parece ser indireta, mediada pela maternidade que por sua vez é associada ao rito de *Efundula*.

Verificamos também que as participantes que fizeram *Efundula* mais velhas, também são as mesmas com anos de escolaridade um pouco mais elevado.

Para terminar, gostaria de clarificar que este foi um estudo exploratório. Entretanto, apresenta algumas limitações. Relevo o facto de não se ter atingido a saturação teórica. Mas tencionamos aprofundar a investigação, para que no futuro este tema, nomeadamente este estudo consiga obter dados que possam sustentar abordagens de prevenção primária, secundária e terciária.

Referências bibliográficas

Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5ª Ed.).

Braga: Psiquilíbrios.

ALPHA- American Public Health Association (2011). *An Overlooked Priority: Puberty in Sub-Saharan Africa*. (Artigo) publicado em junho de 2011. Disponível em <http://ajph.aphapublications.org/doi/10.2105/AJPH.2010.300092>. Consultado em 29 junho de 2017 (American Journal of Public Health)

ActionAid. (setembro de 2013). *Fim à Violência Contra a Rapariga na Escola - Histórias de Sucesso*. Disponível em http://www.ungei.org/ActionAid_Stop_Violence_Against_girls_at_school_project_success_stories-Portuguese_Oct_2013_Low.pdf; consultado em 28/06/2017.

Azevedo, J. (1999). *Inserção no Mercado de Trabalho: um estudo de casos*. Coleção Cadernos PEETI – Plano para Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil. Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Bastos, C.C.B., & Flora, S. (2015). *Gravidez na adolescência e (in)sucesso escolar: Um estudo qualitativo em escolas secundárias de Benguela* (tese de Mestrado em Administração e Gestão da Educação). Universidade Portucalense. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream.> (Acesso nº 11328/1516/1/TME%20556.pdf).

Black, D. et al. (2011). *Second chance education: re-engagement in education of early school leavers*. Melbourne: Institute of Applied Economic and Social Research.

Benavente, A., et al., (1994). *Renunciar à Escola - O Abandono Escolar no Ensino Básico*, Lisboa: Fim De Século Edições.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Borges, P. R. (2013). *O Declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas*. Universidade São Paulo –Faculdade de Educação – FEUSP, São Paulo, Brasil.

Blystad, A., Sandoy, I. F., Mudenda, M., Zulu, J., Munsaka, E., Makasa, M. C. Maestad, O., Tungodden, B., Jacobs, C., Kampata, L., Fylkesnes, K., Svanemyr, J., Moland, K. M., Banda, R.,

Musonda, P. (2016). *Effectiveness of a girls' empowerment programme on early childbearing, marriage and school dropout among adolescent girls in rural Zambia: study protocol for a cluster randomized trial*. disponível em, <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5148869/>.

Blystad, A., Sandoy, I. F., Mudenda, M., Zulu, J., Munsaka, E., Makasa, M. C. Maestad, O., Tungodden, B., Jacobs, C., Kampata, L., Fylkesnes, K., Svanemyr, J., Moland, K. M., Banda, R., Musonda, P. (2016). *Effectiveness of a girls' empowerment programme on early childbearing, marriage and school dropout among adolescent girls in rural Zambia: study protocol for a cluster randomized trial*. disponível em, <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5148869/>.

Caliendo, M.; & Kunn, S. R. (2011). *Fighting youth unemployment: the effect of ALM*. Bonn: IZA and University of Potsdam.

Calucipa, D., & Silipueni, E. (21 de janeiro de 2016). *Angobela. E desolador o que se vê no município do Curoca na Provincia do Cunene: Há muita fome e não há água* consultado em: www.angolabelazebelo.com/category/provincia-do-cunene

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação Guia para a autoapresentarem*. Ed. Universidade Aberta; (p.177) Lisboa.

Carvalho, M. J., & Silva, E. A. (2009). *Educação em Angola e (des)igualdade de género: Quando a tradição cultural é fator de Exclusão - Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, ISBN- 978-972-8746-71-1.

Cazeneuve, J. (1990). *Sociologia do Rito*. Portugal: Editora Rés, 1990.

Chipalanca, S. I. (2014). *Gravidez na adolescência em Angola: estudo do funcionamento familiar e satisfação com a vida* (dissertação de mestrado em Psicologia Clínica (Sistémica, Saúde e Família), apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). Disponível em: <http://hdl.handle.net>. (Acesso nº 10316/27945).

Bastos, C.C.B., & Flora, S. (2015). *Gravidez na adolescência e (in)sucesso escolar: Um estudo qualitativo em escolas secundárias de Benguela* (tese de Mestrado em Administração e Gestão da Educação). Universidade Portucalense. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream>. (Acesso nº 11328/1516/1/TME%20556.pdf).

Tchifulezi, V.P. (2016). *Abandono escolar no ensino primários em escolas de Benguela: Análise de fatores familiares e curriculares*. Dissertação de mestrado e Administração e gestão da Educação. Universidade Portucalense: <http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/1668/1/TME%20566.pdf>.

Lynch, A., Lerner, R., & Leventhal, T. (2013). *Adolescent academic achievement and school engagement: an examination of the role of school-wide peer culture*. Journal of Youth and Adolescence.

Dahl, G. B. (2005). *Myopic Matrimony and Dropout Decisions: Evidence Using State Laws for Marriage, Schooling and Work, National Bureau of Economic Research Working Paper No. 11328*. Cambridge, MA: NBER.

Delors, J., et al. (1999). *Educação: um tesouro a descobrir*. In: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília-DF. MEC: UNESCO.

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The sage handbook of qualitative research* (pp. 1-32). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Fernandes, E. M., & Maia, A. (2001). Grounded theory. In E. M. Fernandes & L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 49-76). Braga: Centros de Estudo em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Ferreira, C. (2006). *Orientação Vocacional com alunos com elevado risco de abandono escolar*. Consultado em: www.psicologia.com.pt, consultado em 20/4/2017.
- Kitoko, D.Z. (2014). *A Informação Geográfica em Angola: Subsídios para elaboração de uma estratégia e plano de ação de apoio a implementação do plano nacional de informação geográfica*. dissertação de mestrado orientada: Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade nova de Lisboa.
- Lewis, J., & Richie, J. (2003). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. London: Eds. Sage Publications.
- Law., D. & Shapka. J., (2013). *Does One Size Fit All? Ethnic differences in parenting behaviors and motivations for adolescent engagement in cyberbullying*. Journal of Youth Adolescence.
- GEEPC - Gabinete de Estudos Estatísticos e Planeamento do Cunene, (2007).
- Justino, D. (2010). *Difícil é Educá-los*. Lisboa: Relógio d'Água Editores
- Geronimus, A. T. & Korenman, S. (1992). The socioeconomic consequences of teen childbearing reconsidered, *Quarterly Journal of Economics* 107(4): 1187_1214.
- Grogger, Jeff and Stephen Bronars. 1993. The socioeconomic consequences of teen childbearing: findings from a natural experiment reconsidered, *Family Planning Perspectives* 25(4): 156_161, 174.
- Maracek, J. (2003). *Dancing through minefields: Toward a qualitative stance in psychology*. In P. M. Camic, J. E. Rhodes & L. Yardley (Eds.), *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (pp. 49-69). Washington, DC: American Psychological Association.
- NRC/IOM - National Research Council and Institute of Medicine (2005). *Growing Up Global: The Changing Transitions to Adulthood in Developing Countries*. Panel on Transitions to Adulthood in Developing Countries, Cynthia B. Lloyd (ed.). Washington, DC: National Academies Press.
- Lloyd, C. B., & Mensch, B. S. (1998). *Gender differences in the schooling experiences of adolescents in low-income countries: the case of Kenya*, *Studies in Family Planning* 29(2): 167_184.
- Lloyd, C.B., & Mensch, B. S. (2008) *Marriage and childbirth as factors in dropping out from school: An analysis of DHS data from sub-Saharan Africa*, *Population Studies: A Journal of Demography*, 62:1,

1-13, DOI: 10.1080/00324720701810840 To link to this article:
<http://dx.doi.org/10.1080/00324720701810840>. (Camb). 2008 Mar;62(1):1-13.

Lucena, C. (2010). O Pensamento Educacional de Emile Durkheim. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.40, p. 295-305, dez.2010 - ISSN: 1676-2584 (P.303).

Monteiro, R. L. (1994). *Os Ambós de Angola antes da Independência*. Edições: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade técnica de lisboa.

Miguel., C. J. (2014). *Poder Local Publico e as Autoridades Tradicionais em Angola, Caso Particular do Cunene*. Tese de obtenção do grau de Mestre em Gestão Autárquica. Instituto Superior de Educação e Ciências.

Mucopela, V. M. (2026). *Abandono Escolar em Moçambique: Políticas educativas, cultura local e práticas escolares*. Faculdade de Ciências Sociais, Administração e Educação - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Educação. Lisboa.

Parkes, J. & Heslop, J. (2013). *Stop Violence Against Girls in School: A cross-country analysis of baseline research from Ghana, Kenya and Mozambique*.

Padilha, M. A. S., Hypolito, Á. M., Marilu, C. S., S. M., K. M., Maria, E. N. B., Feijó, A. M., Schwartz, E. (2011). *Teen mothers and school dropout: a systematized review*. *Revista de enfermagem*.

Peirano, M. (2003). *Rituais ontem e hoje* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições.

PETI – Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil. Coordenação: Jerónimo., Rui & Malta., J. (2008). Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social: *Passagem pelo PIEF*.

Oliveira, A.M. (2009). *O regresso à escola dos alunos em abandono escolar - contributo de um Programa Integrado de Educação e Formação*. Tese de Mestrado não publicada, Universidade Portucalense, Porto, Portugal. Consultado a 20.05.2016 em:
<http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/122/2/TME%20371.pdf>.

Pina, D.A. S. B. (2014). *Gravidez na Adolescência e Evasão escolar: Estudo de caso – Escola Secundária na Cidade da Praia*. Departamento de Ciência e Tecnologia – DCT da Universidade de Cabo Verde Mestrado em Saúde Pública.

REF – Research Excellence Framework (2014). *Africa's girls: promoting equality and empowerment*. Disponível em <http://impact.ref.ac.uk/casestudies2/refservice.svc/GetCaseStudyPDF/44313> consultado aos 28/6/2017.

Rosa., B. M. M. (2013). *Causas de Abandono e Insucesso Escolar: Comparação entre a Realidade Açoriana e Continental*.

RSA-Relatório Social de Angola (2013). *Centro de estudos de investigação científica*: Universidade Católica de Angola.

Roulston, K., deMarras, K. & Lewis, J. (2003). *Learning to Interview in the Social Sciences*. SAGE Journals Online, 9(4), 643-668. Doi:10.1177/1077800403252736.

Santos, S. I. D. (2010). *Um olhar sobre o abandono escolar no concelho da trofa*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: Algumas estratégias para a integração. *Revista Ciência & saúde coletiva*, 5(1), 187-192.

Silva, A. R. A. C. (2014) *Um Olhar sobre o Abandono Escolar: Da Compreensão à Prevenção e Intervenção*. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa Porto,

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques* (1st Ed.). Newbury Park, CA: Sage Publications.

Madeira, T. M. B, A. (2013). *Prevenção da gravidez na escola secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes*. Dissertação Mestrado em Educação Social - Especialização em Educação Social. Universidade do Algarve.

Thisen, G. F. (2014). *Ritos e Rituais: Uma Análise do Ritual do Judiciário*. *Revista eletrónica São Judas Tadeu*. Consultado em revista.saojudastadeu.com.br:8088/ojs/index.php/SJT/article/download/27/24 de GF THISEN - 2014 - 25 de maio de 2017.

Trivinos, A.N.S. (1987). *Introdução a pesquisas em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas, São Paulo.

Tchifulezi, V.P. (2016). Abandono escolar no ensino primários em escolas de Benguela: Análise de fatores familiares e curriculares. Dissertação de mestrado e Administração e gestão da Educação. Universidade Portucalense: <http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/1668/1/TME%20566.pdf>.

UNICEF-A Conversão sobre os Direitos da Criança. (1990). *Para todas as crianças: Saúde, Educação, Igualdade, Proteção*.

Vasconcelos, M, D, M, C. (2013). *Abandono e Absentismo Escolar no Concelho de Ponta Delgado*. Dissertação para obtenção do mestrado. Universidade Fernando Pessoa.

Yakuleinge, G. F. (2013). *O sacro-religioso nos ritos de infância e adolescência de ovakwanyama*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

Artigos de legislação de Angola

Lei n.º 2/07 de 31 de agosto (Lei da Organização e do Funcionamento dos Órgãos de Administração Local do Estado).

Lei n.º 23/92, de 16 de setembro (Lei da Revisão Constitucional)

Lei n.º 7/81 de 4 de setembro (Lei dos Órgãos Locais do Estado, Angola)

Lei n.º 17/99 de 29 de outubro (Lei da Administração Local do Estado, Angola).

Blystad, A., Sandoy, I. F., Mudenda, M., Zulu, J., Munsaka, E., Makasa, M. C. Maestad, O., Tungodden, B., Jacobs, C., Kampata, L., Fylkesnes, K., Svanemyr, J., Moland, K. M., Banda, R.,

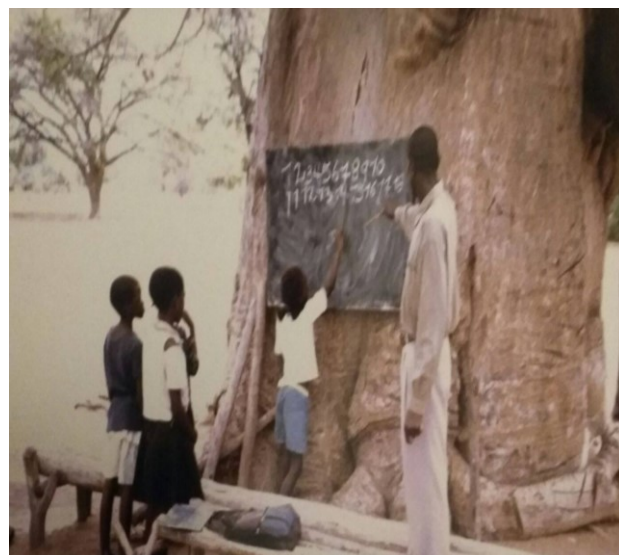
Musonda, P. (2016). *Effectiveness of a girls' empowerment programme on early childbearing, marriage and school dropout among adolescent girls in rural Zambia: study protocol for a cluster randomized trial*. disponível em, <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5148869/>.

ANEXOS

Imagens de uma escola de *Ondobe* no município do Cuanhama



Alunos da 1ª classe numa sala de aula de pau-a-pique.



Alunos da outra turma da 1ª classe, recebendo aulas de baixo de uma árvore.

Adolescentes na realização do Rito de *Efundula* no município do Cuanhama



Ovafuko, sentadas no *olupale* num dos dias da Cerimônia de *Efundula*.



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

após a experiência do ritual *Efundula*

Tema: Abandono escolar

Dados sociodemográficos
código: _____

Data de nascimento: _____
Idade: _____

Estado civil:

Casada
União de factos
Divorciada
Separada
Viúva
Mãe solteira

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

Há quanto tem

Qual é a tua ocupação/situação profissional?

Trabalha
Trabalha
Des
Doméstica por conta própria/
Empregada
Comerciante in
Outr

Qual? _____

Tem filhos?

Quantos filhos tem?

Quantos? _____

Idade de cada filho?

Idade de c

Com quem vive?

Pais e

Apena

Pai e m

Apena

Mãe e

Amig

Marid

Patrõe

Local

Outo

Qual? _____

Localização (zona) de habitação?

Quem se responsabilizou pela sua educação? (pais; outras famílias...missões, etc) _____

Sempre?

Se não, especificar as idades em que mudou de encarregado de educação: _____

Porque? _____

Escolaridade

Qual é o teu nível escolaridade?

1.º Ciclo ensino básico (4

2.º Ciclo ensino básico (6

3.ª Ciclo ensino básico (9

Em que zona estudaste?

Em que ano começou a estudar? _____

Com quantos anos começou a estudar? _____

Em que classe começou a estudar? _____

Qual foi último ano em que esteve a estudar? _____

Que classe esteve a estudar quando desistiu? _____

Qual é o nível de escolaridade dos pais? _____

Sempre estudou na mesma escola?

Se não porque teve de mudar? _____

A tua escola era próxima de casa?

Efundula

Com quantos anos passou pelo Efundula? _____

Religião

Crenças religiosas? Sim Não

Qual é a religião? _____ É praticante? Sim Não

Questões da entrevista

1º parte: a escola

Agora gostaria de fazer algumas perguntas relacionadas com a escola e com o facto de teres desistido de estudar.

Temas Gerais	Temas específicos	Questões
A importância da escola	Como é que as jovens percecionam a importância e o contributo da escola para a sua integração familiar e social?	<ul style="list-style-type: none"> - Gostava de andar na escola? Sim () Não () - Porquê? O que significa/significava para si andar na escola? - O que mais gostava na escola? - O que menos gostava na escola? - Que tipo de aluna se considerava (boa; má; mais ou menos). - Que importância tem/teve a escola para a tua vida? - Acha que aprender e adquirir uma formação é interessante? - Antes de abandonar a escola pensava assim, do mesmo jeito? - Durante o tempo que frequentou a escola acha que aprendeu alguma coisa de grande utilidade na sua vida? - Se não abandonasses, como acha que seria a sua vida agora? - O que acha que teria mudado? - Sentiu que faltou alguma coisa na sua vida enquanto estudante? Sim () Não () - Se sim, o que acha que faltou? Porque acha que isso seria importante? - Teve apoio dos pais enquanto estudante? De quem mais teve apoio na sua vida escolar?
		<ul style="list-style-type: none"> - Abandonou a escola para sempre ou só desistiu por um período determinado e pretende retornar à escola? - Se desistiu, porquê? Quando desistiu? Quando pretende retornar à escola? Porque?

<p>O abandono escolar</p>	<p>Como foi vivido o abandono escolar? / Quais os fatores que contribuíram para a decisão de abandono?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Se abandonou, porquê? Quando abandonou? (explorar papel dos pais/ de outros na decisão e papel da própria; explorar outros fatores inclusivamente <i>Efundulo</i>) - Como se sentia quando já não ia à escola? Ainda se sente assim? (sim/não) Porquê? - E o que passou a fazer nesse tempo? Ainda se mantém hoje? (sim/não) Porquê? - Está satisfeita por ter decidido abandonar/desistir? Porquê? - Se fosse hoje tomaria a mesma decisão? (Sim/não). Porquê? - Informou a escola sobre a decisão do abandono ou simplesmente deixou de ir? Sim () Não () <p>Se sim: Qual foi o papel da escola na tomada de decisão sobre o abandono? (teve algum apoio/contra abandono por parte da direção; professores, colegas).</p> <p>Se não: Porquê? E a escola procurou ter algum contacto consigo?</p>
<p>2º Parte: o ritual <i>Efundula</i></p> <p>Agora vamos abordar aspetos relacionados com a nossa cultura, uma vez que as raparigas passam por alguns rituais de iniciação a vida adulta. Vamos falar concretamente sobre <i>Efundula</i>.</p>		
	<p>Qual é o poder de decisão das raparigas sobre a sua participação nos ritos de</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Em que ano estava a estudar quando passou pelo <i>Efundula</i>? - Participou nesse ritual por vontade própria? Sim () Não () - Se sim, considera que sentiu necessidade disso? - Se não, por que achou que não devia participar? - A sua reação ou escolha mudou alguma coisa? - Em que momento percebeu que iria passar por este ritual? Como foi dada essa informação? Por quem? O que sentiu naquele momento? Como reagiu? Que informação teve sobre <i>Efundula</i>? - Sabia o que acontece no <i>Efundula</i>?

<p>Experiencia do <i>Efundula</i></p>	<p>iniciação? E que importância atribuem ao papel dos pais e outros agentes significativos implicados na decisão de participar nos ritos de iniciação?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecia outras raparigas que já tinham passado pelo <i>Efundula</i>? O que é que pensava sobre elas? - Como se sentiu no início/primeiros dias do <i>Efundula</i>? Houve diferença para o final? - Quem decidiu a sua participação no <i>Efundula</i>? - Se pais: que significado tem para si a participação dos seus pais nessa decisão? - Se outros: que significou para ti, a decisão da sua participação no <i>Efundula</i> ter sido tomada por outras pessoas? - Essas pessoas tiveram alguma importância na sua vida escolar?
<p>Perceções sobre o <i>Efundula</i></p>	<p>Que crenças, valores as jovens associam à práxis de <i>Efundula</i>?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Para si o que é <i>Efundula</i>? - Que significado tem para si a experiência de <i>Efundula</i>? - Na sua perceção, o que é diferente entre a vida das raparigas que não passam por <i>Efundula</i> e a vida das que passam?
	<p>Como as jovens percecionam a influencia/importância de <i>Efundula</i> na sua vida presente e o futuro? E que sentimento tiveram antes e depois dos ritos de <i>Efundula</i>?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Olhando para a sua vida, acha que esta experiência proporcionou algumas mudanças? Positivas (benefícios)/negativas? Então foi importante ter passado pelo <i>Efundula</i>? Sim () Não () - Acha que esta experiência fornece informações úteis para a sua vida no futuro? - Em que sentido (como mãe, ou existem outros aspetos - explorar)? <p>Sabemos que antes de <i>Efundula</i> as raparigas são consideradas moças; e depois da passagem, passam a ser consideradas senhoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que acha disso? Sentiu-se assim? - Depois de <i>Efundula</i>, que sentimentos teve sobre si mesma? - Passou a ser tratada como senhora? Isso foi negativo ou positivo?

		- Essa passagem pelo Efundula fez alguma mudança na sua interação social ou na sua vida em geral? (Explorar relação com o sexo masculino, filhos etc)
<i>Efundula e Escola</i>	Os ritos de iniciação alteram a importância e o papel que a rapariga atribui à escola?	- Depois da experiência de <i>Efundula</i> , adquiriu ponto de vista diferente sobre a escola? - Sempre continuou do mesmo jeito que era antes? Se sim, o que é que mudou? Porquê? Se não, porquê?
	Os ritos de iniciação influenciam na decisão do abandono escolar da rapariga?	- A passagem pelo Efundula teve alguma coisa a ver com a decisão de abandonar/interromper a escola? Não () Sim () Se não, explorar. Se sim, em quê? (explorar ligações “diretas e indiretas”) -Das suas amigas que passaram pelos ritos de iniciação, quantas se mantêm na escola? E quantas desistiram/interromperam? Porquê? (explorar nas 2 situações).

NOTA: durante a entrevista é muito importante ficar atenta em dados como: [gravidez: questionar sobre as circunstâncias em que surgiu, acompanhamentos médicos, normalidades, apoios, tratamentos pré e perinatais; consumo de álcool na família, do próprio indivíduo no contexto escolar; e condições da escola em múltiplas dimensões.](#)



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

Tema: Abandono escolar após a experiência do ritual *Efundula*

Dados sociodemográficos

código: _____

Efiku eli wadalwa: _____

Eedula: _____

Estado civil:

Waombola momambo	<input type="checkbox"/>
Waombola moshikwanyama	<input type="checkbox"/>
Owayengana	<input type="checkbox"/>
Ovelihenga ou Ovadjakumwe	<input type="checkbox"/>
Omufiyekadi	<input type="checkbox"/>

Efimbo lifike peni?	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>

Omumeme eli oye avauke

Oilonga yoye oshike? Ou oholongo shike?

Oilonga yoye yaalushe

Oilonga yoye yopokafimbo

Ilo iyolongo

Oumulongi womepya loye mwene

Oumulongi wo momatya vavakweni

Ohoningi ongeshefa yoye mwene

Ouna vali oilonga imwe

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

Ilipipo? _____

Ouna ounona?

Sim

Não

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

Oveli vangapi?

1

2

3

Ilo ounavali

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

Oveli ngaalipi? _____

Keshe okana okena edula ngapi?

1° filho

2° filho

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

3° filho
Idade de outros filhos

Onye nalyee muli meumbo?

Tate na meme
Na tate ashike
Tate omushamane wa meme
Ondili ashike na meme
Na meme no mushamane waye
Okaume
Omushamane wange
Omunghona
Ko nele yoilonga
Ikwaho

Ilipipo? _____

Onele apahodi?

Momukunda
Modoolopa
Pokati

Olyelye ekutekula? (pais; outras famílias...missões, etc) _____

Alushe?

Sim
Não

Se não, especificar as idades em que mudou de encarregado de educação: _____

Shashi? _____

Escolaridade

Qual é o teu nível de escolaridade?

1.º Ciclo ensino básico (4.ª classe)

2.º Ciclo ensino básico (6.º ano)

3.ª Ciclo ensino básico (9.º ano)

Owelilongifa moshilongo ilo omo doolopa?

Rural

Urbana

Mista

Owatameka okulilongifa modula ili? _____

Owatameka okulilongifa needula ngapi? _____

Owatameka okulilongifa mondodo oningapi? _____

Odula ilipi wakhuuninua okulilongifa? _____

Ondodo oningapi kwali tolilongifa eshi wadja mehongo? _____

Ondodo oningapi ootate vakhuuninwa okulilongifa? _____

Nghee wadja owelilongifa moshikola imwe aike?

Sim
Não

Omolwaashike walundulukila? _____

Oshikola yoye oyali popepi neumbo leni?

Sim
Não

Efundula

Owafukala una eedula dilingapi? _____

Religião

Oumukelefiti? Sim Não

Ouli meongalo lashike? _____ Ohongala ngo? Não
Sim

Questões da entrevista

1º parte: a escola

Paife ondaala okukuninga omapulo vamwe vakwatelamo Ehongo no molwa yashike wadilamo

Temas Gerais	Temas específicos	Questões
A importância da escola	Como é que as jovens percecionam a importância e o contributo da escola para a sua integração familiar e social?	<ul style="list-style-type: none">- Okwali uhole okuya koshikola? Sim () Não ()- Omolwa shike?- Oshike vali kwali uhole moshikola?- Oshike kwali weehole unene moshikola?- Eshi watala okwali umulilongifi uli ngaali: Okwali uuditeko, tonyengwa, ilo okwali uli pokati?- Elongo monghala mwenho yoye olakala lina oshiyetwapo shiwa?- Ototi ngenge ove welilongifa owashiiva-yo shinako nasha?- Eshi kwali inodjamo moshikola okwali olidilaadila ngaho?Durante o tempo que frequentou a escola, acha que aprendeu alguma coisa de grande utilidade na sua vida?-Ngeno moshikola kudilemo, ototi ngeno onghalamwenho yoye oili ngahelipi paife?- Ngeno kwadilemo, oshike ngeno walundululapo monghalamwenho yoye?- Eshi totale, eshi kwali olilongifa, okwali wakambelasha? Sim () Não ()- Se sim, Oshike kwali shekukambela? Omolwa yashike totile okwali shina oshulonga?

		- Okwali una eyambidido la khoo na nyoko eshi kwali tolilongifa? Olye vali ekuyambidida mokulilongifa kwoye?
O abandono escolar	Como foi vivido o abandono escolar? / Quais os fatores que contribuiram para a decisão de abandono?	<p>-Mehongo owadjamo filu filu ilo owadilaadila uhalukilemo?</p> <p>- Ngeenge owadiililamo, omolwaasike? Efimbo olifike peni wadjamo? Ngeenge otohalukilemo, efimbo peni wadilaadila waalukilemo? Omolwaashike?</p> <p>- Ngeenge oshikola oweyeeefa, eshi totale oshike nee ashikufifamo ounyasha mehongo?</p> <p>- Okwali oudu ngahelipi eshi kwali iyoi koshikola? Natango oso oudu? Omolwaashike?</p> <p>- Oshike waningapo mefimpo olo? Natango osho ngo oningi? Omolwaashike?</p> <p>- Owauda nawa eshi wadja mehongo? Oike? Omolwaashike?</p> <p>- Ngeno okwali omonena, natango ngeno osho todilaadila? Omolwaashike?</p> <p>- Owashiiwifa Oshikola kutya otodimo ilo owatameka ashike iyoiko vali?</p> <p>Oshikola eyekunyamukula ngaelipi? Ovalongifi no valongua pamwe naave ovati huepo udjemo?</p> <p>Ngeenge ahawe: omolwaashike? Oshikola oyakonga okuninga ekwatafano naave?</p>
2º Parte: o ritual <i>Efundula</i>		
Agora vamos abordar aspetos relacionados com a nossa cultura, uma vez que as raparigas passam por alguns rituais de iniciação à vida adulta. Vamos falar concretamente sobre <i>Efundula</i> .		
		<p>- Okwali uli mondodo ilipi yoshikola eshi wafukala?</p> <p>- Owafukala kehalo loye mwene?</p> <p>- Ngeenge eeno, okwali uwete wafika mefimbo lokufukala?</p> <p>- Ngeenge ahawe, oshike kwali ngeno shikwiimbe ufukale?</p> <p>- Edilaadilo ilo etokolo loye olalundululaposha?</p>

<p>Experiência de <i>Efundula</i></p>	<p>Qual é o poder de decisão das raparigas sobre a sua participação nos ritos de iniciação? E que importância atribuem ao papel dos pais e outros agentes significativos implicados na decisão de participar nos ritos de iniciação?</p>	<p>- Efimbo peni wauda kutya otoi mefundula tokafukala? Owayendwa ngahelipi opo ushilombwelwe? Oweshi lombwelwa kulyelye? Owauda ngahelipi pefimbo opo? Owanyamukula ngahelipi? Efundula owakala weluudako ngahelipi?</p> <p>- Owakala ushi eshi ashiningwa <i>mefundula</i>?</p> <p>- Okwali nale ushii oukadona vamwe mwaava wafukala navo? Okwali ovataleko ngahelipi?</p> <p>- Owauda ngahelipi mo mafiko votete eshi tofukala? Opakala eyooloko nokekhuunino?</p> <p>- Olyelye ekutokolela efundula?</p> <p>- Ngenge okhoo; oweshitala ko ngahelipi osho shoonakudala voye vekutokolele efundula?</p> <p>- Ngenge ovanu vakwaho: Oweshitala ko ngahelipi opo efundula loye likale latokolwa kovanu vakwaho, voo avo vekudala?</p> <p>-Ovanu ava ovakala avekuvatelesha moshikola yoye?</p>
	<p>Que crenças, valores as jovens associam à práxis de <i>Efundula</i>?</p>	<p>- Efundula kwove oshike naana?</p> <p>- Efundula kwove oliná oshitwa shili ngahelipi?</p> <p>- Mokuudako kwoye, eyooloko lilipipo lili pokati koukadona ava vafukala naava inavafukala?</p>
	<p>Como as jovens percecionam a influencia/importância de <i>Efundula</i> na sua vida presente e o futuro? E que sentimento tiveram antes e depois dos ritos de <i>Efundula</i>?</p>	<p>- Mokutala monghalamuenyo yoye, Efundula olayetapo elunduluko lasha? Mbela oliwa, ilo olii?</p> <p>Hano oshafimana okupita mefundula, ilo kufukala?</p> <p>- Eshi watala okufukala okuna oshilonga monakwiiwa yoye?</p> <p>- Mongalo ilipi (como mãe, ou existem outros aspetos - explorar)?</p> <p>Otwauda akutiwa nokutya oukadona omanga inavafukala ohavatalikwako ngaashi oukadona-elela, ndele shima vafukala ohavatalikwako ngaashi ovakulukadi:</p> <p>- Oshiima osho oweshitalako ngahelipi? Naave osho weluudako osho?</p>

Percepções sobre o <i>Efundula</i>		<ul style="list-style-type: none"> - eshi wafukala owelitalelako ngahelipi ove mwene? - Owatalikako ngaashi omukulukadi? Osho oshapuka ilo oshayuka? - Okufukala kwoye okwayetapo elunduluko lasha paulimumwe wo poshiwana ilo monghalamwenyo yoye (Explorar relação com o sexo masculino, filhos, etc.)
<i>Efundula</i> e Escola	Os ritos de iniciação alteram a importância e o papel que a rapariga atribui à escola?	<ul style="list-style-type: none"> - Konima yefundula, oshikola oweilako ngoshiima shimwe shililile? - Owatwikila nomukalo ou wakala nao nale? Ngenge eheno, oshike shalundulukapo? Molwaashike? Ngenge ahawe, omolwaashike?
	Os ritos de iniciação influenciam na decisão do abandono escolar da rapariga?	<ul style="list-style-type: none"> - Mokupita kwoye mefundula okwekuyetela mbela omukalo umwe wokuefapo oshikola? Explorar: se sim, em quê? (explorar ligações “diretas e indiretas”) - Moo kaume koye ava navo vafukala, vangapi vatuikila noshikola yavo? - No vangapi vadjamo moshikola? - Omolwaashike mbela?

NOTA: durante a entrevista é muito importante ficar atenta em dados como: gravidez: questionar sobre as circunstâncias em que surgiu, acompanhamentos médicos, normalidades, apoios, tratamentos pré e perinatais; consumo de álcool na família, do próprio indivíduo no contexto escolar e condições da escola em múltiplas dimensões.

Descrição do sistema Geral de Categorias

1. ESCOLA				
Primeira grande categoria que integra todas as referências respeitantes à escola antes do abandono.				
1.1. Experiência escolar da própria				
Todas as referências que abordam a experiência escolar da participante.				
Código	Designação	Números de fontes e Referências	Descrição	Exemplos
1.1.1. Significado pessoal				
Referências ao significado que as participantes atribuem à experiência escolar.				
1.1.1.1.	Aprender boas coisas	1/1	Quando as participantes referem a escola como fonte de conhecimentos positivos.	<i>“Significava estar a aprender muitas coisas boas.”</i>
1.1.1.2.	Aprender novas coisas	2/2	Quando as participantes referem que andar na escola também significa querer aprender coisas novas.	<i>“Andar na escola significava ter vontade de aprender sempre coisas novas”</i>
1.1.1.3.	Conhecer pessoas importantes	1/2	Quando valorizam o contacto com as outras entidades.	<i>“Conhecia pessoas muito importantes que por vezes visitavam a nossa escola.”; “Já tivemos visitas dos padres, do Bispo e dos diretores de outras escolas.”</i>
1.1.1.4.	“Caminhar para uma vida melhor”	2/2	Quando referem que andar na escola significa progredir.	<i>“Sentia-me responsável, lutadora e quando passava de classe ficava orgulhosa de mim. Contava os anos que faltavam para terminar o ensino médio. Tudo aquilo para mim significava caminhar para uma vida melhor.”</i>
1.1.1.5.	Fonte do saber	1/1	Quando afirmam que a escola possui algum significado por ser a fonte do saber.	<i>“Estar na escola é estar na fonte do saber. É na escola junto dos nossos professores onde aprendemos as coisas básicas sobre a organização, valores éticos, uma disciplina regrada e muita coisa boas...”</i>

1.1.1.6.	Imagem	2/3	Todas as referências sobre aceitação social e importância da avaliação dos outros.	<i>“Todos me viam como uma pessoa inteligente e que se interessa por uma formação e pelo futuro.”; quando ficávamos numa determinada atividade que não seja escolar os mais velhos tratavam-nos com muito orgulho e tinham muito respeito por nós.”</i>
1.1.1.7. Importância da escola para a vida Referencia da importância/utilidade da Escola na vida.				
1.1.1.7.1.	Aprender a ler e escrever	9/13	Quando referem que aprender a ler e a escrever são benefícios úteis para a vida.	<i>“A escola teve importância porque, foi lá que aprendi a escrever, e a ler. Quando aprendi a ler os meus pais ficaram muito orgulhosos de mim, eu podia ler tudo, e em qualquer sítio. Não lia apenas nos livros da escola.”</i>
1.1.1.7.2.	Aprender a falar Português	5/6	Toda a informação relacionada ao fato de valorizarem a aprendizagem da língua Portuguesa.	<i>“Aprendi um pouco de português.”; “Acho que quando conseguir fazer a 10ª ou a 12ª classe vou falar português assim como você.”; “Conheci os nomes das coisas em português.”</i>
1.1.1.7.3.	Aprender geografia e história	2/2	Quando atribuem importância às aprendizagens de geografia e história.	<i>“Foi na escola onde aprendi os países, províncias e capitais. Também aprendemos muita coisa de história de Angola.”</i>
1.1.1.7.4. Aprender é interessante Toda a informação relacionada com o interesse de aprender.				
1.1.1.7.4.1.	Sim	10/10	Quando afirmam que aprender é interessante.	<i>“Sim. Eu acho que se terminasse a 12ª classe não estaria aqui. Estaria a trabalhar em algum sítio.”</i>
1.1.1.7.4.2. Razões Factos e circunstâncias que relacionam a importância do aprender.				
1.1.1.7.4.2.1.	Conseguir um trabalho	3/3	Quando atribuem a importância na influência da escola no futuro profissional.	<i>“Porque quando uma pessoa estuda bem, pode conseguir um trabalho.”</i>
1.1.1.7.4.2.2.	Ficar inteligente	3/3	Afirmações de que a escola possibilita um desenvolvimento intelectual.	<i>“Ficamos muito inteligentes e sabemos fazer as coisas.” “Se eu não tivesse estudado, acho que seria burra.”</i>
1.1.1.7.4.2.3.	Aprender sempre coisas novas	2/2	Atribuições de que a escola facultava novas aprendizagens.	<i>“Porque se aprende sempre coisas novas e diferentes que não aprendemos em casa.”</i>
1.1.1.7.5. Aprender muitas coisas				

Quando atribuem diversidade de referencias positivas a escola sobre as aprendizagens.				
1.1.1.7.5.1.	Sim	5/6	Quando as participantes afirmam que adquiriram aprendizagens na escola.	<i>“A escola teve muita importância porque aprendi muita coisa que não ia aprender se não estivesse na escola.”</i>
1.1.1.7.5.2.	“Tudo devo a escola”	2/2	Quando referem que a escola contribuiu ativamente nos seus conhecimentos.	<i>“A escola foi muito importante na minha vida porque, hoje tudo que sei fazer graças a escola. Tudo eu devo a escola.”</i>
1.1.1.7.5.3.	“Aprendi o importante”	1/1	Quando referem a suficiência das aprendizagens adquiridas na escola.	<i>“Acho que aprendi o importante.”</i>
1.1.1.7.6.	Aprender alguma coisa	4/4	Referencias de que aprenderam alguma coisa durante o tempo que andaram na escola.	<i>“Quando estive na escola aprendi alguma coisa sim...”</i>
1.1.1.7.7.	Comportamento diferente	1/1	Quando referem que a escola teve impacto positivo no comportamento da própria.	<i>“Eu não me comporto da mesma forma que se comporta uma pessoa que nunca esteve na escola. Eu tenho bom comportamento.”</i>
1.1.1.7.8. Na aldeia não se precisa de muito estudo				
Quando adequam o contributo da escola as suas necessidades				
1.1.1.7.8.1.	Sim	1/1	Quando as participantes afirmam que não necessitam de muitos conhecimentos adquiridos na escola no seu contexto de vida.	<i>“Nós aqui nas aldeias não precisamos de muito estudo.”</i>
1.1.1.7.8.2.	Razões		Factos e circunstancias que as participantes apontam nas suas vivências em que não aplicam os conhecimentos adquiridos na escola.	<i>“Nós não saímos daqui para trabalhar em outros sítios com os conhecimentos da escola. Ficamos por cá mesmo a cuidar dos filhos, dos animais e das nossas lavras.”</i>
1.1.1.7.9.	Opinião inalterada	9/9	Referências de que a participante mantém a sua opinião sobre a importância da escola para a vida. Antes e depois do abandono escolar.	<i>“Antes de abandonar a escola pensava assim, do mesmo jeito? “Sim. Pensava e vou continuar a pensar assim.”</i>
1.1.1.7.10.	Ser alguém no futuro	1/1	Quando referem que andar na escola significa procurar por um futuro melhor.	<i>“Porque é importante estudar para ser alguém no futuro.”</i>
1.1.1.7.11. Utilização dos conhecimentos adquiridos na escola no dia-a-dia.				

Quando referem a utilidade dos conhecimentos adquiridos na escola no seu quotidiano.

1.1.1.7.11.1.	Atividades extraescolares	1/1	Quando valorizam as experiências das atividades extraescolares importantes.	<i>“Participamos nas organizações da entrega dos alimentos aos donativos na missão, também ajudamos um mais velho a escrever um documento que precisava e não sabe ler nem escrever. Ele queria se escrever nos antigos combatentes.”</i>
1.1.1.7.11.2.	Ajudar os irmãos nas tarefas que trazem da escola	1/1	Quando referem a utilidade dos conhecimentos adquiridos na escola nas relações de interajuda em contexto familiar.	<i>“Agora consigo ajudar os meus irmãos a fazer algumas tarefas da escola. Fui eu que ajudei eles a ler e a escrever.”</i>
1.1.1.7.11.3.	Noções de solidariedade	1/1	Quando referem as vivências de solidariedade como uma das aprendizagens adquiridas na escola.	<i>“Sei que quando ajudamos os outros estamos a ser solidários e isso é muito importante.”</i>
1.1.1.7.11.4.	Aplicar a matemática nos trabalhos em casa	1/1	Utilidade das aprendizagens de matemática nas atividades domésticas.	<i>“Sei muitas contas e faço nos trabalhos de casa e da lavra.”</i>
1.1.1.7.11.5.	Falar português no comércio	1/1	Quando referem que as aprendizagens da Língua portuguesa adquiridas na escola ajudam nas suas necessidades diárias.	<i>“Sei os nomes das coisas em português e na escola aprendemos muitas coisas sobre o comércio. Por isso é que eu sei vender bem.”</i>
1.4.4.7.11.6.	Negociar com os turistas	1/1	Utilidade dos conhecimentos adquiridos na escola para satisfazer as necessidades comerciais.	<i>E quando vamos a cidade fazer compras ou vender algumas coisas eu sei negociar falando português com os turistas.</i>

1.1.1.7.12. Outros conhecimentos do mundo

Quando apontam a escola como a fonte de adquirir diversos conhecimentos.

1.1.1.7.12.1.	Frutas, Animais e comidas	1/1	Quando referem que a escola possibilita informações sobre as figuras socialmente conhecidas.	<i>“Também conhecemos figuras importantes como o Presidente da república, e alguns governadores. Os nomes deles ouvimos na Rádio, mas as caras deles só vemos nos livros e nas camisas do MPLA.”</i>
1.1.1.7.12.2.	Pessoas			
1.1.1.8.	Ter vontade de aprender	1/1	Quando as participantes referem que andar na escola significa ter vontade de aprender.	<i>“Andar na escola para mim significa, ter vontade de estudar”.</i>

1.1.2. Mudanças

Todas as referências que abordam todos aspetos relacionado com as mudanças de escola.

1.1.2.1. Mudanças de escola				
Tudo que diz respeito à passagem por escolas diferentes.				
1.1.2.1.1.	Sim	3/3	Quando as participantes referem que mudaram de escola.	<i>“Sempre estudei na mesma escola?” “Não.”</i>
1.1.2.1.2.	Não	4/4	Quando as participantes referem não mudaram de escola.	<i>“Sempre estudei na mesma escola?” “Sim.”</i>
1.1.2.2. Razões das mudanças				
Os factos que estiveram na base das mudanças das instituições escolares.				
1.1.2.2.1.	Limites de classes na escola anterior	1/1	Informações de que as mudanças de escola se deveu a limites de classes nas escolas de origens.	<i>“Mudei porque na escola onde comecei a estudar só tinha até 4ª classe naquela altura.”</i>
1.1.2.2.2.	Mudanças de casa	171	Quando as mudanças de escola estiveram relacionadas com mudanças no contexto familiar.	<i>“Antes eu morava com a minha mãe longe daqui.”</i>
1.1.3. Escola próxima				
Informações sobre distancia casa-escola.				
1.1.3.1.	Sim	3/3	Quando as participantes afirmam que estudaram numa escola próxima.	<i>“As duas escolas onde andei eram bem próximas da minha casa.”</i>
1.1.3.2.	Não	3/3	Quando as participantes afirmam que não estudaram numa escola próxima.	<i>“A segunda escola era muito distante.”</i>
1.1.3.3.	Mais ou menos	4/4	Quando há afirmações de que as participantes estudaram numa escola próxima mais ou menos próxima.	<i>“A primeira escola era mais ou menos.”</i>
1.1.3. Avaliação				
Tudo o que tem a ver com aspetos avaliativos da experiência escolar da própria (das aprendizagens e/ou da escola em geral)				
1.1.3.1. Avaliação positiva				
Quando as participantes referem aspetos positivos da experiência escolar (aprendizagens e/ou escola em geral)				
1.1.3.1.1.	Em geral	10/12	Quando as participantes avaliam positivamente (no geral) a experiência escolar.	<i>“Eu gostava de andar na escola e gostava de tudo.”</i>

1.1.3.1.2. Aspetos valorizados positivamente

Todos os aspetos que especificam como positivos.

1.1.3.1.2.1.	Brincar com os colegas	4/5	Relacionada com a valorização do brincar.	<i>“Gostava de brincar com as minhas colegas”.</i> <i>“Em casa tinha muito trabalho e não tinha crianças para brincarmos.”</i>
1.1.3.1.2.2.	Colegas	5/5	Referências de boas relações com os pares no contexto escolar.	<i>“Gostava de estar com os outros, e aprender juntos.”</i>
1.1.3.1.2.3.	Conviver com os outros	1/1	Relacionada com o convívio entre pares.	<i>“Gostava também de conviver com pessoas de outros bairros”.</i>
1.1.3.1.2.4.	Disciplinas	2/3	Quando afirmam que gostam das disciplinas curriculares.	<i>“Gostava muito de Geografia e História, são essas disciplinas de que gostava mais.”</i>
1.1.3.1.2.5.	Estudar	6/7	Afirmações de que gostavam de estudar na escola.	<i>“E gostava também de ler e estudar.”</i>
1.1.3.1.2.6.	Ensinar os outros	2/2	Indicações de que partilha de conhecimentos.	<i>“Gostava de estudar em conjunto com as minhas colegas”;</i> <i>“O professor me mandavam ensinar os outros que não estão a aprender conjugar os verbos e eu gostava e sentia-me importante por isso.”</i>
1.1.3.1.2.7.	Ficava com os meus irmãos	1/1	Situação de uma participante que morava separada dos irmãos, mas estudavam na mesma escola.	<i>“Também aproveitava ficar um pouco com os meus irmãos lá.”</i>
1.1.3.1.2.8.	Muitas coisas	1/1	Quando afirmam que gostavam de muitas coisas.	<i>“Eu gostava de muita coisa na escola”.</i>
1.1.3.1.2.9.	Professores	5/5	Relações positivas com os professores.	<i>“Gostava dos meus professores, da forma como nos ensinavam”;</i> <i>“Também gostava de conversar com os meus professores”.</i>
1.1.3.1.2.10.	Tranquilidade	3/3	Informação sobre a escola como um lugar de tranquilidade.	<i>“Gostava de estar na escola porque lá é tranquilo e aproveitava descansar um pouco.”;</i> <i>“Na escola tinha muita paz e tranquilidade.”</i>

1.1.3.2. Autoavaliação

Referências ao modo como se avaliam enquanto alunas

1.1.3.2.1.	Avaliação positiva	4/4	Quando as participantes avaliam positivamente o seu empenho académico.	<i>“Considerava-me boa aluna, tirava sempre notas acima de 10 e nunca reprovei. Além disso os professores diziam que era ser boa aluna e até ensinava muito os meus colegas.”</i>
------------	--------------------	-----	--	---

1.1.3.2.2.	Mais ou menos	4/4	Quando as participantes não se classificam pontualmente. Isto é, nem sendo boas nem más alunas.	<i>“Normal, mas tinha muitas dificuldades porque tenho cabeça dura”.</i> <i>“Havia coisas que eu fazia bem.”</i>
1.1.3.2.3. Avaliação negativa Quando as participantes fazem uma avaliação negativa enquanto alunas.				
1.1.3.2.3.1.	Faltou juízo	1/2	Indicação de que faltou aproveitamento.	<i>“Faltou-me muito juízo. Acho que não aproveitei bem aquele momento. Apesar dos trabalhos que fazia em casa, eu era só estudante.2</i>
1.1.3.2.3.2.	Faltou força e vontade	1/1	Indicação da falta de motivação.	<i>“Mas também me faltou muita força e vontade de estudar.”</i>
1.1.3.2.3.3.	Muito burra	1/1	Quando a classificação é totalmente negativa.	<i>“E eu era já muito burra.”</i>
1.1.3.2.3.4.	“Não sabia as coisas”	1/1	Referencia de algumas dificuldades na aprendizagem.	<i>“Não sabia as coisas.”</i>
1.1.3.2.3.5.	Má aluna	1/2	Quando as participantes se consideram más alunas.	<i>“Considero que fui má aluna”. “Eu tenho cabeça dura, não consigo aprender nada.”</i>
1.1.3.3. Aspectos menos valorizados Aspectos menos valorizados/ dificuldades				
1.1.3.3.1.	Aulas de matemática	2/2	Quando as participantes referem que gostavam menos das aulas de matemáticas por apresentarem certas dificuldades.	<i>“Não gostava das sulas de matemática porque acertava pouco os exercícios e me sentia muito burra.”</i>
1.1.3.3.2. Bater Todos os fatos e sentimentos relacionados o bater.				
1.1.3.3.2.1.	Sim	2/2	Afirmações de que as participantes eram batidas.	<i>“Não gostava de apanhar porrada”.</i>
1.1.3.3.2.2. Razões do bater Todas as situações que estão na origem do bater.				
1.1.3.3.2.2.1.	Barulho na sala de aula	1/2	Barulho na sala de aula como uma das causas do bater.	<i>“Mas também quando fazíamos muito barulho na sala de aula”.</i>

1.1.3.3.2.2.2.	Dificuldade de aprender	1/1	Quando o bater é relacionado com métodos para superar as dificuldades de aprendizagens.	<i>“Era quando não estávamos a aprender rápido”.</i>
1.1.3.3.2.2.3.	Chegar atrasada	2/2	O bater relacionado com os atrasos.	<i>“Quando atrasava e quando não fazia a tarefa.”</i>
1.1.3.3.3.	Errar mais que as crianças	1/1	Quando as participantes referem que se sentiam mal quando tinham menos êxitos nas tarefas escolares em relação aos colegas mais novos.	<i>“Não gostava muito quando as crianças fazem tudo bem e levam bom e eu levo mal.”</i>
1.1.3.3.4.	Fazer limpeza	1/1	Referências de que as participantes faziam limpeza na escola antes das aulas começarem.	<i>“Não gostava de fazer limpeza. chegávamos cedo para varrer as folhas das árvores e ficávamos cheios de poeira e a sair calor.”</i>
1.1.3.3.5.	Fazer tarefas pelo caminho ou chegar cedo para fazer tarefa	1/1	Circunstancias relacionadas com a carência manuais escolares.	<i>“Quando não tínhamos livros fazíamos as tarefas no caminho ou chegávamos mais cedo na escola para pedir livros nos outros antes do professor chegar.”</i>
1.1.3.3.6. Necessidades				
Referências relacionadas as necessidades materiais ou não relacionadas com a escola.				
	1.1.3.3.6.1. Sim	9/9	Referências de que sentiram alguma necessidade enquanto estudantes.	<i>“Sentiu que faltou alguma coisa na sua vida enquanto estudante?” “Sim.”</i>
1.1.3.3.6.2. Não				
Referências sobre ausência de necessidades enquanto estudantes.				
1.1.3.3.6.2.1.	Não	1/1	Quando afirmam que não tiveram necessidade enquanto estudante.	<i>“Sentiu que faltou alguma coisa na sua vida enquanto estudante?” “Não.”</i>
1.1.3.3.6.2.2.	“Tive sorte que muitos não tiveram”.	1/1	Referências de que a participante possuía condições de vida diferentes.	<i>“Tive a sorte que muitos outros não tiveram. “aprendi a falar português muito bem, fui estudar na capital num meio que me fez crescer muito e fiquei conhecida por muitos padres e madres.”</i>
1.1.3.3.6.3.	Carência de professores	1/1	Referente a falta de professores.	<i>“Faltou mais professores. Só tínhamos dois professores para as 4 classes mais a pré-escolar.”</i>
1.1.3.3.6.4.	Eletricidade	2/2	Todas as referências relacionadas as necessidades de iluminação, no	<i>“Há diferença entre nós e os alunos da missão, eles têm energia e estudam mesmo de noite. Já nós que moramos nas aldeias, a partir</i>

			contexto devida das participantes enquanto estudantes.	<i>das 18h, a hora que chegamos a casa, já escurece e daí só abrir os livros dia seguinte na escola.</i> ”
1.1.3.3.6.5.	Falta de professores capacitados	1/1	Referências da falta de professores capacitados.	<i>“Também tínhamos a falta de muitos professores que sabem muito.”</i>
1.1.3.3.6.6.	Materiais escolares	9/13	Tudo que é referente a falta de materiais escolares.	<i>“Não tínhamos pastas para proteger os nossos materiais. Levamos na mão ou nos sacos de panos e quando chovia molha tudo. No tempo chuvoso, algumas vezes os professores mandavam deixar os livros nas escolas para não molharem.”; devíamos ter mais livros para cada um ler no livro dele e não nos livros dos outros”; “Eu só tinha o livro de Língua Portuguesa, uma lapiseira e um caderno onde misturava todas matérias.”...</i>
1.1.3.3.6.7.	Salas de aulas com cobertura	1/1	Relacionada com espaço físico protetor.	<i>“Faltou salas de aula cobertas. A pré, a 1ª, e a 2ª alasse estudavam de baixo das árvores; e a 3ª e 4ª estudavam nas salas cobertas de capim, mas depois um padre construiu lá três salas de blocos.”</i>
1.1.3.3.6.8.	Transportes	2/2	Referência as necessidades relativas a transportes.	<i>“Na Missão onde eu estudava é muito longe e precisava de uma Bicicleta ou Mota, para me levar na escola pelo menos um dia me levaria e no outro dia eu ia pé.”</i>
1.1.3.3.6.9.	Outras necessidades	8/14	Referências a outras necessidades diferentes das mencionadas.	<i>“Faltou dinheiro para comprar roupas para escola, sabão para tomar banho e lavar a pouca roupa que tinha, e sapatos porque o chão fica muito quente e quando caminhamos muito os pés doem. As vezes parávamos um pouco debaixo das árvores para arrefecer os pés.”; “Quando é no tempo da chuva, enfrentamos muita chuva sem guarda-chuva. Quando não é chuva enfrentamos muito sol e passamos sede também.”</i>
1.1.3.3.7.	Pedir livros emprestados	1/1	Referências sobre a partilha dos livros.	<i>“Na sala de aula, quando fazíamos leitura e um aluno não tinha livros, pede para os outros emprestarem.”</i>

1.1.3.3.8. Pôr de castigo
Informações sobre as punições.

	1.1.3.3.8.1. Sim	1/1	Afirmarções de terem experienciadas algumas punições no contexto de sala de aula.	<i>“Também não gostava quando me metiam de castigo.”</i>
1.1.3.3.8.2. Razões do castigo <i>Todos os fatores relacionados com a origem das punições.</i>				
1.1.3.3.8.2.1.	Incomodar a aula	1/1	Quando referem atrasos como situação uma situação que incomoda a aula.	<i>“Eu sei que é mal incomodar a aula dos professores.”</i>
1.1.3.3.8.2.2. Chegar atrasada Referencias de que as participantes não valorizavam o facto de chegarem atrasadas				
1.1.3.3.8.2.2.1. Razões de chegar atrasada Todos os fatores que se refletem em atraso na escola.				
1.1.3.3.8.2.2.1.1.	Ajudar em casa	1/2	Relacionado com o facto de as participantes ajudarem nos trabalhos de casa antes de irem a escola.	<i>“Porque normalmente nós meninas acordados sempre quando o galo começa a cantar. Por vezes o galo termina de cantar e eu fico mais um pouco na cama e dai atrasa tudo. Ou quando vou a busca de agua num sítio e não encontro tenho de ir num outro sítio até encontrar, e ali atrasa tudo.”</i>
1.1.3.3.8.2.2.1.2.	Cansaço	1/1	Quando o cansaço das atividades de casa se reflete em sanções na escola.	<i>“Porque já chegamos na escola cansadas porque nós andamos a pé. Os professores na sua maioria têm motas ou bicicletas.”</i>
1.1.3.3.8.2.2.1.3.	Distância	1/2	Referências à distância entre a casa e a escola.	<i>“É mesmo por causa da distancia que percorremos de casa para a escola.”</i>
1.1.3.3.9.	Sentir fome na escola	1/2	Quando referem a necessidade de se alimentar durante o tempo que permanecem na escola.	<i>“Não gostava quando sentia muita fome durante as aulas. Algumas vezes só pensava na hora de sair para ir comer em casa.”</i>
1.2. Apoio da família na vida escolar Categoria referente a todas as dimensões relacionadas com a família e a escola.				
1.2.1.	Sim	10/10	Quando afirmam que tiveram apoio dos familiares enquanto estudantes.	<i>“Teve apoio enquanto estudante?” “Sim.”</i>
1.2.2.	Apoio dos pais	5/5	Toda a informação relacionada com o apoio dos pais na vida das participantes enquanto estudante.	<i>“Tive sempre apoio dos meus pais. Eles sempre disseram para eu ir a escola e nunca desistir porque posso ter um futuro melhor para ajudar a família. E sempre me deram um pouco no que eles conseguiam.”</i>

1.2.3.	Apoio da Mãe e irmãos	1/1	Quando referem que contaram com o apoio da mãe e dos irmãos nos seus estudos.	<i>“Tive mais apoio da minha mãe, e dos meus irmãos mais velhos, que já têm as suas casas.”</i>
1.2.4.	Apoio dos tios	2/2	Quando as participantes referem que tiveram apoio dos tios nos seus estudos.	<i>“Tive apoio dos meus tios, forma eles que me meteram na missão para eu estudar e passavam sempre lá para falar com as padres e me deixavam dinheiro para comprar o que eu quiser”.</i>
1.2.5.	Apoio da Avó	2/2	Referem do apoio da avó quando estudavam.	<i>“Tive mais apoio da minha avó.”</i>
1.3.	Algumas circunstâncias escolares	1/1	Factos ou circunstâncias relacionadas com as condições das escolas, que as participantes apontam como experiências no contexto escolar.	<i>“Por vezes os professores ensinam duas classes ao longo do ano. Então, quando o professor ia na sala da 3ª classe, nós na 4ª classe, continuávamos com a aula. Então os que sabem mais ensinavam os que sabem menos, até o professor chegar.”</i>
1.3. Dificuldade na vida dos alunos Dificuldades apontadas para os alunos em geral.				
1.4.1.	Em geral	6/8	Quando se referem às dificuldades que vivem todos os que frequentam a escola (meninas e meninos).	<i>“Tudo aqui é difícil. Tudo mesmo. A nossa pobreza torna tudo mais complicado; a distancia para as escolas também; a falta de hospitais e médico, porque quando estamos doentes ficamos em casa até a doença passar sozinha ou com medicamentos de casa. Só quando estamos graves é que vamos ao hospital há 21 Quilómetros a pé. E ficamos a faltar nas aulas até ficar melhor”.</i>
1.3.1. Das alunas em particulares Quando se referem às dificuldades vivenciadas pelas meninas enquanto estudavam.				
1.3.1.1.	<i>Efundula</i>	3/3	Quando as participantes referem que a vivência de <i>Efundula</i> dificultou a sua vida.	<i>“As meninas temos mais dificuldade de continuar estudantes. Uma dessas dificuldades é termos que fazer Efundula. Porque muitas coisas mudam.”; “Não é fácil aguentar a vergonha de ser tratada diferente na escola só porque fizemos Efundula.”</i>
1.3.1.2.	Gravidez e maternidade	4/5	Quando as participantes afirmam que a gravidez/maternidade dificultaram a sua vida escolar.	<i>“E quando a menina fica grávida já não estuda bem.”; “Quando já somos mães é difícil deixar a criança em casa para ir na escola porque demoramos muito para voltar por ser distante. E não dá para velar o bebe na escola.”</i>
1.3.1.3. Os homens				

Referências atribuídas ao impacto negativo na relação com os homens.

1.3.1.3.1.	Homens comuns	3/4	Quando apontam consequências do comportamento negativo dos homens comuns na sua vida escolar.	<i>“Quando íamos a escola os homens nos seguem muito, nos enganam, falam muitas coisas bonitas e depois quando já estragam a nossa vida nos deixam sozinhas.”; “Os rapazes gostam de pedir namoro no caminho, alguns não estudam, mas quando uma menina sai da escola sozinha, eles ficam à espera dela na mata.”</i>
1.3.1.3.2.	Os professores	1/1	Informações que algumas participantes afirmam como consequências do comportamento negativo de alguns professores.	<i>“Alguns professores também nos pedem namoro. E quando não aceitamos tiramos negativas na prova. Também não são todos. São só aqueles professores mais novos. Quem não quer foge deles. Quem quer faz. Muitas meninas também gostam de dormir com os professores para lhes dar dinheiro e as coisas que querem. E para não reprovar.”</i>
1.3.1.4.	Pobreza	2/2	Quando as participantes referem a pobreza como tendo impacto negativo na sua vida escolar.	<i>“A pobreza, nós as meninas precisamos de mais coisas em relação ao homens. Por exemplo precisamos de mais roupas para nos trocarmos sempre e outras coisas só de meninas. E quando criamos um filho sozinhas não conseguimos dar tudo que a criança precisa. Principalmente vestuário, alimentação e quanto fica doente. Fazemos tudo sozinhas por nós e pela as crianças.”</i>
1.3.1.5.	Prioridade ao casamento	1/2	Quando as participantes afirmam o casamento e a constituição da família como prioridades na vida.	<i>“Se uma menina faz Efundula e depois aparece alguém que quer casar, e se a família dela achar que o homem é de uma boa família, a menina deve deixar a escola e dar lugar ao casamento e a família. E aí vem a gravidez, os filhos, a lavra, os animais, e as novas responsabilidades de ser uma mulher adulta e ter que fazer tudo para não falhar. Falhar com as nossas atividades é fazer envergonhar a nossa família.”</i>
1.3.1.6.	Trabalhos de casa	6/6	Quanto apontas os deveres de casa como fatores que dificultaram a sua vida escola.	<i>“Nós temos muitas preocupações da família. Ajudamos muito as nossas mães nos muitos deveres de casa. No ano em que fiz Efundula, os meus pais estavam separados e a mãe quando saiu de casa deixou a minha irmã de dois anos conosco. Eu não conseguia ficar na escola à vontade, só pensava como é que ela estava em casa. Também deixava o almoço pronto antes de ir à escola e muitas vezes chegava</i>

				<i>muito atrasada. E outros problema mais que nós as meninas temos de aprender a resolver desde pequenas.”</i>
1.4. Antes do abandono escolar				
Quando as participantes referem aspeto relacionados com os seus sonhos e expectativas para o futuro, antes do abandono.				
1.4.1.	Expectativas quanto ao futuro	8/8	Expectativas profissionais que as participantes tinham para o futuro entanto estudavam.	<i>“Sim, gosto de enfermeiras e queria ser enfermeira para vacinar as crianças e cuidar deles para não ficarem mais doentes”.</i>
1.4.2.	Não expectativas para o futuro	1/1	Quando as participantes referem que não tinham nenhuma expectativa profissional para o futuro antes do abandono.	<i>“E sonhava ter uma profissão no futuro?” “Não sei... Não.”</i>
2. <u>Efundula</u>				
<i>Segunda grande categoria que abrange todas as informações relacionadas com a vivência do ritual Efundula.</i>				
2.1. Efundula na família				
Todas referências à vivência do <i>Efundula</i> na família.				
2.1.1.	Mãe	2/2	Quando referem que a mãe também fez <i>Efundula</i> .	<i>“A minha mãe também fez Efundula quando era jovem.”</i>
2.1.2.	Irmãs	3/4	Quando referem que a irmã também fez <i>Efundula</i> .	<i>“As minhas duas irmãs mais velhas também fizeram Efundula.”</i>
2.1.3.	Outras famílias	6/8	Referencias de que há mais pessoas na família que fizeram <i>Efundula</i> .	<i>“Há mais quatro. duas tias, e mais outras 2 primas”</i>
2.2. Efundula enquanto festa				
Todas as referencias a festa do ritual de <i>Efundula</i> .				
2.2.1.	Participação prévia	3/3	Quando referem que já estiveram numa festa de <i>Efundula</i> anteriormente.	<i>“Mas já tinha ido em muitas festas de Efundula?” “Sim”.</i>
2.2.2.	Convívio tradicional	1/1	Quando referem as formas de convívio no ritual de <i>Efundula</i> .	<i>“É uma boa festa para conviver na nossa tradição”.</i>

2.2.3.	Opinião positiva prévia	1/1	Quando referem que achavam <i>Efundula</i> uma coisa boa antes da sua participação.	<i>“Até porque sempre gostei de Efundula, da maneira como elas se vestem, a beleza da mulher que elas mostram, e o mérito lhes dão por onde passam.”</i>
2.3. Conhecimento prévio				
São todas as referencias que têm a ver com os acontecimentos que as participantes referem que já tinham anteriormente.				
2.3.1.	Não	2/2	Indicações de que não possuíam nenhum conhecimento prévia.	<i>“Sabia o que acontece na cerimónia de Efundula?” “Não.”</i>
2.3.2.	Sim	3/3	Afirmações de que possuíam algum conhecimento previamente.	<i>“sim. Por isso não queria fazer.”</i>
2.3.3. Fontes				
Relacionada com a origem dos conhecimentos...				
2.3.3.1. Outras meninas				
Quando referem que adquiriram conhecimento através das outras meninas.				
2.3.3.1.1.	Sim	6/7	Quando afirmam que tiveram informações sobre <i>Efundula</i> através das outras meninas.	<i>“Sim, as outras que já fizeram Efundula contaram-me as coisas.”</i>
2.3.3.1.2.	Opinião sobre elas	8/8	Relacionada com a opinião previa sobre as meninas que faziam <i>Efundula</i> .	<i>“Efundula é praticada no nosso meio desde que nascemos. Apesar de ninguém querer para ela, sabíamos que todas nós iríamos fazer. Apenas umas mais cedo que as outras (risos). Por isso, ninguém pensa diferente quando vê uma pessoa que fez Efundula.”</i>
2.3.3.2.	Dama de companhia	1/1	Quando as participantes referem que adquiriram informações sobre <i>Efundula</i> por terem sido damas de companhia das outras meninas antes.	<i>“Há muito tempo eu já era a filha da frente (pequena dama de companhia) de uma noiva de Efundula.”</i>
2.3.4.	Mais ou menos	1/1	Referencias de que possuíam algum conhecimento.	<i>“Sabia o que acontece no Efundula?” “Não muito bem.”</i>
2.3.5.	Conhecimentos básicos	1/1	Quando referem que possuíam algum conhecimento básico.	<i>“Sabia que as famílias das noivas matam bois; que elas todas ficam num quarto, vestem saias, no dia seguinte dançam lá na entrada do curral dos bois, recebem ofertas e cada noiva têm uma criança que é a dama dela de companhia.”</i>

2.3.6.	“Faz-se muita coisa lá”	2/3	Quando as participantes descrevem o que sabem que acontece no <i>Efundula</i> .	“As outras meninas que já fizeram tinham me contado que se faz muitas coisas lá. Muitas mesmo.”
2.3.7.	Conhecia outras raparigas	10/12	Informações que relaciona com as outras raparigas com <i>Efundula</i> .	“Sim, a minha irmã mais velha já tinha feito e mais duas primas. Mas eu nunca fui nessas festas delas e nunca conversamos sobre isso.”
2.3.8. Informação				
Quando as participantes referem a informação que tinha sobre <i>Efundula</i> antes da participação.				
2.3.8.1.	Nenhuma	4/5	Quando referem que não possuíam informação.	“Que informação teve sobre <i>Efundula</i> ? “Nenhuma”.
2.3.8.2.	Pouca coisa	3/5	Quando afirmam que possuíam pouca informação.	“Sim, um pouco. O problema é que mesmo depois de fazer <i>Efundula</i> continuei a não perceber tudo que aconteceu lá.”
2.3.8.3.	“Sabia que era muito bom para as meninas”	2/2	Quando as meninas especificam que sabiam que <i>Efundula</i> era muito bom para as meninas.	“Não sabia o que acontece, só sabia que era muito bom para as meninas. Os meus pais disseram que era uma coisa boa.”
2.3.8.4.	“Para me purificar”	1/1	Informação de que <i>Efundula</i> esta relacionada com Purificação.	“Sei que servia para me purificar”.
2.3.8.5.	Abençoar a avida adulta	1/1	Referencia de que <i>Efundula</i> constitui bênção.	“Sei que servia para abençoar a vida adulta.”
2.4. Participação				
Referencias relacionadas com a participação das meninas no ritual de <i>Efundula</i> .				
2.4.1. O que é <i>Efundula</i>				
Descrições sobre o ritual (definição e/ou significados que as participantes atribuem a sua experiencia de <i>Efundula</i>).				
2.4.1.1.	Algo exclusivamente para as mulheres	2/2	Quando as participantes valorizam o facto de <i>Efundula</i> ser uma experiência ser exclusivamente feminina.	“Existe exclusivamente para nós, a fim de nos preparar para a vida materna e fazer de nós mulheres capazes de dar uma boa educação para os nossos filhos. É uma coisa que só existe para nós... e, nunca vai passar (risos)...”
2.4.1.2.	Algo sem nenhum significado	1/1	Quando as participantes afirmam com clareza de que para elas <i>Efundula</i> não possui nenhum significado.	“Significado... não sei. Não tem nenhum significado.”

2.4.1.3.	Ato cultural da nossa identidade tradicional	2/2	Informações relacionada com atributos que relacionam ao <i>Efundula</i> enquanto ritual cultural.	<i>“É um ato cultural da nossa província, que vem desde muito tempo, dos nossos antepassados, e não vai passar. Será sempre transmitida de geração a geração em todos anos. É a nossa identidade cultural de Ovakwanyama.”</i>
2.4.1.4.	Autorização para namorar	4/4	Quando as participantes afirmam que <i>Efundula</i> permite vivências maternas.	<i>“É uma autorização para namorar e ter filhos.” Todas as mulheres têm que nascer filhos. E como os rapazes de hoje em dia já não casam mais. Então as mulheres têm que ser autorizadas a fazer filhos. <i>Efundula</i> é para isso.</i>
2.4.1.5.	Benção dos antepassados	1/1	Quando as participantes referem que o ritual esta relacionada com a benção dos antepassados.	<i>“Significa ter uma benção dos nossos antepassados.”</i>
2.4.1.6.	Benção e proteção do mal	1/1	Quando as participantes referem que <i>Efundula</i> constitui benção.	<i>“Nos abençoa e nos protege do mal.”</i>
2.4.1.7.	Casamento tradicional	6/6	Quando afirmam que <i>Efundula</i> é um casamento tradicional.	<i>“É um casamento da nossa tradição, que permite as moças namorarem à vontade mesmo sem terem marido.”</i>
2.4.1.8.	“É uma coisa boa e única”	3/5	Referência a valorização da passagem pelo <i>Efundula</i> .	<i>“É uma coisa boa e única para nós as mulheres”</i>
2.4.1.9.	“É algo engraçado e assustador.”	1/1	Referenciam que atribuem a classificação de <i>Efundula</i> .	<i>“Acho que é uma coisa única, e muito marcante. É um pouco engraçada e também assustadora”.</i>
2.4.1.10.	Preparação para a maternidade positiva	1/1	Quando referem que <i>Efundula</i> terá a ver com a futura maternidade positiva.	<i>“Significa que serei uma boa mãe.”</i>
2.4.1.11.	Ritual de purificação	1/1	Quando referem que <i>Efundula</i> serve de purificação.	<i>“Dizem que é um ritual de purificação... é isso. Não sei muita coisa. Nunca ninguém me disse nada. Também nunca quis saber nada disso.”</i>
2.4.1.12.	Traz sorte para o futuro	2/2	Quando as participantes referem que <i>Efundula</i> traz sorte para o futuro.	<i>“Dizem que traz sorte para o futuro de quem fez. É sempre bem vista e abençoada pelos seus pais. E tudo lhe corre bem.”</i>

2.4.2. Decisão

Referencias a todos os identificados como envolvidos na decisão de participar no *Efundula*.

2.4.2.1. Da própria

Referencias a tomada de decisão das participantes.

2.4.2.1.1.	Sim	2/2	Quando referem que a decisão de participar foi delas próprias.	<i>“Participou nesse ritual por vontade própria?” “Sim.”</i>
2.4.2.1.2.	Quando	2/2	Relativo ao momento em que tomou a decisão de participar no <i>Efundula</i> .	<i>“Logo no início do ano.”; “Quando faltava seis meses.”</i>
2.4.2.1.3.	Razões do sim	2/2	Razões que levaram a participantes decidir participar no <i>Efundula</i> .	<i>“Todas as minhas amigas da minha idade já tinham já feto.”; “Eu não senti necessidade de fazer <i>Efundula</i>, mas os meus pais falaram comigo e eu fiz.”</i>
2.4.2.1.4.	Não	8/8	Quando as participantes referem que não decidiram por vontade própria.	<i>“Não; não participei por vontade própria”</i>
2.4.2.1.5.	Razões do não	8/8	Os motivos que levam a participante a não tomar/aceitar a decisão de participar no <i>Efundula</i> .	<i>“Porque ainda era criança e não queria ficar grande para ter responsabilidade de mulher.”; “Porque <i>Efundula</i> é para as pessoas mundanas. Eu sou religiosa e todo mundo sabe disso. E depois estava a estudar bem, estava nas madres. Se calhar até podia ser madre nem isso procuraram saber”.</i>
2.4.2.2. Dos pais Quando a decisão de participar no ritual foi tomada pelos pais.				
2.4.2.2.1.	Sim	4/6	Quando há referências que a decisão foi tomada pelos pais.	<i>“Foram os meus pais mesmos que decidiram a minha participação.”</i>
2.4.2.2.2.	Razões apresentada pelos	2/2	Todas as referencias às razões que a participante indica que os pais tiveram.	<i>“Disse que este ritual tem a ver com a nossa cultura e dos nossos antepassados.”</i>
2.4.2.2.3.	Significado da participação dos pais na decisão	4/4	Referencias concernentes ao significado atribuído a participação dos pais na decisão de fazer <i>Efundula</i> .	<i>“Foi importante para mim o facto de ter sido o meu pai. Ele é meu amigo e sempre soube conversar comigo. Senti-me apoiada por isso.” “Gostei mais porque a mãe andou a falar comigo sobre isso. Acho que não gostaria de ser levada de surpresa.”</i>
2.4.2.3. Dos tios, tias Quando as participantes afirmam que a sua participação no <i>Efundula</i> foi a decisão dos tios.				
2.4.2.3.1.	Sim	4/5	Quando afirmam que foram os tios que decidiram a sua participação no <i>Efundula</i> .	<i>“Foram os meus tios que decidiram a minha participação no <i>Efundula</i>.”</i>

2.4.2.3.2.	Razões apresentadas pelos tios	1/1	Todos os factos ou circunstâncias motivaram os tios a tomarem a decisão da participação no Ritual	<i>“Disseram que já tinha idade para fazer.”</i>
2.4.2.3.3.	Significado da decisão ter sido tomada pelos tios	3/3	Referências relacionadas com o significado que atribuem ao facto da sua participação no <i>Efundula</i> ter sido uma decisão dos tios.	<i>“Senti que... parece não pertencemos mais a nossa mãe. A minha mãe disse-me que não queria que eu fizesse Efundula. Mas ninguém lhe ouviu.”;</i> <i>“Normal, dizem que são os tios que metem ordem na família, não é?”</i>
2.4.2.3.4. Também apoiaram nos estudos Quando referem que os tios também apoiaram nos estudos.				
2.4.2.3.4.1	Não	2/2	Quando afirmam que estes tios não tiveram uma participação.	<i>“Não. Só o meu tio irmão da mãe me trazia da Namíbia muitos cadernos e lápis.”</i>
2.4.2.3.4.2	Um pouco	1/1	Afirmações de que estes tios não tiveram uma participação ativa nos estudos das participantes.	<i>“Um pouco”</i>
2.4.2.4. Da avó Quando referem o papel dos avós na decisão.				
2.4.2.4.1.	Sim	3/4	Quando referem o papel dos avós na decisão.	<i>“A minha avó decidiu e a minha mãe falou comigo. No início não queria, mas depois aceitei.”</i>
2.4.2.4.2. Significado de a decisão ter sido tomada pela avó Quando as participantes referem o que significa para elas sobre a sua participação no ritual de <i>Efundula</i> ter sido tomada pelos avós.				
2.4.2.4.2.1.	Sim			
2.4.2.4.2.2.	Nenhum	2/2	Quando as participantes referem o facto da sua participação ter sido tomada pelos avós não teve significado.	<i>“Nenhum significado. Eu acho que a minha avó decidiu isso por causa da minha irmã gémea que estava a se comportar mal.”</i>
2.4.2.4.3. Também apoiou nos estudos Quando referem que a avó que decidiu a sua participação no <i>Efundula</i> também teve uma participação ativa na sua vida enquanto estudante.				
2.4.2.4.3.1.	Sim	2/2	Quando afirmam que a avó que tomou a decisão da sua participação	<i>“Sim, ela também dizia para eu estudar porque era importante”</i> <i>“Sim, quando morávamos todos juntos, ela encorajava-me muito e dizia para não seguir o exemplo da minha gémea.”</i>

			no <i>Efundula</i> também apoiou nos estudos.	
2.4.2.5.	Não sei		Quando afirmam que não sabem quem decidiu a sua participação no <i>Efundula</i> .	<i>“Não sei. Parece que foram os meus pais com os meus tios. Dizem que ouviram que eu gostava muito de conversar com os rapazes e o melhor era eu casar antes que engravidava. Até agora nunca ninguém me expliquei nada sobre isso.”</i>
2.4.3. Razões da participação				
Referencias a todas as razões que as participantes indicam para participarem no ritual.				
2.4.3.1. Motivos da participante aceitar fazer <i>Efundula</i>				
Quando a participante refere especificamente alguns factos ou situações que a motivaram para fazer <i>Efundula</i> .				
2.4.3.1.2.	Manter a tradição	3/5	Quando as participantes indicam que passaram pelo <i>Efundula</i> devido a tradição/cultura.	<i>“Mesmo que eu não esteja de acordo tinha que fazer porque vale a pena, é para manter a tradição.”</i>
2.4.3.1.3.	Obrigação	3/7	Todas as referencias ao facto de as meninas terem a obrigação de participar.	<i>“E ele disse para eu me preparar e me acostumar porque tem que ser.”; “O problema é que quando os nossos mais velhos decidem nos meter a fazer <i>Efundula</i> é porque querem festejar (comer muito e bem, beber, dançar e chamar atenção de outras famílias risos).”</i>
2.4.3.1.4.	Todas as outras também fizeram	1/2	Quando as participantes indicam que participam no <i>Efundula</i> porque as outras meninas também fazem.	<i>“As outras também fizeram e esta tudo bem com elas.”</i>
2.4.3.2. Motivos das participantes não aceitarem fazer <i>Efundula</i>				
Todos os factos que as participantes apontam para não participarem no <i>Efundula</i> .				
2.4.3.2.1.	“Não necessitava daquilo para nada”	1/1	Referências do desinteresse no ritual.	<i>“Porque não tinha necessidade daquilo para nada.”</i>
2.4.3.2.2.	“Estava bem como estava”	1/1	Quando referem a sua vida antes e depois de <i>Efundula</i> .	<i>“Eu estava muito bem como estava.”</i>
2.4.3.2.3.	“Estava a estudar bem e tinha bom comportamento”	1/1	Referências sobre mudanças antes e depois de <i>Efundula</i> .	<i>“Eu estava a estudar bem, a minha vida estava bem e tinha bom comportamento. Por isso não tinham motivos de fazer aquilo comigo.”</i>
2.4.4. Reação a decisão				
Todas as referencias respeitantes às reações das participantes face à notícia de participar no <i>Efundula</i> .				

2.4.4.2.	Medo	2/2	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação no <i>Efundula</i> com medo.	<i>“Fiquei com muito medo, mas depois passou.”</i>
2.4.4.3.	Reação negativa	5/6	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação no <i>Efundula</i> em geral de forma negativa.	<i>“Chorei muito naquele dia.”; “Não gostei nem um pouco, disse que não queria fazer”;</i> <i>“Me senti um zero a esquerda. Senti que a minha vida não valia nada. E que eu sou nada...”</i>
2.4.4.4.	Senti tudo	1/1	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação no <i>Efundula</i> com diversidade de sentimentos.	<i>“Acho que senti tudo. Medo, tristeza, confusão, vergonha e ansiedade. Não dormi nenhum segundo daquela noite. Até pensei em fugir, mas tive medo de andar na mata sozinha anoite.”</i>
2.4.4.5.	Reação passiva	1/1	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação passivamente.	<i>“Apenas disse esta bem.”</i>
2.4.4.6. Tristeza				
Quando participantes referem que reagiram a decisão com tristeza.				
2.4.4.6.1.	Sim	5/6	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação no <i>Efundula</i> com tristeza.	<i>“Fiquei muito triste porque eu não precisava daquilo para nada. Mas não falei nada porque não iria adiantar.”</i>
2.4.4.6.2.	Razões	3/3	Motivos que pontam para reagirem a sua participação no <i>Efundula</i> com tristeza.	<i>“Porque pensei que mesmo se ninguém me pedir em casamento, ainda teria tempo de terminar com os meus estudos e ir embora daqui da aldeia para trabalhar na cidade e nunca mais fazer <i>Efundula</i>.”</i>
2.4.4.7.	Impacto da reação na decisão dos pais	8/9	Todas as referencias ao impacto que as reações das participantes tiveram nos pais.	<i>“Não mudou nada na decisão do meu pai, mas fez com que ele preparasse as melhores coisas para me ver bonita e feliz.”; “Não. Os mais velhos quando decidem uma coisa nós temos mais é que obedecer. Não são eles que nos obedecem. Não é?”</i>
2.4.4.8. Levada à força				
Quando participantes referem que foram veladas a força a participarem no ritual de <i>Efundula</i> .				
2.4.4.8.1.	Sim	1/1	Todas as indicações de que foram levadas a força.	<i>“No dia que começou a festa de <i>Efundula</i>, as minhas tias estavam muito agitadas. À tardinha fui buscar a água, e pelo caminho fui</i>

				<i>cercada por três moços, agarraram-me e disseram “adeus mocidade”. Foi quando percebi que estavam a me levar para fazer Efundula e as minhas tias já tinham preparado tudo. Tive que lutar com três homens sozinha na mata. Homens mandados pela minha própria família, que lhes pagaram bebidas para me agarrar e me levar para fazer Efundula. Ainda por cima me bateram. Cheguei lá no meio das pessoas com os lábios inflamados e dor de cabeça. E com roupa rasgada.”</i>
2.4.4.8.2. Reações				
Referencias relacionadas com atitudes que as participantes tiveram quando foram levadas a força para fazer Efundula.				
2.4.4.8.2.1.	“Chorei”	1/1	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação no Efundula chorando.	“Chorei muito”
2.4.4.8.2.2.	“Gritei”	1/1	Quando participantes referem que reagiram gritando.	“Gritei no meio da noite”
2.4.4.8.2.3.	“Lutei com os moços”	2/2	Quando participantes referem que reagiram lutando com as pessoas que a levaram à força.	“Também não deixei barato. Lhes mordi e lutei com todos eles.”
2.4.4.8.2.4.	“Ofendi todos eles”	1/1	Quando participantes referem que reagiram com agressões verbais.	“E ofendi todos eles.”
2.4.5. Avisada antes				
Todas as referencias as circunstancias associadas a indicação de que iria fazer Efundula.				
2.4.5.1.	Sim	7/6	Quando as participantes referem que foram avisadas antes.	“Fui avisada muito tempo antes”.
2.4.5.2.	Como	7/7	Todas as referencias ao modo como foram avisadas.	“O meu pai chamou-me na Olupale dele e disse-me: “minha filha, já estas grande e este ano quero que faças Efundula”.
2.4.5.3.	Quando	6/7	Quando as participantes referem quando foram avisadas.	“Por aí abril ou maio. No inicio da colheita.”
2.4.5.3.	Não	4/4	Quando as participantes referem que não foram avisadas da sua	“Até um dia antes de começar eu estava inocente sem saber de nada”

			participação no <i>Efundula</i> com antecedência.	
2.4.5.4. Sentimentos				
Todas as referencias relacionadas as emoções/sentimentos das participantes face quando informadas que iriam fazer <i>Efundula</i> .				
2.4.5.4.1.	Muito mal	2/2	Quando participantes referem sentimentos negativos face a decisão da participação no <i>Efundula</i> .	“ <i>Senti-me muito mal</i> ”
2.4.5.4.2.	Nada	1/1	Quando as participantes referem que não sentiram nada quando lhes foi dada a informação de que fariam <i>Efundula</i> .	“ <i>Não senti nada</i> ”
2.4.5.4.3.	Tristeza	2/2	Quando participantes referem que reagiram a decisão da participação no <i>Efundula</i> com tristeza.	“ <i>Fiquei muito triste durante uma semana.</i> ”
2.4.5.4.4.	Um pouco assustada	2/2	Quando referem que se sentiram assustadas moderadamente.	“ <i>Senti-me um pouco assustada.</i> ”
2.4.5.5.	Não	3/3	Quando referem que não foram avisadas da sua participação no ritual com antecedência.	“ <i>Ninguém me disse nada.</i> ” “ <i>Eu só soube quando faltava um dia para começar.</i> ”
2.4.6. Antecipação da participação				
Respostas das participantes quando questionadas sobre se, alguma vez tinham pensado fazer <i>Efundula</i> .				
2.4.6.1.	Não	7/7	Quando afirma que tinham pensado fazer <i>Efundula</i> .	“ <i>Não</i> ”
2.4.6.2.	Não, mas...	1/1	Quando não pensaram em participar no <i>Efundula</i> mas tinham consciência que em certas circunstancia isso podia acontecer.	“ <i>Não, eu sempre sonhei com um casamento pela igreja, mas também sabia que hoje em dia os rapazes não nos levam a serio. Logo, ao ficar sem pretendente sério que queira casa connosco os nossos pais fazem-nos fico para nos dar a liberdade de ser mãe.</i> ”
2.4.6.3.	Sim	1/1	Referencias de que tinham noção prévia da sua participação no ritual.	“ <i>Andavam a comentar que o próximo que o próximo ano sou eu que ia fazer.</i> ”
2.4.7. Dias do ritual				
Relacionada com todos os acontecimentos durante os dias do ritual de <i>Efundula</i> .				

2.4.7.1.	Muitas coisas	4/4	Referencias de objetos ou atos durante o <i>Efundula</i> .	<i>“Muitas coisas... muitas mesmo.”</i>
2.4.7.2. Coisas do Ritual				
Todas as atividades que as participantes referem que vivenciaram no ritual.				
2.4.7.2.1.	Bebidas típicas	3/4	Quando referem ao consumo de bebidas típicas durante o ritual.	<i>“Alias as senhoras dão-nos de beber Omalodo (bebida típica feita de cereais) com pó de algumas raízes e logo que bebemos depois ficamos alegres. Aquilo é para não ficarmos tristes perante as pessoas. Logo ficamos divertidas.”</i>
2.4.7.2.2.	Lavagens	1/1	Quando referem a realização de lavagens no ritual.	<i>“Outra metade nos lavam no rosto e nos órgãos genitais.”</i>
2.4.7.2.3.	<i>Oshide</i>	1/1	Quando referem a utilidade deste creme no ritual.	<i>“Nos esfregam oshide (creme avermelhada com aspeto de tinta) por todo corpo misturado com um pó que não sei o que é...”</i>
2.4.7.2.4.	Participantes não informadas das coisas	1/1	Quando referem que não são informadas sobre as situações que passam os dias do ritual.	<i>“Até agora nós nunca vamos conseguir te explicar o significado das coisas porque só nos fazem e não nos explicam as coisas.”</i>
2.4.7.2.5.	Tirar as vestes	1/1	Quando referem ao procedimento além dos dias do ritual.	<i>“É assim: quando estávamos em casa, podíamos usar as nossas roupas normais. Mas quando íamos sair de casa para algum lado ou festa tínhamos de vestir Eedelela e todos os seus acompanhantes. Até acontecer mais uma cerimónia em alguma casa para irmos lá tirar. Chama-se ekonokololo ou okunonokololwa, é um rito de conclusão de Efundula. Porque no Efundula sai-se com algumas missangas, essas missangas nos tiram nesse ritual pelas tias paternas. Esse ritual é como se fosse enxaguar uma roupa que já foi lavada. É o toque final. A partir daí paramos de usar todo o traje quando saímos de casa.”</i>
2.4.7.3. Sentimentos				
Quando participantes referem que sentiram nos dias de participação no ritual.				
2.4.7.3.1.	Mudanças	4/4	Mudanças se sentimentos/emoções ao longo dos dias do Ritual.	<i>“Sim, claro. Sem dúvida. Logo no segundo dia, já estava amais à vontade.”</i>

2.4.7.3.2.	No inicio	10/10	Sentimentos que as participantes descrevem nos primeiros dias do ritual.	<i>“Mal, muito ansiosa e nervosa.”; “Estava com muita vergonha de fazer tudo que me mandavam fazer. Mas depois fiquei bem mais à vontade.”</i>
2.4.7.3.3. Nos últimos dias				
Todas as preferências relacionadas com o modo com as participantes de sentiram durante os dias do ritual.				
2.4.7.3.3.1.	Sim	5/5	Quando as participantes referem que houve mudanças de sentimentos.	<i>“Houve diferença para o final então?” “Sim, nos últimos dias já me sentia protagonista da minha festa. Estava mais à vontade, passeávamos nos oshingobebe das famílias das outras noivas e conversávamos muito. Já não estava triste com os meus pais.”</i>
2.4.7.3.3.2.	Não	5/5	Quando as participantes referem que não houve mudanças de sentimentos.	<i>“Não. Eu só estava a rezar para tudo terminar. Me senti mal até no ultimo dia. A cada manhã eu pensava que era um pesadelo e ia acordar a qualquer momento.”</i>
2.4.7.3.3.3.	Mais preocupada	1/1	Quando referem especificamente os seus sentimentos.	<i>“Nos últimos dias fiquei ainda mais preocupada porque estava a pensar no que ia fazer depois daquilo.”</i>
2.4.7.3.4.	O que gostou mais	2/2	“Quando referem o que gostaram de forma específica.”	<i>“Quando me mostraram o boi que o meu avô levou para matarem parar mim.”</i>
2.4.7.4. Atividades/Significados de cada dia				
Referentes a todas as atividades e dos 7 dias do Ritual.				
2.4.7.4.1.	Primeiro dia	1/1	Atividades que acontecem no primeiro dia.	<i>No 1º dia, faz-se Omafiya (Fogueira. Cada uma das três bases em forma de pedra onde se vai cozinhar durante a festa). Chama-se Efiku lo kuma omafiya. E começa-se ja tambem Oingobebe (Tendas feitas de ramos frescas das árvores para as famílias).</i>
2.4.7.4.2.	Segundo dia	1/1	Atividades do segundo dia.	<i>No 2º dia, faz-se o que estiver a faltar e por fim fazem limpeza a casa. Chama-se Efundula otali honjo.</i>
2.4.7.4.3.	Terceiro dia	1/1	Atividade do dia que começa verdadeiramente o ritual.	<i>No nosso primeiro dia lá, no dia em que entramos nós as ovafuko (noivas), é dia de efundula otaliningine (início de Efundula). Neste dia, de manhã cedo nos levam no Ondjuwo (quarto principal da dona de casa), ondudu (curandeiro) fica na porta de ondjuwo com pernas abertas e chama cada omufuko pelo nome; assim que chama ela responde e sai passando entre as pernas de ondudu e fica fora na</i>

				<p><i>direção a porta. Ai na porta ondudu nos dá de beber omalodu no Eholo (copo especial de madeira). Ondudu despeja Omalodu no meio dos nossos ombros, no meio das nossas mamas e lava a nossa cara e a nossa intimidade com omalodo. No omalodu metem Oimbodi (medicamento: pó de raízes ou de folhas secas).</i></p> <p><i>Quando as ovafukos estamos a beber no Okaholo toca-se os batuques, faz-se okukuwilila (gritos de alegria e júbilo feito pelas mulheres com a boca) e grita-se waninaenemo! (waninaenemo é uma expressão abusiva que significa vás cagar ali dentro”. Literalmente, significa: “agora não vás mais conseguir escapar daí de dentro onde te encontras. Se te esforçares muito só vás defecar e sujar tudo ali dentro). Quando nos falam Waninaenemo, significa que tudo já está, já não adianta fugir mais.</i></p>
2.4.7.4.4.	Quarto dia	1/1	Atividades e significados do 4º dia.	<p><i>“No nosso segundo dia, é o dia de Okambadjona ao amanhecer, nós as ovafukos passeamos todos Oingobeles (pequenas tendas feitas de ramos frescas das arvores, em que cada família possui a sua tenda), visitamos os nossos familiares.</i></p>
2.4.7.4.5.	Quinto dia	1/1	Atividades e significados do quinto dia.	<p><i>“O nosso terceiro dia, é dia de Omatomo (matança dos bois). É o dia que os bois são mortos. Neste dia somos vestidas de Ondjeva (missangas sagradas e pintadas cor de rosa), e passamos toda a noite a dançar no Oluvanda (oluvanda é a porta do corredor comprido de onde passam os bois ao sair do curral para a mata).</i></p>
2.4.7.4.6.	Sexto dia	1/1	Atividades e significados do 6º dia.	<p><i>“O quarto dia, é dia de Omuuwalo (o passar do dia. Um dia reservado aos cumprimentos de cortesia entre várias personagens envolvidas no Efundula). Levam a comida e Omalodu no curral dos bois ao meio dia, para os rapazes que apascentam o gado. E também para os senhores que não são importantes na comunidade. Depois de todos comerem, nós ovafuko vamos lá no curral dançar, chama-se Otavakalyata oifima/elyato loifima (vão pisar os alimentos).</i></p>
2.4.7.4.7.	Sétimo dia	1/1	Atividades e significados do 7º dia.	<p><i>“No quinto dia, é o ultimo dia. É dia de Ondibulula (pequeno almoço. É o dia de consumo dos bens alimentares preparados no dia anterior).</i></p>

				<p><i>Nos esfregam as cinzas. Ai já não nos chamam ovafiko, nos chamam de Oianangolo (pessoas empreguiçadas ou coisas tipo fantasmas). No mesmo dia passeamos, ficamos por debaixo de uma árvore na lavra a brincar. E também se quisermos podemos ir numa Kefe (pequenas tabernas de comércio de bebidas) ou numa loja próxima para passear. No mesmo dia a tarde, nos dão banho em conjunto no Omukala (corredor da entrada, da porta principal de casa. Essa porta chama-se Onu). naquele momento todas pessoas da festa devem sair dentro de casa e vão ficar na lavra. Depois do banho, nos esfregam Oshide, nos vestem Eedelela (saias), Eendjeva (missangas), Eemwiya do Ngobe (cintos de pele de boi) e ficamos com corpos fora. Ai nos dão as Onghinda (pequenas quimbaldas, que são amarradas em volta com um lenço novo que faz uma pega. Nestas levamos alguns pequenos pertences pessoais e perfumes para perfumar aqueles que os fazem ofertório. Porque mesmo depois da cerimônia terminar, as meninas continuam ovafuko e andam com todas estas vestes, durante esse tempo onde passam devem ser presenteadas com dinheiro). Esse Onghinda cada Omufuko recebe nas mãos da sua tia irmã do pai. Depois disso já podemos ir para as nossas casas. Mas sempre somos ovafuko até tirarmos Eedelela e todos os seus acompanhantes.</i></p>
<p>2.5. Circunstâncias culturais de Efundula Todas as referências que situam culturalmente a existência dos rituais.</p>				
2.5.1.	Atualmente diferente	1/2	Quando o discurso indica que consideram que atualmente as circunstâncias são diferentes das que aconteciam antes.	“Hoje em dia as coisas já não são como antigamente.”
2.5.2.	Comportamento dos rapazes	1/2	Quando há referências explícitas aos comportamentos dos rapazes e sua relação com o Efundula	“Hoje em dia as coisas já não são como antigamente. Agora há muita moça que já fez Efundula em tudo lado e eles já não se dão o trabalho de se comportar bem para casar.”
<p>2.5.3. Diferenças entre quem fez e quem não fez Quando distinguem diferenças entre a vida das meninas que fazem Efundula e a das que não fazem Efundula.</p>				

2.5.3.1.	Há diferenças	8/8	Quando as participantes assumem que existe alguma diferença entre quem faz <i>Efundula</i> e quem não faz.	<i>“A diferença é que quem já fez Efundula, é uma rapariga livre e desimpedida de fazer as suas escolhas. Quem ainda não fez, deve se comportar muito bem porque ainda não está autorizada a namorar. E se engravidar, significa que houve uma falha na educação que os pais lhe deram. E isso dá vergonha muito grande para ela e para a família”</i>
2.5.3.2. Nada difere				
Quando as participantes afirmam que na sua percepção, não existe diferença entre quem faz <i>Efundula</i> e quem não faz.				
2.5.3.2.1.	Não	2/2	Quando afirmam que existe diferenças entre as meninas que fazem e as que não fazem <i>Efundula</i> .	<i>“Nada. É só porque as meninas que fazem Efundula, ficam mais à vontade. Os pais já não controlam muito como aquelas que ainda não fizeram Efundula e não podem namorar. “Para mim é a mesma desgraça”.</i>
2.5.3.2.2.	Razões	2/2	Quando apontam algumas razões que consideram não diferenciar as meninas que fazem <i>Efundula</i> e as que não fazem.	<i>“Dizem que as meninas que se engravidam sem passar pelo Efundula são desonradas. Mas na verdade quem não fez não lhe acontece nada de mal. Não vão presas, não são expulsas das suas famílias, não lhes dão castigo, não ficam doente, e a vida continua. É a mesma coisa de quem faz Efundula, andamos juntas, bebemos juntas, nos engravidamos com os mesmos desgraçados e continuamos todas pobres do mesmo jeito.”</i>
2.5.3.3.	Mas...	1/1	Quando referem que existe diferenças...mas na prática nada as difere.	<i>“Há sim diferenças entre quem faz Efundula é diferente de quem não faz...mas no fundo vivemos todas a mesma vida.”</i>
2.5.4.	Legitimidade da atividade sexual	8/12	Quando dão indicações sobre o facto do <i>Efundula</i> ter a ver com a "legitimação" / "autorização" social para a vida sexual ativa e para a gravidez.	<i>“Quando fazemos Efundula e depois encontramos algum homem que nos quer podemos ir à vontade porque já somos casadas. Esse homem se for sério e religioso e quiser casar pela igreja pode fazer, mas não é obrigatório.”</i>
2.5.5.	Mais <i>Efundula</i> , menos casamentos	1/1	Quando o discurso das participantes revela que o maior número de meninas a passarem pelo <i>Efundula</i> esta relacionado com o menor numero de casamentos.	<i>“Hoje em dia as coisas já não são como antigamente. Agora há muita moça que já fez Efundula em tudo lado e eles já não se dão o trabalho de se comportar bem para casar. São raros. Eles preferem logo engravidar uma miúda que já fez Efundula e se a quiserem de verdade podem ate nascer uma segunda vez com ela mesmo estando na casa</i>

				<i>dos pais. Quando se fala de casa mento com uma miúda pura a situação é muito séria e implica muitos gastos e comportamento adequado. E eles não têm paciência para isso.”</i>
2.6. Avaliação da importância após o Efundula				
Referências avaliativas quanto a importância do Efundula (após o Efundula).				
2.6.1. Importância no geral				
Referências gerais quanto a importância para a vida no futuro.				
2.6.1.1.	Sim	7/7	Quando afirmam que há alguma importância.	<i>“Acho que vou ter muita sorte, e também vou ser boa mãe. Mas ainda tenho que aprender muitas coisas, porque a minha avó é me que ensina tudo.”</i>
2.6.1.2.	Não	3/6	Indicações de que Efundula não possui importância para o futuro.	<i>“Só se for num futuro bem longe... talvez no futuro é que vou perceber isso. Agora não acho que me trouxe boas informações para nada.”;</i>
2.6.1.3.	Razões do não	3/4	Motivos que levam as participantes afirmar que Efundula não proporciona importância para o futuro.	<i>“Porque tudo que aprendemos é porque crescemos e aprendemos com o tempo. Não porque fizemos Efundula.” “Ser boa mãe é uma situação de crescimento. E isso não aprendemos no Efundula que só demora apenas uma semana.”</i>
2.6.2.	Importância enquanto mãe	5/5	quando as participantes referem que o Efundula fornece informações importantes para o seu futuro enquanto mães.	<i>“Como mãe e mulher respeitada.”; “Assim também poderei passar essa experiência para as minhas filhas no futuro.”</i>
2.6.3.	Importância enquanto tradição	3/3	Indicações da importância de Efundula para manter a tradição.	<i>“É só mesmo para manter a tradição”.</i>
2.6.4.	Bom exemplo para as irmãs mais novas	1/1	Quando as participantes referem a sua experiência de Efundula como bom exemplo.	<i>“Também é um bom exemplo para as minhas irmãs pequenas.”</i>
2.6.5.	Realização tradicional	1/1	Referências da experiência de Efundula como realização tradicional.	<i>“Acho que é importante, sinto-me realizada tradicionalmente.”</i>
3. Depois de Efundula				

Grande categoria que engloba todas as referencias relacionadas com as experiencias que as participantes vivenciaram depois de Efundula.

3.1. Mudanças percebidas

Todo o discurso que aborda as mudanças relacionadas com o Efundula

3.1.1.	Não sei, acho que não	1/2	Situações que as participantes referem não identificarem mudanças.	“Olhando para a sua vida, acha que esta experiência proporcionou algumas mudanças?” “Não sei. acho que não.”
--------	-----------------------	-----	--	---

3.1.2. Boas mudanças

Indicações de mudanças boas relacionadas do a experiência de Efundula.

3.1.2.1.	Sim	5/7	Quando as participantes afirmam que Efundula trouxe mudanças positivas.	“De certa forma sim. Para mim trouxe.”
3.1.2.2.	“Consegui bom marido”	1/1	Quando relacionam a situação marital com a experiência de Efundula.	“Consegui bom marido que me dá dinheiro para comprar e vender as minhas coisas.”
3.1.2.3.	Participação nas decisões importantes da família	1/1	Legitimidade na participação das situações familiares valorizadas.	“Alem de ser mãe também já participo nas decisões de assuntos importantes da família.”
3.1.2.4.	“Nenhum homem olhava para mim antes”	1/2	Quando as participantes valorizam a proximidade com o género masculino.	“É admirável como as coisas mudam depois disso. Eu mesma nenhum homem olhava para mim antes, por ser muito feia. Depois disso fui conquistada e depois engravidada pelo seu tio tão lindo, que todas as miúdas queriam e ele nunca olhou para mim antes. E agora tenho dois filhinhos lindos com ele.”
3.1.2.5.	“Sou ótima mãe”	1/1	Quando atribuem a maternidade positiva a experiencia de Efundula.	“E agora sou uma ótima mãe e estou a conseguir me virar pouco a pouco sem a minha mãe.”
3.1.2.6.	“Deu-me um pouco de sorte”	1/1	Referencias de que Efundula proporcionou sorte.	“Sim, deu-me um pouco de sorte e sabedoria da nossa cultura.”

3.1.3. Mudanças negativas

Quando as participantes apontam certas mudanças que vivenciaram depois da experiencia de Efundula como sendo negativas.

3.1.3.1.	“Vivi pouco a infância”		Quando as participantes consideram negativo o “adulter” precoce.	“ <i>Sinto que vivi pouco a infância e ser adulto vou viver eternamente.</i> ”
3.1.3.2.	“Já não pude mais brincar”	2/2	Quando referem insatisfação face o facto de deixarem de ser crianças.	<i>Trouxe mudanças negativas, é que tudo muda e de repente somos adultas num piscar de olhos, temos que se comportar como adultas. Eu queria ser criança por mais tempo, para brincar mais e aproveitar a minha inocência e tudo daquela fase. É que depois já não pude brincar.</i>
3.1.3.3	“Eu ainda estaria nas madres a estudar”	1/1	Referências de que <i>Efundula</i> se refletiu em abandono escolar.	“ <i>Se não fizesse Efundula eu ainda estaria nas madres a estudar bem e quem sabe me tornaria madre ou até me casaria um dia. Os rapazes do Bispado gostavam de mim e muitos me achavam bonita e bem-educada.</i> ”
3.1.4. Nenhuma mudança				
Indicações de que <i>Efundula</i> não proporciona mudanças.				
3.1.4.1.	Não	2/2	Quando as participantes afirmam que não tiveram mudanças.	“Essa passagem pelo <i>Efundula</i> fez alguma mudança na sua interação social ou na sua vida em geral?” “ <i>Não.</i> ”
3.1.4.1. Razões				
Situações que levam as participantes a afirmar que <i>Efundula</i> não proporcionou mudanças na sua vida.				
3.1.2.1.1.	“Continuei igual; não vi nada diferente”	1/1	Quando referem que continuaram do mesmo jeito.	“Depois de <i>Efundula</i> continuei com a vida do mesmo jeito, não vi nada de diferente.”
3.1.5. Adulter				
Todas as referências que abordam o facto de ser adulta.				
3.1.5.1.	Não	3/4	Quando afirmam que não foram tratadas como adultas.	“ <i>Acho que não. Não percebi nada.</i> ”
3.1.5.2.	Sim, “fui tratada como adulta”	7/15	Quando afirmam que foram tratadas como adultas.	“ <i>Fui tratada como adulta. Mas eu continuei a me sentir como moça na mesma.</i> ”
3.1.5.3.	Ser tratada como adulta é negativo	5/7	Quando referem que não foi bom para elas o tratamento de adulter.	“ <i>É claro que é negativo ser tratada como senhora só porque casei. Não gostei nenhum pouco.</i> ” “ <i>Porque na verdade eu não era senhora.</i> ”
3.1.5.4. Ser tratada como adulta é positivo				
3.1.5.4.1.	Sim	2/4		“ <i>Sim, eu acho que é bom...</i> ”
3.1.5.4.1. Razões do sim				

3.1.5.4.1.1.	“É o que nos distingue das crianças”	2/2	Todas as situações que as participantes consideram relevantes positivamente no tratamento de adulez	“Então, já somos adultas é normal esse tratamento e consideração. É o que nos distingue das crianças. Não é?”
3.1.6.	Crescimento pessoal	2/3	Referência à coragem, força e o modo como as participantes vivenciam e lidam com as situações e desafios familiares e sociais.	“Também acho que sou muito mais corajosa.”; “Mudei a minha maneira de pensar sobre muita coisa, acho que fiquei com mais juízo. Depois de Efundula nunca mais senti medo de nada nem de ninguém.”
3.1.7.	“É uma história para contar”	2/2	Referências do facto de Efundula ser marcante na vida de cada participante.	“De certa forma proporcionou mudanças sim, é uma história para contar.” É a maneira única e cada uma de nós viveu a sua história e os seus sentimentos.”
3.1.8. Sexualidade/Relações íntimas/Maternidade				
Referências sobre as mudanças na sexualidade, relações íntimas e maternidade.				
3.1.8.1.	Mudanças na sexualidade	2/3	“Quando referem alterações nos comportamentos sexuais e suas circunstâncias.	“Sim. Depois de Efundula, nós enfrentamos muitas tentações. Chega um momento que enfraquecemos e depois quando assustamos já estamos grávidas.”
3.1.8.1.	Relações de amizades	1/1	Referências de algumas mudanças nas relações de amizades depois de Efundula.	“Senti que as minhas amigas da mesma idade que ainda não tinham feito Efundula tratavam-me com mais respeito e um pouco de exclusão. Mas eu ia até a elas nas suas casas. Só que já não podia fazer as mesmas brincadeiras. Ate porque as minhas veste não me permitiam. Exigem responsabilidade. Mas depois quando as tirei, voltou tudo igual, até ficar grávida.”
3.1.8.2. Relações com os rapazes				
Todas as referencias relacionadas as mudanças na relação com os rapazes.				
3.1.8.2.1.	Sim	6/13	Afirmações de mudanças na relação com os rapazes.	“Sim. Porque eu já podia falar e conversar com os homens sem esconde.”
3.1.8.1.2.	Um pouco	2/2	Quando referem que adquiriram alguma aproximação com os rapazes.	“Logo apos o Efundula, tive sim um pouco mais de proximidade com os rapazes.”

3.1.8.1.3.	Mais próximos	3/3	Quando referem que depois de <i>Efundula</i> os rapazes tornam-se mais próximos das raparigas.	<i>“É assim uma coisa louca...quando fizemos Efundula vemos os rapazes a nos caçar com intenção do gozarem a nossa pureza. Eles tornam-se mais e mais próximos. Mas eu me afastava deles e por vezes não saía de casa.”</i>
3.1.8.1.4.	“Depois aumenta”	2/2	Quando as participantes referem evolução na a proximidade com os rapazes.	<i>“Com o tempo nos acostumamos com a nova vida e vamos ganhando essa aproximação aos poucos até nos envolvermos com eles. Poço dizer que é essa a mudança.”; “A minha aproximação com os rapazes depois aumentou”.</i>
3.1.9.	“Me tornei mãe”	2/2	Quando referem a maternidade como uma das mudanças apos o <i>Efundula</i> .	<i>“É a minha história para toda a vida. Um das mudanças de Efundula também é que me tornei mãe.”</i>
3.1.10.	Relações íntimas	1/1	Alterações ao nível das vivencias das relações íntimas depois da maternidade.	<i>“Já não sou cobiçada por todos os mocinhos, e já não tenho o direito de escolher um homem perfeito. Agora sou uma senhora, o meu tempo já passou.”</i>
3.1.11. Sentimentos				
Quando se referem aos sentimentos e emoções que viveram/vivem depois de <i>Efundula</i> .				
3.1.11.1.	Autoestima	1/1	Referencias de possuir autoestima.	<i>“Acho que comecei a me sentir mais bonita também (risos).”</i>
3.1.11.2. Elogio dos homens				
Quando referem que depois do Ritual são mais elogiadas pelos Homens.				
3.1.11.2.1.	Sim	2/2	Quando afirmam que foram mais elogiados pelos homens.	<i>“Os homens me elogiavam muito e diziam que sou a mais bonita da nossa aldeia.”</i>
3.1.11.2.2.	Positivo	1/1	Quando referem que valorizaram os elogios dos homens.	<i>“Foi muito bom ouvir tudo isso.”</i>
3.1.11.2.3.	Negativo	1/1	“Quando referem que valorizaram os elogios dos homens.”	<i>“Claro que não gostei nada, eles são assim mesmo. Dizem coisas bonitas para todas as meninas e depois lhes abandonam do mesmo jeito. Quando ouvia aqueles elogios já estava a me sentir grávida ou com o filho sem pai como aconteceu as outras”</i>
3.1.11.3.	Fiquei mais famosa	1/1	Quando valorizam o tratamento concernente a experiencia do Ritual.	<i>“Acho que fiquei mais famosa, porque eu dancei melhor que as outras e todos só estavam a me olhar. E levei muitas ofertas.”</i>
3.1.11.4.	“Nas mãos do mundo”	1/1	Referencias de que depois do ritual a participante sentiu-se extraviada.	<i>“Senti que estava entregue nas mãos da vida e do mundo. As decisões de fazer as coisas agora eram minhas. Antes os meus pais diziam para</i>

				<i>não andar com os homens sozinha. De repente já devo mostrar a parte de ser boa mulher para conseguir um casamento. Tinha medo dos homens e não sabia o que fazer quando quero ou não quero falar com eles. Houve momento que parecia que estava sozinha no mundo.”</i>
3.1.11.5.	Sempre igual	2/2	Quando referem que se sentiam iguais.	“Depois de <i>Efundula</i> continuei a me considerar moça e senti-me sempre igual”.
3.1.11.6.	“Senti-me bem”	2/2	Quando referem sentimentos de estabilidade positivo.	“ <i>Senti-me bem</i> ”
3.1.11.7.	“Vergonha de mim e do mundo inteiro”	1/1	Quando no seu discurso as participantes referem sentimentos de repulsas.	“ <i>Acho que tinha vergonha de mim mesma e do mundo inteiro. Só ficava em casa e também estava muito preocupada porque estava a perder a minha vida e não sabia o que fazer.</i> ”
3.1.11.8.	Um pouco diferente	2/2	Quando as participantes consideram que sentiram alguma diferença.	“ <i>Depois de Efundula senti-me um pouco diferente. Não tinha como não me sentir diferente.</i> ”
3.2. Gravidez, maternidade e casamento				
Todas as referências relacionadas com a gravidez, maternidade e o casamento				
3.2.1. Gravidez e maternidade da própria				
Todas as referências pessoas que as participantes apontam como sua própria experiência.				
3.2.1.1. Atitudes do pai da criança				
Todas as referências aos comportamentos, emoções e cognições referentes ao pai da criança				
3.2.1.1.1.	Rapaz aceita a gravidez	1/1	Informações de que o rapaz aceitou a gravidez.	“ <i>Sim, no meu caso ele aceitou bem a gravidez</i> ”.
3.2.1.1.2.	“Ele desapareceu”	1/1	Quando referem que o rapaz desapareceu depois de ser informado sobre a gravidez.	“ <i>Disse que me amava, que casava comigo e me tirava dali, e me dava a minha própria casa...,mas quando disse que estava grávida ele desapareceu. Até hoje eu nunca mais soube nada dele. Acho que voltou para Luanda.</i> ”
3.2.1.1.3.	Apoio do rapaz	2/2	Informações de que o rapaz que engravida apoia a menina a gravidez e a criança.	“ <i>Apesar de estarmos cada um na sua casa, ele me apoia me protege e é um bom pai. Talvez um dia ele me leve para morar com ele (risos).</i> ”
3.2.1.1.4.	Relação do pai com a criança	2/2	Referências da relação do pai com a criança.	“ <i>Ele gosta muito da filha dele. E esforça-se para arranjar alguns trabalhos que lhe dão dinheiro e quando consegue compra coisas para a bebe.</i> ”

3.2.1.1.5.	Relação do pai da criança com a mãe da criança	2/2	Todas as referencias sobre a relação pai-mãe da criança.	<i>“Ele até gosta muito de mim e faz ciúmes de mim. Só que não fala nada de me ter como mulher.”</i>
3.2.1.2.	Gravidez por acidente	8/13	Quando as participantes referem que a gravidez não foi planeada	<i>“Não decidi me engravidar. Aconteceu por acidente.”</i>
3.2.1.3.	“Talvez devia ter mais um pouco de calma”	1/2	Quando as participantes referem as circunstancias pós <i>Efundula</i> que conduziram a gravidez, e consideram que não deviam ter engravidado.	<i>“Acho que eu mesma interrompi os meus próprios sonhos. Não é que estou arrependida por ter engravidado. Eu amo a minha filha. Só que talvez devia ter mais um pouco de calma.”</i>
3.2.1.4. Relação entre <i>Efundula</i> e gravidez				
Todas as referencias que surgem no discurso das participantes que relacionam <i>Efundula</i> a gravidez.				
3.2.1.4.1.	Sim	5/5	Quando afirmam que <i>Efundula</i> esteve relacionada com a gravidez.	<i>“Sim, eu só me engravidei porque comecei a namorar. E comecei a namorar porque passei pelo <i>Efundula</i>. Engravidar sem passar pelo <i>Efundula</i> é desonra na família e eu nunca faria isso com a minha família. O meu pai podia me matar (risos).”</i>
3.2.1.4.2.	Não	5/5	Quando afirmam que a gravidez não esta relacionada a <i>Efundula</i> .	<i>“E depois de <i>Efundula</i> ainda fiquei muito tempo sem fazer nada com ninguém. Depois engravidei.”; “Sou engravidei depois de um ano”.</i>
3.2.1.4.3.	Se não fizesse <i>Efundula</i> engravidava	10/10	Quando afirmam que que não se engravidariam se não fizessem <i>Efundula</i> .	<i>“Não, esperava até fazer <i>Efundula</i>.; “Não é bom engravidar sem fazer <i>Efundula</i> primeiro.”</i>
3.2.1.5.	Relação entre <i>Efundula</i> e maternidade	1/1	Quando as próprias participantes referem explicitamente a relação entre <i>Efundula</i> e a gravidez/maternidade.	<i>“Desde pequena até há dois anos atras eu sempre fui a mesma pessoa. Em dois anos desde a minha passagem pelo <i>Efundula</i> já experienciei muitas mudanças (risos). Eu não tivesse feito, ainda não seria mãe. Só se tivesse me casado pela igreja. O que duvido muito (risos).”</i>
3.2.1.6.	Relação entre a maternidade e adultez	1/1	Quando as participantes apontam para o facto de se sentirem adultas com a maternidade.	<i>“Mas isso acontece muito mais quando somos mães. Não importa se temos 16, 17 ou 18 anos. Somos senhoras.”</i>
3.2.1.7.	Ralação da mãe com a criança	1/1	Referencias sobre a relação mãe-bebé.	<i>“Agora vivo pela a minha filha e tudo que eu sempre queria ser ou fazer será para ela.”</i>

3.2.1.8.	Não arrependida	1/1	Quando as participantes referem que não estão arrependidas por ter engravidado.	<i>“Não é que estou arrependida por ter engravidado...”</i>
3.2.1.9.	Gravidez com acompanhamento médico	1/1	Quando afirmam terem tido algum acompanhamento médico durante a gravidez.	<i>“Sim. A médica disse para deixar de fazer muito trabalho que pesa muito. E para não beber mais e não andar muito.”</i>
3.2.1.10. Casamento				
Todas as referencias que as participantes relacionam com a/ou não intenção de se casar ou viver maritalmente.				
3.2.1.10.1. Intenção de casar				
Todas as referencias à intenção/possibilidade das participantes casarem				
3.2.1.10.1.1.	Não	1/1	Quando as participantes revelam não ter intenção de casar.	<i>“Mas também não quero casamento para mim agora.”</i>
3.2.1.10.1.2.	Razões para não casar	1/1	Razões apresentadas pela a própria para não querer se casa.	<i>“Quero terminar os meus estudos para conseguir um trabalho sério no futuro. E se eu me casar terei de me dedicar à lavra e a família e por vezes até aos animais (risos).”</i>
3.2.2. Gravidez e maternidade no geral				
Todas as referencias concernentes à maternidade no geral.				
3.2.2.1. Gravidez não assumida pelo rapaz				
Referencias sobre todas as situações ou reações quando os rapazes não assumem a gravidez.				
3.2.2.1. Reação da família				
Todas as referencias a reações das famílias face a gravidez quando os rapazes não assumem as crianças e/ou o casamento				
3.2.2.1.1.	Culpa e vergonha	2/2	Quando as referencias indicam culpa e vergonha por parte da família.	<i>“As nossas famílias não fazem nada. Só carregam as nossas culpas...a culpa de se entregar para um rapaz que não vale nada. E a vergonha de ter um filho sem pai na família.”</i>
3.2.2.1.2.	Tristeza	4/4	Quando as participantes referem a tristeza demonstrada pelas famílias face a situação.	<i>“Fica sempre a tristeza de não ter um filho com um nome dado pelo pai.”</i>
3.2.2.1.3.	Continuam a dar abrigo	1/1	Todas as referencias que indicam que os pais mantem as filhas em casa.	<i>“Os nossos pais continuam nos dando abrigo e até gostam quando enchamos as casas com crianças.”</i>

3.2.2.1.4.	Não há lugar para mais uma boca	1/1	Referencia sobre situação em que os parentes não aceitam sustentar a criança.	<i>“Quando o meu tio descobriu que estava grávida e que o moço era viajante e fugiu, ele disse que lá não há lugar para alimentar mais uma boca. E que estava na hora de eu regressar para a casa da minha mãe.”</i>
3.2.2.2.	Consequências na vida da rapariga	3/4	Todas as referencias sobres consequências da gravidez não assumidas pelos rapazes na vida das próprias raparigas.	<i>“Depois vêm-nos com vários filhos sem pais. Porque quando um rapaz que nos engravida pela primeira vez e não nos assume, já ninguém nos assume. Passamos a ser vistas como mulheres da “vida”. E com o tempo nos conformamos com isso.”</i>
3.2.2.2.	Gravidez enquanto decisão da própria	1/1	Referencias sobre a decisão de se engravidar.	<i>“Engravidar ou não engravidar é uma decisão de cada uma”.</i>
3.3.3.2.	Gravidez e abandono escolar	1/1	Quando as participantes afirmam a impossibilidade de viver a gravidez e maternidade sem abdicar a escola.	<i>“É difícil engravidar e continuar com a escola até nos últimos dias de gravidez. E dar à luz e pouco tempo depois voltar a escola. Ainda nunca vi isso acontecer aqui nas aldeias.”</i>
3.3.3.3.	Maternidade e abandono escolar	2/2	Referencias que relacionam a maternidade ao abandono escolar.	<i>Depois do parto precisamos ficar algum tempo sem fazer muito esforço e perdemos sempre muita matéria e até mesmo algumas provas. Depois já ninguém nos explica e não conseguimos recuperar a matéria e aprender alguma coisa. A solução é repetir a classe no outro ano. Só que algumas ficam com preguiça.</i>

3.3. Escola e abandono

Todas as referencias relacionadas com a escola e o abandono depois de *Efundula*.

3.3.1. Escola

Todas as referencias sobre a escola depois de *Efundula*.

3.3.1.1.	Perceção inalterada	10/10	Referencias de as participantes mantiveram a sua opinião sobre a escola depois de <i>Efundula</i> .	<i>“Depois da experiencia de Efundula, adquiriu ponto de vista diferente sobre a escola?” “Não. Sempre continuei do mesmo jeito.”</i>
3.3.1.2.	Amigas na escola sem <i>Efundula</i>	2/2	Quando se referem a amigas que continuam a estudar e que não fizeram <i>Efundula</i> .	<i>“Duas, mas também já vão fazer Efundula este ano.”</i>

3.3.1.3. Amigas na escola com *Efundula*

Referencias sobre tudo que as participantes referem sobre amigas na escola com *Efundula*.

3.3.1.3.1.	Sim	6/6	Quando afirmam que têm amigas que fizeram <i>Efundula</i> e andam na escola.	<i>“Das suas amigas que passaram pelo Efundula, quantas se mantêm na escola?” “Duas que fizeram Efundula o ano passado continuam a estudar.”</i>
3.3.1.3.2. Razões do Sim				
Todos os motivos que as participantes apontam estar na base da permanência das outras amigas com <i>Efundula</i> na escola.				
3.3.1.3.2.1.	Sem filhos	1/1	Quando referem que as amigas estão na escola pelo facto de não serem mães.	<i>“Ela esta bem, sem problemas nem filhos”.</i>
3.3.1.3.2.2.	São ricos	1/1	Quando relacionam a posse de bens com o não abandono das outras com <i>Efundula</i> .	<i>“Eles são ricos. Tem muitos bois e os irmãos dela trabalham na Namíbia e mandam muitas coisas para ela. Também só casou o ano passado.”</i>
3.3.1.3.2.3.	Têm transportes	1/1	Quando as participantes relacionam os meios de transportes com o não abandono escolar das outras com <i>Efundula</i> .	<i>“Uma comprou bicicleta, a outra mora mais para lá e a outra têm mota em casa e o irmão lhe leva na escola, mas volta a pé junto com as crianças.”</i>
3.3.1.3.2.4.	Vive na cidade	1/1	Quando referem que as amigas que continuam a estudar mesmo depois de fazer <i>Efundula</i> , vivem na cidade.	<i>“Ela mora e estuda em Ondjiva. E não tem filhos.”</i>
3.3.1.3.3.	Nenhuma	4/4	Quando as participantes afirmam que não têm amigas na escola com <i>Efundula</i> .	<i>“Não tenho nenhuma amiga na escola que já fez Efundula.”</i>
3.3.2. Abandono da própria				
Todas as referencias relacionadas com o ter deixado de frequentar a escola.				
3.3.3.1. Abandono e escola				
Todas as referencias ao envolvimento da escola na decisão do abandono.				
3.3.3.1.1.	Escola informada	4/4	Quando refere sobre a decisão de abandonar ter sido informado a escola.	<i>“Conversei com os professores e com o diretor da escola e eles desejaram-me tudo de bom e disseram que em 2017 estariam a minha espera.”</i>
3.3.3.1.2.	Escola não informada	6/6	Quando referem que desistiram sem informar a escola.	<i>“Não avisei. Lá na escola já sabiam que eu estava grávida. Comecei a faltar muito, uma vez choveu durante 3 dias, as chanas ficaram cheias de agua e ficamos por aí duas semanas sem ir as aulas. E</i>

				<i>depois disso nunca mais fui. Também a minha barriga começou a ficar cada vez mais grande.</i>
3.3.3.1.3.	Razão de não informar	5/6	Todas a situações e circunstâncias apontadas como motivos de não informar a escola sobre o abandono.	<i>“Porque tive vergonha de ir falar com os professores.”; “Eu já tinha terminado de estudar na primeira escola e ainda não estava matriculada na Missão.”</i>
3.3.3.2.	Avaliação positiva	4/7	Quando referem que reagiram bem ao abandono.	<i>“Gostei porque me sentia mais descansada, porque já não me doeu mais a barriga.” “Sim. Porque eu não aprendia nada e me batiam muito todos os dias”.</i>
3.3.3.3.	Avaliação negativa	5/8	Todas as referências negativas relativas ao abandono.	<i>“Não gostei nada de ter que ficar em casa este ano, mas tinha que ser porque a minha filha estava prestes a nascer.”</i>
3.3.3.4.	Indiferente	1/1	Quando as participantes referem que não estão nem satisfeitas nem insatisfeitas pelo facto de terem abandonados a escola.	<i>“não sei. Não fiquei satisfeita e nem insatisfeita. Acho que aprendi o importante.”</i>
3.3.3.5.	Relacionado com <i>Efundula</i>	1/1	Quando as participantes afirmam que a decisão de abandonar a escola teve a ver com a experiência de <i>Efundula</i> .	<i>“Sim, claro que foi. não houve nenhum outro motivo, eu estava bem com a vida.”</i>
3.3.3.6.	Não relacionado com <i>Efundula</i>	8/9	Quando as participantes referem expressamente que o abandono não está relacionado com a passagem pelo <i>Efundula</i> .	<i>“A sua passagem pelo Efundula teve alguma coisa a ver com a decisão de abandonar/interromper a escola?” “Não. Eu ainda ia para a escola. Mas quando fiquei grávida as coisas não correram bem.”</i>
3.3.3.7. Reação ao abandono				
Todo o discurso respeitante às reações emocionais das participantes face ao abandono escolar.				
3.3.3.7.1. Reação da própria				
Todas as participantes descrevem as suas reações face ao abandono				
3.3.3.7.1.1. Reação negativa				
Todas as reações negativas face ao abandono				
3.4.3.7.1.1.1.	Sim	8/8	Quando afirmam que reagiram o abandono negativamente.	<i>“Fiquei com uma dor no coração por algum tempo.”</i>
3.4.3.7.1.1.2.	Razões de reagir negativamente	8/12	Todos os motivos relacionados com a reação negativa.	<i>“Porque a escola esta aqui perto e ainda sou muito jovem para deixar de estudar de vez.”</i>

3.3.3.7.1.2. Evolução da reação ao abandono

Todas as referencias respeitantes a evolução face aos sentimentos associados ao abandono.

3.4.3.7.1.2.1.	Sim	2/2	Quando as participantes referem que houve evolução/alteração.	<i>“Fiquei muito triste por ter saído da escola mas depois me conformei”.</i>
3.4.3.7.1.2.2.	Razões da evolução	1/1	Motivos pelos quais evoluíram as suas reações face ao abandono.	<i>“Agora sinto-me bem porque sei que vou continuar com a escola.”</i>

3.3.3.7.1.3. Reação positiva

Referencias sobre as emoções positivas face ao abandono.

3.3.3.7.1.3.1.	Sim	2/3	Quando afirma que reagiram o abandono de forma positiva.	<i>“como se sentia quando já não ia à escola?” “Bem... sim.”</i>
3.3.3.7.1.3.2.	Razões de reagir positivamente	2/3	Quando referem os motivos pelos quais agiram positivamente ao abandono.	<i>“É muito bom uma mulher ter marido e os filhos. Há algumas que não estão a conseguir marido. Acho que elas são mulheres muito tristes.”</i>

3.3.3.7.2. Reação da família

Toda a informação que as participantes apontam como reação da família na decisão ao abandono escola.

3.3.3.7.2.1.	O que fizeram	10/10	Toda a informação relacionada com a reação prática da família face a decisão do abandono escolar.	<i>“Nada”.</i>
3.3.3.7.2.2.	O que disseram	7/6	Toda informação que as participantes referem como reação teórica da família face ao abandono.	<i>“Disseram que queriam muito para eu estudar mais.” “Disseram para esperar ainda a criança crescer e desmamar”.</i>

3.3.3.7.3. Reação da escola face ao abandono

Referencias as reações da escola face ao abandono

3.3.3.7.3.1.	Sim	5/5	Todas as referencias que as participantes apontam como resposta da escola face ao abandono.	<i>“A professora disse que é melhor repousar e continuar quando a criança crescer.” “O diretor mandou perguntar por é que eu já não ia a escola.”</i>
3.3.3.7.3.2.	Não	4/4	Quando as participantes afirmam que a escola não teve nenhuma reação face ao abandono.	<i>“Ninguém me contactou por arte da escola”.</i>

3.3.3.8. Utilização do tempo durante o abandono

Atividades realizadas no dia-a-dia depois do abandono.

3.3.3.8.1.	No inicio do abandono	9/10	Referencias sobre a utilização do tempo em que as participantes deviam estar na escola. Logo depois do abandono.	<i>“Passei a cuidar da casa, da lavra e do meu marido.”; “Ficava só mesmo em casa a fazer os trabalhos de casa e quando não tinha trabalho ficava sem fazer nada.”</i>
3.3.3.8.2.	Atualmente	6/6	Referencias sobre a utilização do tempo em que as participantes deviam estar na escola. Na atualidade.	<i>“Agora muitas coisas mudaram. Agora passo mais tempo na praça a vender com a minha prima e as minhas amigas.”; “No tempo das aulas pasto os bois do professor e me pagam 2000kz por mês. Também gosto e ir vender galinhas no Ondjiva. E fico nas Kefes a convier com os vizinhos.”</i>
3.3.3.9. Não desisti para sempre Todas as referências sobre a intensão de retomar a escolaridade.				
3.3.3.9.1.	Não	2/3	Quando afirmam expressamente a intenção de voltar a estudar.	<i>“Não desisti para sempre. Quero terminar os meus estudos para conseguir um trabalho sério no futuro.”</i>
3.3.3.9.2.	Razões de não desistir para sempre	2/4	Razoes apresentadas para voltar a estudar.	<i>“Agora vivo pela a minha filha e tudo que eu sempre queria ser ou fazer será para ela. Por isso tenho ainda mais força de estudar para ser alguém.”</i>
3.3.3.9.3.	Importante voltar a estudar	1/1	Quando há indicação que consideram importante voltar a estudar (não diretamente associado à intenção de voltar à escola).	<i>“Estudar é importante. Acho que vou voltar a estudar”.</i>
3.3.3.10. Desisti para sempre Quando as participantes referem expressamente o abandono definitivo.				
3.3.3.10.1.	Sim	7/7	Quando afirma o abandono definitivo.	<i>“Desisti para sempre. Agora já não tenho mais como estudar.”</i>
3.3.3.10.2.	Razões de desistir para sempre	7/7	Referencias que as participantes indicam como motivos do abandono escolar definitivo.	<i>“Agora além de ser mãe para os meus irmãos, também sou mãe para os meus próprios filhos. E toda a responsabilidade da casa esta por cima de mim (as crianças, a lavra, os animais, e tudo).”</i>
3.3.3.10.3.	“Não sei”	1/2	Quando as participantes manifestam alguma ambivalência face a intenção de voltara a estudar.	<i>“Ainda não sei bem.”</i>

3.3.3.11.	Tomaria a mesma decisão	8/8	Referencias relacionada com a reavaliação sobre a decisão do abandono.	<i>“A decisão não dependeu muito de mim, acho que foi uma decisão necessária.”</i>
3.3.3.12.	Se não abandonasse	10/16	Referencias sobre a hipótese do não abandono.	<i>“Acho que tinha mais conhecimentos. Porque em cada classe aprendemos coisas novas. Estaria mais e mais inteligente.”</i>
3.3.3.13. Razões do abandono				
Todos os factos e situações apontadas pelas participantes como causas do abandono.				
3.3.3.13.1. Gravidez				
Referencias que relacionam a gravidez ao abandono.				
3.3.3.13.1.1.	Sim	7/9	apontada expressamente como uma das causas do abandono escolar.	<i>“Eu abandonei a escola porque fiquei grávida. E já não conseguia mais ir à escola.”; “Deixei de ir a escola porque quando fiquei grávida comecei a ficar sempre doente. Depois fiquei muito doente e a gravidez saiu. Depois de alguns meses fiquei mais grávida já do meu filho.”</i>
3.3.3.13.1.2. Desafios				
Quando as participantes apontam situações desafiantes face a gravidez.				
3.3.3.13.1.2.1.	Doenças	1/1	Quando referem a doença como desafio na gravidez.	<i>“Assim que fiquei grávida andei muito doente e já não podia andar muito. E os professores disseram para ficar em casa até a criança nascer.”</i>
3.3.3.13.1.2.2.	Dormir	1/1	Quando referem o sono como desafio na gravidez.	<i>“Passei a dormir mais”.</i>
3.3.3.13.1.2.3.	Escola distante	3/3	Quando apontam a distancia como desafio na gravidez.	<i>“Era muito cansativo ir a pé todos dias porque a escola era distante”.</i>
3.3.3.13.1.2.4.	Insultos na escola	1/1	Quando referem ter experienciado insultos na escola por conta da gravidez.	<i>“E quando fiquei grávida me abusavam bué na escola.”</i>
3.3.3.13.1.2.5.	Mais dificuldades menos capacidades	1/1	Quando expressam necessidades e limitações.	<i>“Acho que foi a gravidez que piorou mais a situação. Aumentou as necessidades e diminuiu as minhas capacidades.”</i>
3.3.3.13.1.2.6.	Preguiça	2/2	Referencias sobre a preguiça na fase da gestação.	<i>“Estava sempre com preguiça.”</i>

3.3.3.13.1.2.7.	Sentir fome na escola	2/2	Quando apontam para a necessidades alimentícias adequadas.	<i>“Sentia muita fome na escola”.</i>
3.3.3.13.1.2.8.	Vergonha	2/2	Quando apontam a vergonha como um dos desafios de frequentar a escola no estado de gestação.	<i>“Também sentia vergonha de estar na escola grávida. Lá não tem ninguém grávida”.</i>
3.3.3.13.2.	Ficar com a minha filha	1/1	Quando referem que abandonaram a escola para ficar com a filha.	<i>“Abandonei a escola para ficar com a minha filha”.</i>
3.3.3.13.3.	Não estava a conseguir aprender	1/1	Quando se referem as dificuldades de aprendizagens.	<i>“Também porque não estava a conseguir mais aprender.”</i>
3.3.3.13.4.	Pobreza	1/1	Quando no discurso das participantes sobre as razões do abandono surge referencia sobre a pobreza.	<i>“A pobreza é uma coisa complicada, mas ainda assim há quem estuda mas um pouco, não é?”</i>
3.3.3.13.5.	Doença	1/1	Quando as participantes apontam a doença como causa do abandono.	<i>“Quando desistiu da escola foi por causa da doença? “Sim. Depois fui para a minha avó para ficar melhor e demorei muito lá.”</i>
3.3.3.13.6.	Não tinha vestuário	1/1	Referencias sobre a necessidade de vestuário.	<i>“Também não tinha roupa para ir na escola. Tinha vergonha de ir sempre com as mesmas roupas e depois não entendia mais as coisas e tinha muitas faltas.”</i>
3.3.3.13.7.	Descansar, escola distante	1/2	Quando apontam a necessidade de repouso no intervalo de um ano.	<i>“Quando terminei a 6ª classe na escola do Imbondeiro pretendia apenas descansar um ano. No outro ano ia continuar na missão que é muito longe. Parece que descansei demais e logo fiquei grávida (risos).</i>
3.3.3.13.8.	Ligação á religião	1/1	Quando as participantes apontam dimensões religiosas associadas ao abandono	<i>“Quando tirei as vestes de Efundula disseram-me que já podia ir para as madres. Comecei a chorar, porque eu sabia muito bem que a igreja é contra Efundula e as madres não gostam dessas coisas. Se eu não falar a verdade para elas estaria a pecar. Eu não podia mais viver nas madres depois disso, sei que seria expulsa quando as madres soubessem. Estava muito envergonhada e fugi. Sai daqui e pensaram que estava a ir para as madres, mas na verdade fui para a casa de um</i>

				<i>tio (primo do meu pai) perto da fronteira com a Namíbia e fiquei lá durante 5 meses.”</i>
3.3.3. Abandono das outras				
Quando as participantes referem situações do abandono escolar das outras meninas.				
3.3.4.1.	Abandono das outras com <i>Efundula</i>	8/9	Quando referem amigas com <i>Efundula</i> e em situação do abandono.	<i>“Desistiram três amigas que já tinham feito Efundula.”</i>
3.3.4.2.	Abandono das outras sem <i>Efundula</i>	1/1	Quando referem ter amigas que abandonaram a escola sem passar pelo <i>Efundula</i> .	<i>“Só tenho uma amiga”</i>
3.3.4.3.	Razões do abandono	6/6	Todas as referências às razões que consideram relacionadas com o abandono escolar das outras meninas.	<i>“Não sei, muitas também já têm filhos.”</i>
3.3.4.4.	Sem relação com <i>Efundula</i>	2/2	Quando não relacionam o abandono das outras com <i>Efundula</i> .	<i>“Acho que não, parece que uma foi manter e o marido dela é um senhor que mora longe daqui.”</i>
3.4. Depois da maternidade				
Quando as referências indicam mudanças que têm a ver diretamente com a gravidez/maternidade (depois do <i>Efundula</i>); todo o discurso que aborda as mudanças relacionadas com a gravidez/maternidade.				
3.4.1.	Dificuldades	1/1	Quando referem dificuldades depois da maternidade.	<i>“Ficou um pouco difícil, tivemos que dividir o pouco que temos com o bebé. A minha mãe vendeu algumas galinhas para comprar as roupas para o meu filho quando nasceu. E agora esta a levar a vida normal como também tive.”</i>
3.4.2.	Viver pela filha	1/1	Todas as referências que abordam a importância central do(s) filho(s) na vida atual.	<i>“Agora que sou mãe, vivo pela a minha filha. Já nada mais importa.”</i>
4. Educação sexual				
Grande categoria que engloba todas as referências sobre educação sexual que surgem no discurso das participantes.				
4.1.	Sim	1/1	Quando as participantes afirmam que nalgum momento tiveram informação sobre a vida sexual.	<i>“Sim. Na escola tivemos uma disciplina chamada Educação Moral e Cívica. A nossa professora nos ensinava como devemos nos proteger das doenças e da gravidez.”</i>

4.2.	Não	9/9	Quando as participantes referem que nunca tiveram educação sexual.	“Não, nunca tive”.
4.3.	Hipótese de prevenção	2/2	Informações sobre a hipótese de se prevenir durante as relações íntimas.	“Claro que sim. Mas não é fácil conseguir preservativos e ter o cuidado de usar sempre.”
4.4.	Homens não gostam de usar o preservativo	2/2	Quando no discurso das participantes surge informações de que os homens não gostam de usar preservativos masculinos.	“Não nós prevenimos porque os homens não aceitam usar borrachas”.
4.5.	Vida sexual antes de <i>Efundula</i> .	10/10	Referências sobre a sexualidade das participantes antes de <i>Efundula</i> .	“Como era a sua vida sexual antes de <i>Efundula</i> ?” “Não era, não podíamos ter vida sexual antes de <i>Efundula</i> .”

5. Crenças religiosas

Todas as indicações que as participantes apontam como pertencentes a uma religião.

5.1.	Não	1/1	Quando as participantes referem que não possuem crenças religiosas.	“Possui algumas crenças religiosas?” “Não”
------	-----	-----	---	---

5.2. Sim

Todas as referências ao facto de as participantes terem crenças religiosas

5.2.1. Religião Católica

Referencia de que as participantes pertencem a religião Católica.

5.2.1.1.	Da família	1/1	Quando as participantes referem que as famílias são católicos.	“Sou católica e toda a minha família é católica.”
5.2.1.2.	Da própria	9	Referencia ao facto da participante ser Católica.	“Sou católica”

5.2.2. Praticante

Toda a informações relacionada com a pratica da religião.

5.2.2.1.	Sim	7/7	Quando as participantes afirmam que praticam a sua religião.	“Sim”.
5.2.2.2.	Algumas vezes	2/2	Quando as participantes afirmam a prática da fé algumas vezes.	“Sim, algumas vezes.”

6. Circunstancias do meio.

Todas as circunstancias do meio comunitário que as participantes referem que tiveram impacto negativo na sua vida enquanto estudante.
(Exemplo: “A escola de lá só tinha até a 5ª classe.”)



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

EXMO SENHOR ADMINISTRADOR DA COMUNA DA MÔNGUA

Eu, Prudência Arlinda Ndamonovanu, filha de Atanásio Halipo e de Inocência Ndemuponele, nascida aos 14 de Dezembro de 1985, natural de Cuanhama-Cunene, de Nacionalidade angolana, portadora do Bilhete de Identidade nº 000164478CE016 emitido em 07/08/2014, válido até 06/08/2019, estudante do 2º ano do Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, encontro-me a iniciar a Dissertação de Mestrado subordinada ao tema *Abandono escolar após a experiência do ritual Efundula*, cujo o objetivo geral consiste em explorar a vivência dos ritos de iniciação das jovens, no sentido de perceber as suas perceções/representações quanto ao papel destas na decisão do abandono escolar. Procura-se perceber se existe alguma relação entre a vivência de rituais culturais e o abandono escolar.

Acreditamos que a pertinência deste estudo, prende-se na exploração deste tema que anteriormente não foi analisado e na contribuição da investigação científica, de forma a preencher o vazio de informação existente a respeito desta temática no contexto específico do município do Cuanhama. Também se espera que os resultados do respetivo estudo, proporcionem informações para estabelecer novas linhas de pensamento sobre o modo como estes rituais são percebidos pelas adolescentes e as consequências do abandono escolar, para o futuro da província, de modo a servir *à posteriori* para o desenho de possíveis estratégias de intervenção face a esta problemática no município do Cuanhama.

Assim, venho por este meio, mui respeitosamente solicitar ao Exmo. Sr. Nicolau Mwesipewa, se digne autorizar a recolha de dados junto de adolescentes, nesta comuna da Môngua, pelo que,

Espera deferimento

Aos 05 de Agosto de 2016

Ass.: _____

Prudência Arlinda Ndamonovanu

Título da pesquisa: Abandono escolar após a experiência do ritual de *Efundula*

Pesquisadora: Prudência Arlinda Ndamonovanu. Email: arlindandamo@hotmail.com

Responsável e Supervisora da Pesquisa: Maria Raúl Lobo Xavier. Email: mxavier@porto.ucp.pt

Somos um grupo de investigadores da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa e estamos a desenvolver um projeto de investigação acerca do abandono escolar das adolescentes jovens depois da passagem pelo ritual *Efundula*. O objetivo geral deste projeto é explorar a vivência dos ritos de iniciação das jovens, no sentido de perceber as suas perceções/representações quanto ao papel destas na decisão do abandono escolar.

Antes de decidir se vai ou não participar, pedimos que leia com ATENÇÃO este documento, que tem como finalidade dar-lhe toda informação necessária sobre a pesquisa e sobre os pesquisadores. Caso haja dúvidas poderá contactar a pesquisadora através do seguinte contacto: _____

Pretende-se que esta declaração seja suficientemente esclarecedora, de modo a ajudá-la na tomada de decisão sobre se quer ou não participar. Nessa pesquisa, devem participar meninas adolescentes/jovens, com idades até os 18 anos, que já estiveram matriculadas numa escola, passaram pelo ritual de *Efundula* e abandonaram a escola. A sua participação é voluntária e livre. Portanto, ninguém tem o direito de lhe pressionar ou obrigar a participar. Você é livre de recusar, e ao fazê-lo não haverá nenhum tipo de consequência, pressão, penalização ou crítica por isso.

Procedimentos da pesquisa:

- A aplicação será individual sob a forma de entrevista, com o tempo indeterminado de acordo ao ritmo que for de conveniência para a utente, porém, dentro de limites da norma.
- A assinatura será feita de 2 (dois) exemplares da «*Declaração de Consentimento de Participação*», antes do início da aplicação dos questionários. Um exemplar dessa declaração será para si, e o outro será para o pesquisador. Os procedimentos utilizados na pesquisa não oferecerão riscos à sua dignidade.

Confidencialidade: serão criadas todas as condições necessárias no sentido de proteger devidamente todos os seus dados e informações e só os técnicos terão acesso a ela.

Esta pesquisa é anónima, não precisa fornecer o seu nome verdadeiro, podendo fornecer qualquer pseudónimo, código ou nome não verdadeiro. Durante a pesquisa você não poderá ser identificada nem será associada aos dados e informações que fornecer.

A equipa da pesquisa agradece a sua atenção e participação

Data ____ / ____ / _____

Investigadores _____

Tradução do consentimento em Oshikwanyama

Data ____ / ____ / _____

Investigadores _____

Sistema Geral das Categorias

1. Escola

1.1. Experiência escolar da própria

1.1.1. Significado pessoal

1.1.1.1. Aprender boas coisas

1.1.1.2. Aprender novas coisas

1.1.1.3. Conhecer pessoas importantes

1.1.1.4. Caminhar para uma vida melhor

1.1.1.5. Fonte do saber

1.1.1.6. Imagem

1.1.1.7. Importância da escola para a vida

1.1.1.7.1. Aprender a ler e escrever

1.1.1.7.2. Aprender a falar Português

1.1.1.7.3. Aprender geografia e história

1.1.1.7.4. Aprender é interessante

1.1.1.7.4.1. Sim

1.1.1.7.4.2. Razões

- 1.1.1.7.4.2.1. Conseguir um trabalho
- 1.1.1.7.4.2.2. Ficar inteligente
- 1.1.1.7.4.2.3. Aprender sempre coisas novas
- 1.1.1.7.5. Aprender muitas coisas
 - 1.1.1.7.5.1. Sim
 - 1.1.1.7.5.2. Tudo devo a escola
 - 1.1.1.7.5.3. Aprendi o importante
- 1.1.1.7.6. Aprender alguma coisa
- 1.1.1.7.7. Comportamento diferente
- 1.1.1.7.8. Na aldeia não se precisa de muito estudo
 - 1.1.1.7.8.1. Sim
 - 1.1.1.7.8.2. Razões
- 1.1.1.7.9. Opinião inalterada
- 1.1.1.7.10. Ser alguém no futuro
- 1.1.1.7.11. Utilização dos conhecimentos adquiridos na escola no dia-a-dia.
 - 1.1.1.7.11.1. Atividades extraescolares
 - 1.1.1.7.11.2. Ajudar os irmãos nas tarefas que trazem da escola
 - 1.1.1.7.11.3. Noções de solidariedade
 - 1.1.1.7.11.4. Aplicar a matemática nos trabalhos em casa
 - 1.1.1.7.11.5. Falar português no comercio

1.4.4.7.11.6. Negociar com os turistas

1.1.1.7.12. Outros conhecimentos do mundo

1.1.1.7.12.1. Frutas, Animais e comidas

1.1.1.7.12.2. Pessoas

1.1.1.8. Ter vontade de aprender

1.1.2. Mudanças

1.1.2.1. Mudanças de escola

1.1.2.1.1. Sim

1.1.2.1.2. Não

1.1.2.2. Razões das mudanças

1.1.2.2.1. Limites de classes na escola anterior

1.1.2.2.2. Mudanças de casa

1.1.3. Escola próxima

1.1.3.1. Sim

1.1.3.2. Não

1.1.3.3. Mais ou menos

1.1.3. Avaliação

1.1.3.1. Avaliação positiva

1.1.3.1.1. Em geral

1.1.3.1.2. Aspetos valorizados positivamente

- 1.1.3.1.2.1. Brincar com os colegas
- 1.1.3.1.2.2. Colegas
- 1.1.3.1.2.3. Conviver com os outros
- 1.1.3.1.2.4. Disciplinas
- 1.1.3.1.2.5. Estudar
- 1.1.3.1.2.6. Ensinar os outros
- 1.1.3.1.2.7. Ficava com os meus irmãos
- 1.1.3.1.2.8. Muitas coisas
- 1.1.3.1.2.9. Professores
- 1.1.3.1.2.10. Tranquilidade

1.1.3.2. Autoavaliação

- 1.1.3.2.1. Avaliação positiva
- 1.1.3.2.2. Mais ou menos
- 1.1.3.2.3. Avaliação negativa
 - 1.1.3.2.3.1. Faltou juízo
 - 1.1.3.2.3.2. Faltou força e vontade
 - 1.1.3.2.3.3. Muito burra
 - 1.1.3.2.3.4. Não sabia as coisas
 - 1.1.3.2.3.5. Má aluna

1.1.3.3. Aspetos menos valorizados

1.1.3.3.1. Aulas de matemática

1.1.3.3.2. Bater

1.1.3.3.2.1. Sim

1.1.3.3.2.2. Razões do bater

1.1.3.3.2.2.1. Barulho na sala de aula

1.1.3.3.2.2.2. Dificuldade de aprender

1.1.3.3.2.2.3. Chegar atrasada

1.1.3.3.3. Errar mais que as crianças

1.1.3.3.4. Fazer limpeza

1.1.3.3.5. Fazer tarefas pelo caminho ou chegar cedo para fazer tarefa

1.1.3.3.6. Necessidades

1.1.3.3.6.1. Sim

1.1.3.3.6.2. Não

1.1.3.3.6.2.1. Não

1.1.3.3.6.2.2. “Tive sorte que muitas não tiveram”

1.1.3.3.6.3. Carência de professores

1.1.3.3.6.4. Eletricidade

1.1.3.3.6.5. Falta de professores capacitados

1.1.3.3.6.6. Materiais escolares

1.1.3.3.6.7. Salas de aulas com cobertura

1.1.3.3.6.8. Transportes

1.1.3.3.6.9. Outras necessidades

1.1.3.3.7. Pedir livros emprestados

1.1.3.3.8. Pôr de castigo

1.1.3.3.8.1. Sim

1.1.3.3.8.2. Razões do castigo

1.1.3.3.8.2.1. Incomodar a aula

1.1.3.3.8.2.2. Chegar atrasada

1.1.3.3.8.2.2.1. Razões de chegar atrasada

1.1.3.3.8.2.2.1.1. Ajudar em casa

1.1.3.3.8.2.2.1.2. Cansaço

1.1.3.3.8.2.2.1.3. Distância

1.1.3.3.9. Sentir fome na escola

1.2. Apoio da família na vida escolar

1.2.1. Sim

1.2.2. Apoio dos pais

1.2.3. Apoio da Mãe e irmãos

1.2.4. Apoio dos tios

1.2.5. Apoio da Avó

1.3. Algumas circunstancias escolares

1.4. Dificuldade na vida dos alunos

1.4.1. Em geral

1.4.1. Das alunas em particulares

1.4.1.1. *Efundula*

1.4.1.2. Gravidez e maternidade

1.4.1.3. Os homens

1.4.1.3.1. Homens comuns

1.4.1.3.2. Os professores

1.4.1.4. Pobreza

1.4.1.5. Prioridade ao casamento

1.4.1.6. Trabalhos de casa

1.5. Antes do abandono escolar

1.5.1. Expectativas quanto ao futuro

1.5.2. Não expectativas para o futuro

2. *Efundula*

2.1. *Efundula* na família

2.1.1. Mãe

2.1.2. Irmãs

- 2.1.3. Outras famílias
- 2.2. *Efundula* enquanto festa
 - 2.2.1. Já tinham ido
 - 2.2.2. Convívio tradicional
 - 2.2.3. Opinião positiva prévia
- 2.3. Conhecimento prévio
 - 2.3.1. Não
 - 2.3.2. Sim
 - 2.3.3. Fontes
 - 2.3.3.1. Outras meninas
 - 2.3.3.1.1. Sim
 - 2.3.3.1.2. Opinião sobre elas
 - 2.3.3.2. Dama de companhia
 - 2.3.3.3. participação prévia nas festas
 - 2.3.4. Mais ou menos
 - 2.3.5. Conhecimentos básicos
 - 2.3.6. “Faz-se muita coisa lá”
 - 2.3.7. Conhecia outras raparigas
 - 2.3.8. Informação
 - 2.3.8.1. Nenhuma

2.3.8.2. Pouca cousa

2.3.8.3. “Sabia que era muito bom para as meninas”

2.3.8.4. “Para me purificar”

2.3.8.5. Abençoar a avida adulta

2.4. Participação

2.4.1. O que é *Efundula*

2.4.1.1. Algo exclusivamente para as mulheres

2.4.1.2. Algo sem nenhum significado

2.4.1.3. Ato cultural da nossa identidade tradicional

2.4.1.4. Autorização para namorar

2.4.1.5. Bênção dos antepassados

2.4.1.6. Bênção e proteção do mal

2.4.1.7. Casamento tradicional

2.4.1.8. É uma coisa boa e única

2.4.1.9. É a nossa identidade cultural

2.4.1.10. É algo engraçado e assustador

2.4.1.11. Preparação para a maternidade positiva

2.4.1.12. Ritual de purificação

2.4.1.13. Traz sorte para o futuro

2.4.2. Decisão

2.4.2.1. Da própria

2.4.2.1.1. Sim

2.4.2.1.2. Quando

2.4.2.1.3. Razões do sim

2.4.2.1.4. Não

2.4.2.1.5. Razões do não

2.4.2.2. Dos pais

2.4.2.2.1. Sim

2.4.2.2.2. Razões apresentada pelos

2.4.2.2.3. Significado da participação dos pais na decisão

2.4.2.3. Dos tios, tias

2.4.2.3.1. Sim

2.4.2.3.2. Razões apresentadas pelos tios

2.4.2.3.3. Significado da decisão ter sido tomada pelos tios

2.4.2.3.4. Também apoiaram nos estudos

2.4.2.3.4.1 Não

2.4.2.3.4.2 Um pouco

2.4.2.4. Da avó

2.4.2.4.1. Sim

2.4.2.4.2. Significado da decisão ter sido tomada pela avó

2.4.2.4.2.1. Sim

2.4.2.4.2.2. Nenhum

2.4.2.4.3. Também apoiou nos estudos

2.4.2.4.3.1. Sim

2.4.2.5. Não sei

2.4.3. Razões da participação

2.4.3.1. Motivos da participante aceitar fazer *Efundula*

2.4.3.1.2. Manter a tradição

2.4.3.1.3. Obrigação

2.4.3.1.4. Todas as outras também fizeram

2.4.3.2. Motivos da participante não aceitar fazer *Efundula*

2.4.3.2.1. “Eu não necessitava daquilo para nada”

2.4.3.2.2. “Estava bem como estava”

2.4.3.2.3. “Estava a estudar bem e tinha bom comportamento”

2.4.4. Reação a decisão

2.4.4.1. Disse que não queria fazer

2.4.4.2. Medo

2.4.4.3. Reação negativa

2.4.4.4. Senti tudo

2.4.4.5. Reação passiva

2.4.4.6. Tristeza

2.4.4.6.1. Sim

2.4.4.6.2. Razões

2.4.4.7. Impacto da reação na decisão dos pais

2.4.4.8. Levada à força

2.4.4.8.1. Sim

2.4.4.8.2. Reações

2.4.4.8.2.1. “Chorei”

2.4.4.8.2.2. “Gritei”

2.4.4.8.2.3. “Lutei com os moços”

2.4.4.8.2.4. “Ofendi todos eles”

2.4.5. Avisada antes

2.4.5.1. Sim

2.4.5.2. Como

2.4.5.3. Quando

2.4.5.4. Sentimentos

2.4.5.4.1. Muito mal

2.4.5.4.2. Nada

2.4.5.4.3. Tristeza

2.4.5.4.4. Um pouco assustada

2.4.5.5. Não

2.4.6. Antecipação da participação

2.4.6.1. Não

2.4.6.2. Não, mas...

2.4.6.3. Sim

2.4.7. Dias do ritual

2.4.7.1. Muitas coisas

2.4.7.2. Coisas do Ritual

2.4.7.2.1. Bebidas típicas

2.4.7.2.2. Lavagens

2.4.7.2.3. *Oshide*

2.4.7.2.4. Participantes não informadas das coisas

2.4.7.2.5. Tirar as vestes

2.4.7.3. Sentimentos

2.4.7.3.1. Mudanças

2.4.7.3.2. No início

2.4.7.3.3. Nos últimos dias

2.4.7.3.3.1. Sim

2.4.7.3.3.2. Não

2.4.7.3.3.3. Mais preocupada

2.4.7.3.4. O que gostou mais

2.4.7.4. Atividades/Significados de cada dia

2.4.7.4.1. Primeiro dia, Produzir Fogueiras para cozinhar e Tendões para as famílias.

2.4.7.4.2. Segundo dia, “dia da limpeza”

2.4.7.4.3. Terceiro dia, “início de *Efundula*” ... (chegada das noivas)

2.4.7.4.4. Quarto dia, “matança dos bois”

2.4.7.4.5. Quinto dia, “convívio entre família”

2.4.7.4.6. Sexto dia “passagem do dia”

2.4.7.4.7. Sétimo dia, “pequeno almoço” (término de *Efundula*, saída das noivas)

2.5. Circunstâncias culturais de *Efundula*

2.5.1. Atualmente diferente

2.5.2. Comportamento dos rapazes

2.5.3. Diferenças entre quem fez e quem não fez

2.5.3.1. Há diferenças

2.5.3.2. Nada difere

2.5.3.2.1. Sim

2.5.3.2.2. Razões

2.5.3.3. Mas...

2.5.4. Legitimidade da atividade sexual

2.5.5. Mais *Efundula*, menos casamentos

2.6. Avaliação da importância após o *Efundula*

2.6.1. Importância no geral

2.6.1.1. Sim

2.6.1.2. Não

2.6.1.3. Razões do não

2.6.2. Importância enquanto mãe

2.6.3. Importância enquanto tradição

2.6.4. Bom exemplo para as irmãs mais novas

2.6.5. Realização tradicional

3. Depois de *Efundula*

3.1. Mudanças percebidas

3.1.1. Não sei, acho que não

3.1.2. Boas mudanças

3.1.2.1. Sim

3.1.2.2. “Consegui bom marido”

3.1.2.4. Participação nas decisões importantes da família

3.1.2.5. “Nenhum homem olhava para mim antes”

3.1.2.6. “Sou ótima mãe”

3.1.2.5. “Deu-me um pouco de sorte”

3.1.3. Mudanças negativas

3.1.3.1. “Vivi pouco a infância”

3.1.3.2. “Já não pude mais brincar”

3.1.4. Nenhuma mudança

3.1.4.1. Não

3.1.4.1. Razões

3.1.2.1.1. “Continuei igual; não vi nada diferente”

3.1.5. Aduldez

3.1.5.1. Não

3.1.5.2. Sim, “fui tratada como adulta”

3.1.5.3. Ser tratada como adulta é negativo

3.1.5.4. Ser tratada como adulta é positivo

3.1.5.4.1. Não

3.1.5.4.1. Razões do não

3.1.5.4.1.1. “Porque na verdade eu não era senhora”

3.1.6. Crescimento pessoal

3.1.7. É uma história para contar

3.1.8. Sexualidade/Relações íntimas/Maternidade

3.1.8.1. Mudanças na sexualidade

3.1.8.1. Relações de amizades

3.1.8.2. Relações com os rapazes

3.1.8.2.1. Sim

3.1.8.1.2. Um pouco

3.1.8.1.3. Mais próximos

3.1.8.1.4. “Depois aumenta”

3.1.9. Relações íntimas

3.1.10. Tornei-me mãe

3.1.11. Sentimentos

3.1.11.1. Autoestima

3.1.11.2. Elogio dos homens

3.1.11.2.1. Sim

3.1.11.2.2. Positivo

3.1.11.2.3. Negativo

3.1.11.3. Fiquei mais famosa

3.1.11.4. Nas mãos do mundo

3.1.11.5. Sempre igual

3.1.11.6. Senti-me bem

3.1.11.7. Vergonha de mim e do mundo inteiro

3.1.11.8. Um pouco diferente

3.2. Gravidez, maternidade e casamento

3.2.1. Gravidez e maternidade da própria

3.2.1.1. Atitudes do pai da criança

3.2.1.1.1. Apoio do rapaz

3.2.1.1.2. “Ele desapareceu”

3.2.1.1.3. Rapaz aceita a gravidez

3.2.1.1.4. Relação do pai com a criança

3.2.1.1.5. Relação do pai da criança com a mãe da criança

3.2.1.2. Gravidez por acidente

3.2.1.3. Talvez devia ter mais um pouco de calma

3.2.1.4. Relação entre *Efundula* e gravidez

3.2.1.4.1. Sim

3.2.1.4.2. Não

3.2.1.4.3. Se não fizesse *Efundula* engravidava

3.2.1.5. Relação entre *Efundula* e maternidade

3.2.1.6. Relação entre a maternidade e adultez

3.2.1.7. Relação da mãe com a criança

3.2.1.8. Não arrependida

3.2.1.9. Gravidez com acompanhamento médico

3.2.1.10. Casamento

3.2.1.10.1. Intenção de casar

3.2.1.10.1.1. Não

3.2.1.10.1.2. Razões para não casar

3.2.2. Gravidez e maternidade no geral

3.2.2.1. Gravidez não assumida pelo rapaz

3.2.2.1. Reação da família

3.2.2.1.1. Culpa e vergonha

3.2.2.1.2. Tristeza

3.2.2.1.3. Continuam a dar abrigo

3.2.2.1.4. Não há lugar para mais uma boca

3.2.2.2. Consequências na vida da rapariga

3.2.2.2. Gravidez enquanto decisão da própria

3.3.3.2. Gravidez e abandono escolar

3.3.3.3. Relação entre maternidade e adultez

3.3.3.4. Maternidade e abandono escolar

3.3. Escola e abandono

3.3.1. Escola

3.3.1.1. Percepção inalterada

3.3.1.2. Amigas na escola sem *Efundula*

3.3.1.3. Amigas na escola com *Efundula*

3.3.1.3.1. Sim

3.3.1.3.2. Razões do Sim

3.3.1.3.2.1. Sem filhos

3.3.1.3.2.2. São ricos

3.3.1.3.2.3. Têm transportes

3.3.1.3.2.4. Vive na cidade

3.3.1.3.3. Nenhuma

3.3.2. Abandono no geral

3.3.3. Abandono da própria

3.3.3.1. Abandono e escola

3.3.3.1.1. Escola informada

3.3.3.1.2. Escola não informada

3.3.3.1.3. Razão de não informar

3.3.3.2. Avaliação positiva

3.3.3.3. Avaliação negativa

3.3.3.4. Indiferente

3.3.3.5. Relacionado com *Efundula*

3.3.3.6. Não relacionado com *Efundula*

3.3.3.7. Reação ao abandono

3.3.3.7.1. Reação da própria

- 3.3.3.7.1.1. Reação negativa
 - 3.4.3.7.1.1.1. Sim
 - 3.4.3.7.1.1.2. Razões de reagir negativamente
- 3.3.3.7.1.2. Evolução da reação ao abandono
 - 3.4.3.7.1.2.1. Sim
 - 3.4.3.7.1.2.2. Razões da evolução
- 3.3.3.7.1.3. Reação positiva
 - 3.3.3.7.1.3.1. Sim
 - 3.3.3.7.1.3.2. Razões de reagir positivamente
- 3.3.3.7.2. Reação da família
 - 3.3.3.7.2.1. O que fizeram
 - 3.3.3.7.2.2. O que disseram
- 3.3.3.7.3. Reação da escola face ao abandono
 - 3.3.3.7.3.1. Sim
 - 3.3.3.7.3.2. Não
- 3.3.3.8. Utilização do tempo durante o abandono
 - 3.3.3.8.1. No início do abandono
 - 3.3.3.8.2. Atualmente
- 3.3.3.9. Não desisti para sempre
 - 4.4.3.9.1. Não

4.4.3.9.2. Razões de não desistir para sempre

4.4.3.9.3. Importante voltar a estudar

3.3.3.10. Desisti para sempre

4.4.3.10.1. Sim

4.4.3.10.2. Razões de desistir para sempre

4.4.3.10.3. Não sei

3.3.3.11. Tomaria a mesma decisão

3.3.3.12. Se não abandonasse

3.3.3.13. Razões do abandono

3.3.3.13.1. Gravidez

3.3.3.13.1.1. Sim

3.3.3.13.1.2. Desafios

3.3.3.13.1.2.1. Doenças

3.3.3.13.1.2.2. Dormir

3.3.3.13.1.2.3. Escola distante

3.3.3.13.1.2.4. Insultos na escola

3.3.3.13.1.2.5. Mais dificuldades menos capacidades

3.3.3.13.1.2.6. Preguiça

3.3.3.13.1.2.7. Sentir fome na escola

3.3.3.13.1.2.8. Vergonha

3.3.3.13.2. Ficar com a minha filha

3.3.3.13.3. Não estava a conseguir aprender

3.3.3.13.4. Pobreza

3.3.3.13.5. Doença

3.3.3.13.6. Não tinha vestiário

3.3.3.13.7. Descansar, escola distante

3.3.3.13.8. Ligada a religião

3.3.4. Abandono das outras

3.3.4.1. Abandono das outras com *Efundula*

3.3.4.2. Abandono das outras sem *Efundula*

3.3.4.3. Razões do abandono

3.3.4.4. Sem relação com *Efundula*

3.4. Depois da maternidade

3.4.1. Dificuldades

3.4.2. Viver pela filha

4. Educação sexual

4.1. Sim

4.2. Não

4.3. Hipótese de prevenção

4.4. Homens não gostam de usar o preservativo

4.5. Vida sexual antes de *Efundula*.

5. Crenças religiosas

5.1. Não

5.2. Sim

5.2.1. Religião Católica

5.2.1.1. Da família

5.2.1.2. Da própria

5.2.2. Praticante

5.2.2.1. Sim

5.2.2.2. Algumas vezes

6. Circunstancias do meio.

Sugestões

Como cidadã angolana nascida na Província do Cunene e como futura psicóloga, não pretendo apenas olhar para a temática em questão para cumprir com a componente académica. Tenciono, acima de tudo, trabalhar nas escolas e com a comunidade, no sentido de minimizar a percentagem do abandono escolar das jovens adolescentes e desenvolver a capacidade de perceção face a prática dos rituais de iniciação na Província.

Pretendo particularmente focar nos benefícios da Educação Cultural em paralelo aos benefícios da Educação Escolar, ou seja, lutar para uma ação de interajuda nos meios necessários para:

1 - Criar um Instituto Provincial de Luta contra o SIDA no Cunene, com Programas de Educação sexual nas escolas (em conexão com a Direção Provincial da Educação), em favor das crianças e dos jovens.

2 – Criar programas de intervenção psicológica nas escolas (na lógica preventiva), que serão executados em grupo de meninas que já completaram 10 anos de idade, até à sua passagem pelo *Efundula*. Tais programas terão como finalidade sensibilizar as meninas em questão no sentido de dar continuidade aos estudos saudavelmente. Os mesmos programas deverão incluir sessões de intervenção para os pais/encarregados de educação e sobas, no sentido de discutir, analisar e adequar os critérios e as estratégias da prática e vivência dos rituais de iniciação.

3 – Sugerir e lutar para que o ritual de *Efundula* seja praticado a partir dos 18 anos e seja melhor esclarecido o seu valor na cultura local e na vida nas meninas;

4 – Criar programas que envolvem os pais na participação e acompanhamento na educação dos filhos;

5 – Colaborar com o Governo Provincial na criação de programas sociais de luta contra o consumo de álcool, expressamente por parte de menores de idade;

6 – Conjuntamente com o mesmo Governo, cooperar para a criação de ofertas de formações profissionais (Formação de Professores, ADPP, Técnicos de Enfermagem e Técnicos de obras Públicas), (com 50% do custo da formação) para alunos que terminam a 9.^a Classe (escolaridade obrigatória) para incentivar a aquisição de empregos no futuro.

7 – Criação de Projetos que incentivam as mães adolescentes a dar continuidade dos seus estudos e outras actividades de carácter profissional;

8 – Promover conferências e clubes de rapazes, a fim de incentivar-lhes a analisar os papéis e as relações de género, compreender as ligações entre masculinidade e violência contra as raparigas, assim como explorar alternativas. Desta forma desmistificar-se-á alguns dos preconceitos que limitam o desempenho académico e as aspirações das raparigas e proporcionar um ambiente favorável à educação e empoderamento das raparigas.

9 – Criar clube de adultos voluntários para apoiar crianças no período em que as mães vão a escola.

OBS: Os clubes mencionados, beneficiar-se-ão de sessões de aconselhamentos e/ou formações, debates, questionários e peças de teatro sobre a educação das raparigas e a sua importância. Pelo menos duas vezes por mês numa fase inicial. Sendo que alguns deles envolverão pais/encarregados de educação como público alvo. E na posição de formadores eu na condição de psicóloga e contarei com o auxílio dos professores, membros da comunidade religiosa local e de estudantes universitários, assim como das autoridades civis e governamentais a nível da Província.